

João Antônio Buhner

ZU CA

S
A
R
D
A
N

QUALQUER PRAZER ME DIVERTE,
MAS NEM TODA TRISTEZA ME FAZ CHORAR

Estripulias

João Antônio Buhner

**QUALQUER PRAZER
ME DIVERTE,
MAS NEM TODA TRISTEZA
ME FAZ CHORAR**

ESTRIPULIAS DE ZUCA SARDAN

Fotos Ingeburg Saldanha





Ihrem hochverehrten Lehrer
seine dankbaren Schüler.



*Vou comezzar a te responder como estivesse eu
estivesse meio esquecido... e aí você avisa que... dado o
adiantado da hora... plek! plek!... o livro
autobiográfico do que estávamos mesmo falando... qual
era mesmo o livro?... plek! plek! plek!...
Abbrazzzzi Zuca*

PRIMEIROS TELETROS

Depois de quase quarenta anos colecionando tudo o que encontrava sobre Zuca Sardan, pude finalmente ter contato direto com ele no início de 2020. Confesso hoje que, apesar de todo esse tempo, conhecia muito pouco de sua obra. Conhecia apenas a superfície.

Bastaram os primeiros e-mails para perceber que ali havia outra coisa. Zuca me contava histórias, recuperava episódios, enviava poemas, desenhos, lembranças, personagens e informações que eu jamais havia encontrado nas publicações a que tivera acesso. Muitas vezes tive a impressão de que estava falando de coisas inéditas, só para mim. Com o tempo, percebi que parte daquele material de fato permanecera restrita à sua correspondência e que eu não poderia guardá-lo unicamente comigo.

O poeta Hermínio Bello de Carvalho tem uma frase que há muito me acompanha e que acabou servindo também de orientação para este trabalho:

É proibido engavetar conhecimento.

Mas como organizar aquela correspondência diária? Comecei simplesmente salvando os e-mails e guardando-os no computador. Aos poucos, tentei estabelecer alguma ordem. A tarefa tinha algo de contraditório: como organizar metodicamente o arquivo de um homem tão próximo da Patafísica e do Dadaísmo?

Mesmo guardados com método, os e-mails resistiam à ordem. O que aparecia neles ultrapassava tudo o que eu imaginava sobre o artista. Eu tinha de Zuca uma imagem plana; aos poucos, ela se revelou caleidoscópica. Quando comecei a escrever este livro, optei por seguir uma linha do tempo, mas nem mesmo a cronologia conseguia conter inteiramente aquela matéria. Histórias, poemas, desenhos, personagens, livros, folhetos e lembranças se cruzavam continuamente, abrindo desvios dentro de desvios. Era um labirinto.

Curiosamente, Zuca parecia conhecer de memória os caminhos desse labirinto. Sua obra podia ser anárquica, dispersa e cheia de meandros, mas suas lembranças iam encontrando lugares umas nas outras, como peças de um quebra-cabeça que se montava diante de mim.

Este livro nasceu dessa conversa e da tentativa de acompanhá-la. É, em grande medida, uma reportagem em que Zuca Sardan fala quase o tempo todo. Reúne também depoimentos de seus contemporâneos, daqueles que consegui localizar, e documentos de um arquivo que, à medida que crescia, começou ele próprio a contar histórias.

Boa parte desse arquivo foi reunida a partir de 2020, seguindo pistas que o próprio Zuca generosamente me dava. Uma referência levava a um livro; um livro, a uma revista; uma revista, a um jornal, uma plaqueta, uma correspondência ou outro nome. Muitas vezes fui atrás de publicações raríssimas, há décadas fora de circulação, e, por uma combinação de persistência e sorte, consegui encontrá-las.

Outras continuaram inacessíveis. Não consegui localizar um exemplar de *Manifesto Geometrista*, seu primeiro livro, nem o livro de inglês comercial que Zuca teria ilustrado na juventude. A capa de *Manifesto Geometrista* reproduzida nestas páginas foi localizada em uma revista literária; das ilustrações do livro de inglês, até hoje, não encontrei qualquer reprodução.

*Tentei organizar esse arquivo. Zuca, naturalmente, continuou
escapando dele.*

João Antônio Buhner

folhas mais
ou menos sparsas



SUMÁRIO

ZUCA SARDAN QUE TIRA DESENHOS E GUINHÓIS DA CARTOLA DE CARLOS

FELIPE SALDANHA.....	12
ZUCA E OS SINAIS DE SEUS TELETROS	15
LE VISAGE DE TULI E AS AVENTURAS EM PARIS	19
O DRAGÃO DE RODAS.....	26
A ÚLTIMA VIAGEM DE ARKADIN D'Y SAINT AMÉR.....	29
POEMAS ZUM	33
SENHOR, A LENDÁRIA REVISTA	34
SOMBRAS AÇÕES	36
BEBHÊ GOMÃO ANUNCIA	39
O MANDARIM.....	42
ZUCA SARDAN, O ILUSTRADOR	44
A CARREIRA METEÓRICA DO PINTOR C. PANTAZ.....	47
FRANCISCO ALVIM E O DUPLO ZUCA SARDAN.....	48
INFÂNCIA VETUSTA.....	50
AQUELES PAPÉIS.....	56
ZUCA É UM DOS 26 POETAS HOJE.....	58
BRIC- À- BRAC, Nº 3	63
BANDO 2.....	64
ÁGUAS EMENDADAS DE CARLOS SALDANHA.....	65
POESIA LIVRE	67
POEMAS	69
VISÕES DO BARDO	70
OS MYSTÉRIOS	72
ALMANACH SPORTIVO	74
GORDITO FABERGÉ E LUIZ SÁ.....	77
TICO-TECO	79
ZUCA SARDAN – BIOGRAFIA	82
O ZEPPELIN	82
THESOIRO DA JUVENTUDE.....	84

OS SALDANHAS.....	85
FILHOS DE ZUCA	87
ZIP ZUCA TRIO – OS FILHOS SARDANS	88
O NASCIMENTO DE ZUCA SARDAN	89
CICLOS DA OBRA DE ZUCA SARDAN	93
ZUCA E SEUS SPHOLHETTOS E FOLHAS SOLTAS	97
O LABIRINTO DOS SPHOLHETTOS	100
FOLHAS AO VENTO	103
ZUCA LANÇA O GUINHOL OU GUIGNOL?	105
OS PERSONAGENS DO UNIVERSO GUINHOL.....	108
CENAS DO GUINHOL.....	109
QUADRITAS DE ZUCA SARDAN / 722	120
ZUCA PUBLICADO FORA DO BRASIL	126
ZUCA EM REVISTAS PORTUGUESAS.....	126
ZUCA EM MADRID	126
ZUCA NAS ILHAS CANÁRIAS.....	127
ZUCA NA HOLANDA	127
ZUCA TRADUZIDO PARA O FRANCÊS	128
ZUCA BILÍNGUE EM LIMA	129
QUEDAS.....	130
MEMÓRIAS DE TIO NICETTO.....	133
ZUCA SARDAN NA PONTA DA <i>AGULHA</i> : PARCERIAS COM FLORIANO MARTINS.....	136
PASCO BEXIGA, UM JORNAL COM MANHA BRANCALEONICA	141
ZUCA SARDAN PELA INTERNET AFORA	145
<i>REVISTA PESSOA</i>	145
MEGAFONE, DEIXA FALAR	148
TRIPLOV	148
MILORDE E MEDUSA	151
PEIXE ELÉTRICO	152
O HUMOR E O DUPLO	154
O HUMOR E O ACASO.....	156
O HUMOR PATAPHYSICO	157
A GUERRILHA CULTURAL DE ZUCA	158
K-7, DECLAMAÇÃO E TEATRO SONORO	159
ZUCA NA REVISTA <i>RUA</i>	161

A TRILOGIA	163
<i>ARTE EM SÃO PAULO</i>	168
MALLARMÉ, A TINTA DAS LETRAS E A POESIA VISUAL DE ZUCA	172
<i>CINEFOTORAMA</i> , LIVRO DE FOTOS DE JOSÉ MEDEIROS... 175	
MICROEDITORAS, PLAQUETAS E NOVOS SPHOLHETTOS	176
EDIÇÕES CARTONERAS.....	181
RECEPÇÃO E FORTUNA CRÍTICA DE ZUCA	185
FLORA SUSSEKIND E OS “NÃO-LIVROS”.....	186
INSTITUIÇÕES SARDÂNICAS	187
ZUCA NA REVISTA <i>PLAUÍ</i>	188
BABYLON E XIMERIX	189
MEMÓRIAS DE UM VELHO DIPLOMATA.....	194
<i>A PHALA</i> E O SURREALISMO NO BRASIL.....	196
ZUCA E A INIMIGO RUMOR	199
SALÃO DE JULHO – LIBRETO (2017)	200
FILME RUÍNAS DE <i>NAVARONE</i> (2023).....	201
ANTOLOGIA COMENTADA DA POESIA BRASILEIRA DO SÉCULO 21.....	202
ZUCA NA FLIP 2013	203
ZUCA PREFACIA SENRYU & ME DA LARANJA ORIGINAL 209	
Jarbas Lopes e a editora Kadê	211
BIBLIOGRAFIA PROVISÓRIA DE ZUCA SARDAN.....	214
SPHOLHETTOS, FOLHETOS E EDIÇÕES ARTESANAIS	215
LIVROS E EDIÇÕES POR EDITORAS	217
PARCERIAS E OBRAS COLETIVAS.....	217
UMA BIBLIOTECA SARDÂNICA	219
PALAVRAS FINAIS	223
SOBRE O AUTOR	225
PEQUENO LEXICON SARDÂNICO	226



ZUCA SARDAN QUE TIRA DESENHOS E GUINHÓIS DA CARTOLA DE CARLOS FELIPE SALDANHA

Zuca Sardan é um dos pseudônimos literários de Carlos Felipe Alves Saldanha e aquele pelo qual acabaria definitivamente conhecido. Diplomata de profissão, fez da poesia uma atividade permanente. Seus poemas passam da paródia mítica ao nonsense num piscar de olhos. Embora sua obra seja anterior à chamada *Poesia Marginal*, Zuca foi muito bem recebido pelos jovens poetas dos anos 1970, chegando a ser chamado de patrono do movimento.

Nos anos 1960, participou em São Paulo da experiência do *Rex*, ligada ao ambiente do Realismo Fantástico e atravessada por referências surrealistas e dadaístas. Colaborou com desenhos e poemas no *Rex Time*, jornal do grupo.

Desde os anos 1950, produzia também seus próprios spholhetos: pequenos folhetos artesanais, muitas vezes impressos de maneira rudimentar e distribuídos entre amigos. Zuca gostava de aproximá-los do universo dos gibis, território em que poesia e desenho podiam conviver livremente.

Sua obra estabelece afinidades com o Surrealismo, o Dadaísmo e uma vasta tradição do humor e do nonsense, na qual convivem nomes tão diversos quanto Lewis Carroll, Edward Lear, Wilhelm Busch, Luiz Sá e Max Yantok.

Embora parte de sua obra tenha chegado a editoras como a Unicamp, a Cosac Naify e a Companhia das Letras, grande parte de sua produção circulou de forma independente, artesanal e em pequenas tiragens. Muitos desses folhetos, gibis e folhas volantes, distribuídos entre uma pequena confraria de leitores, são hoje difíceis de encontrar.

Não é fácil explicar a obra de Zuca. Nela convivem mitologias variadas, informação histórica, alta e baixa cultura e uma profusão de citações. Muita coisa me escapa e, no entanto, ao final fico sempre com a estranha impressão de ter entendido tudo.

Sobre a autoria desta reportagem literária, Zuca, com toda a sua perspicácia, disse:

Meu caro João, você é modesto demais. O povão e os das classes mais perus-de-cartola e peruas-chiques têm uma visão bi-dimensional do mundo, não têm noção de nuances mais elevadas.

Então você deve ser modesto, o que é uma virtude, mas que deve disfarçá-la ao máximo, senão eles e elas vão querer te jogar pedras. O livro é todo teu. Eu sou tão só o torero que te conta seus altos e baixos nas toradas de Madrid. Mas o livro é teu, e sinto-me reviver ao te contar as peripécias porque passei, e revivo de um certo modo minha vida, com o máxima saudade e prazer, pois vejo muita coisa que quando vivi não percebi, e que agora, depois de velho-de-bengala, então passo a perceber, o que é uma maneira de ora reviver o que não vivi, por distração...

João. Não tenho pressa de morrer. Tuas reportagens são um elixir de vida pro velho. No caso reportagem tem o sentido de trazer de volta o que eu tinha esquecido e que posso assim agora reviver, com a melhor alegria. Gratíssimo!... Abbrazzzzi Zuca



ZUCA E OS SINAIS DE SEUS TELETROS

Logo que consegui o e-mail de Zuca, começaram a chegar os teletros. Às vezes vários no mesmo dia. Era como se os antigos spholhetts artesanais tivessem simplesmente migrado para dentro da máquina. Os poemas já não vinham acompanhados de desenhos, mas a diagramação continuava delirante: letras repetidas, desvios ortográficos, blocos tipográficos, ruídos gráficos. Tudo parecia calculado e improvisado ao mesmo tempo.

Nos antigos folhetos, Zuca recorria à escrita manuscrita, a colagens, desenhos e arabescos, como se cada publicação fosse uma espécie de gibi artesanal. No computador, passou a explorar os próprios recursos do teclado: repetições tipográficas, onomatopeias, sequências de letras e sinais gráficos.

Zuca tirava proveito da diferença entre o teclado alemão e o brasileiro, transformando limitações técnicas em procedimento poético. Revisar seus textos não era tarefa simples; corria-se sempre o risco de destruir justamente aquilo que lhes dava vida, pois os “erros” também faziam parte da escrita.

A operação lembrava, em certos aspectos, a guerrilha gráfica do *Jornal Dobrasil*, de Glauco Mattoso. Assim como Glauco explorava os recursos da máquina de escrever e dos dactilogramas, Zuca passou a utilizar os limites gráficos do e-mail como linguagem poética.

O próprio Zuca tratou de explicar:

Meu caro,
A minha utilização do ß por ce-cedilha, ä por a-til, e o ö por o-til é só porque estes signos NÃO existem no meu teclado alemão. Há uma possibilidade de trocá-los, mas pra mim, péssimo conhecedor dos truques do email, tornar-se-ia um trabalho de Sisyphe, que interromperia o fluxo de meu pensamento. Prefiro então deixar assim, pra no fim corrigir. Mas quando chego ao fim, preciso reler e eventualmente encontrar gralhas, e fazer mudanças. Nessas mudanças reaparecerão meus sinais alemães, e eu teria de fazer uma nova correção dos acentos. Então, uso esses acentos alemães e deixo ao leitor sacar o que significam. Também acho os zzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzz importantes, pra espacialização do escrito.
Abrazzz /

O CAPITÃO FANTASMA INVENTA A GEOMETRIA

Os três primeiros livros publicados

Em meio à repercussão do Concretismo, O Capitão Fantasma resolveu então fazer também o seu movimento e lançou o *Manifesto Geometrista*, através de um folheto impresso na Gráfica Tupy, do uruguaio Acquarone, graças ao apoio financeiro do FF, alcunha de seu pai em operações sigilosas.

Spalhei o folheto pra lá e pra cá, e a capa super-moderna agradou aos concretistas, que a publicaram no *Suplemento Dominical*. Fui à redação agradecer, onde me apresentei como o Capitão Fantasma, e os figurões receberam muito simpaticamente.

Entre o Rio de Janeiro e a temporada parisiense nasceriam seus primeiros livros: *Cadeira de Bronze*, de 1957, *Manifesto Geometrista* e *Operette-Inachevée*, ambos de 1958. Zuca, entretanto, guardava outra lembrança da cronologia desses primeiros trabalhos:

Foi em 1958. Antes disso, no Rio de Janeiro, havia lançado um folheto em que proclamava minha última invenção, poesia em forma de geometria cartesiana, que se fazia com eixos de x e y, equações de segundo grau, etc. Naquele tempo eu tinha um carro esporte NG tipo TC vermelho com rodas de aros, que lançava fogo pelo capô!¹

*

Cadeira de Bronze foi trambicado a partir do Nada, eu era ainda completamente desinformado sobre poesia, e escrevia de instinto. Tem o valor histórico de ser meu primeiro trabalho, sendo inclusive ilustrado com meus desenhos que então eram bem mais maduros que a poesia, visto que comecei a desenhar aos 5 anos (o-ro-rooo). Só poderia ser publicado se revisto com a tesoura (ou seja, eu não modificaria nada do original, mas cortaria os trechos mais infames).

*

Quanto à *Operette-Inachevée*... é um folhetim, também de Paris, em que tentei unir poesia com desenho, e de que Flora Sussekind tinha uma cópia e fez uma crítica (!) e que, se talvez ainda lhe reste o exemplar, será

¹ Trecho do prefácio de *Bebê Gomão* (1967).

certamente o derradeiro existente. Naturalmente, se publicado, resultaria divertido.²

Quando enviei a Zuca por e-mail as digitalizações de *Cadeira de Bronze*, ele respondeu:

Este exemplar, com a pátina do tempo, tornou-se deslumbrante. Nunca imaginei que pudesse se tornar assim tão bonito!... Merci, Jabuher!...

*

João,

O *Manifesto Geometrista* saiu num *Correio da Manhã*, no seu Caderno B³, creio em 1955⁴, inteiramente devotado ao Concretismo, uma revolução explosiva num país ainda embrulhado no Academicismo. A capa saiu realmente engraçada e... geometrista. Fosse eu na ocasião um pouquinho mais esperto... e me teria dedicado a desenhos geometristas. O sucesso realmente maior foi mesmo o da capa, do que o dos poemas. Porque em desenho eu então estava bem mais maduro do que em poesia. Inclusive entrei, em 1955, no Sala de Arte Moderna do Salão Anual de Artes Plásticas do Rio de Janeiro, que era apresentado pela Escola Nacional de Belas Artes, no seu prédio original, do início do século XIX sob o patrocínio de D. João VI. Bons tempos, eu com 22 anos, sonhando com um destino triunfal... O-Ro-Roooooooo...

Era um pequeno anúncio gráfico 10x10cm praticamente só um desenho quadradito muito bem feito, utilizando meu desenho que creio era da capa do folheto. O título era *Manifesto Geometrista* e no folheto eu explicava o que era, e como fazer um poema cocretista. Na última página eu mostrava um exemplo de poema geometrista. Após a publicação fui agradecer, na redação do JB, e os dirigentes e poetas do Caderno B que por acaso estavam lá, foram getilíssimos comigo. Abrazzzzzi /

zzzzzzzzzzzzuca

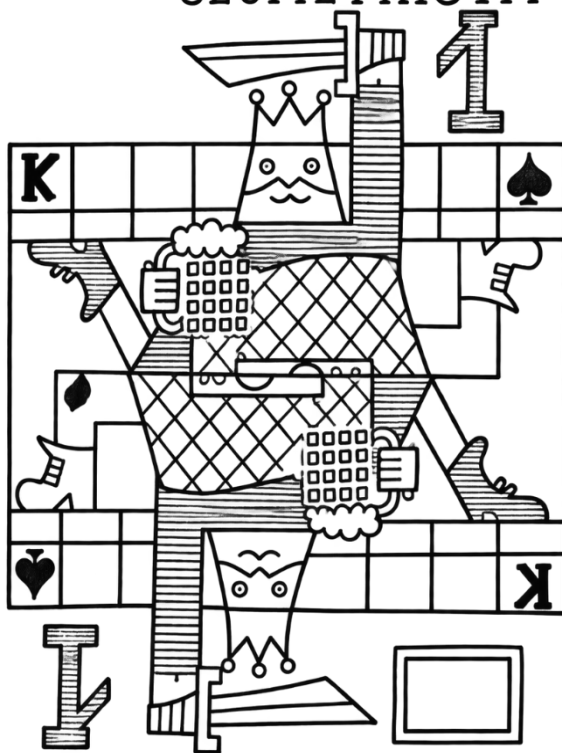
BB

² E-mail de Zuca Sardan para Marília Garcia sobre os livros do período parisiense nos anos 1950.

³ Tudo leva a crer que Zuca se refira ao *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*, e não ao *Caderno B* do *Correio da Manhã*.

⁴ A memória de Zuca diverge, neste ponto, da documentação consultada. Embora ele situe a publicação do *Manifesto Geometrista* em 1955, os registros localizados para esta pesquisa indicam 1958, data adotada na bibliografia deste livro.

MANIFESTO GEOMETRISTA



LE VISAGE DE TULI E AS AVENTURAS EM PARIS

Esqueci, ao chegar a Paris, em cima do armário do Hotel de chegada, umas torneiras que um senhor Xavier amigo de meu bom amigo Jacquot [...] quando soube que eu ia pra Paris me passou um pacote colossal de torneiras, que eu deveria entregar no escritório Tal, pro Senhor Bonnet. FF ganhou o Premio de Viagem ao Estrangeiro, mas ficou encerrando o pavilhão, pra ter tempo de acabar um colossal projeto que estava aprontando, meses a fio, e por fim me despachou na frente, pra eu preparar sua chegada, junto com minha mãe.

E assim passei meses e meses a fio em Paris, numa boa espera sebastianista.

Assim que... FF ganhou o prêmio da viagem em 56, mas só chegou a Paris em 58, no ano do lançamento de *Le Visage de Tuli*.

Foi nesse período que surgiu *Le Visage de Tuli*, publicado em Bordeaux, em 1958⁵.

A editora era de Bordeaux, editava uma pequena revista literária voltada pra poesia, e estava numa fase após uma 1a. de muito prestígio... Eu andava procurando então uma entrada nalgum órgão francês, e achei que seria uma dica boa, porque justamente NÃO era revista de PARIS, onde a competição é colossal.

O Hotel de la Tournelle, onde Zuca viveu durante esse período, reaparece constantemente em seus relatos. Ali, móveis eram deslocados de lugar, ateliês improvisados e murais pintados nas paredes.

O mural das *Vaches du Chaos* estava pintado na parede em caracol do Hotel da la Tournelle, rue de la Tournelle 56, na esquina com a rua de la rive gauche du Seine (da margem esquerda do Rio Sena) bem diante ao lado sul da Cathedral de Notre Dame.

Anos depois voltei lá, o Hotel e todas as ruas em volta tinham sido modernizadas e cafonizadas, e meu painel bissecular tinha se evaporado.

⁵ *Le Visage de Tuli*. Bordeaux: Les Nouveaux Cahiers de la Jeunesse, 1958.

Sobre o mural, escreveu ainda:

Vaches Volantes foi um mural em espiral, que pintei em 1957⁶ em Paris, e que sobreviveu até 1966, aproveitando o caracolante muro em que se apoiava a escada em caracol do pequeno Hotel de la Tournelle.

*

O lançamento de *Le Visage de Tuli*, em 1958, foi feito em sequência à inauguração da Expô de quadros de FF Saldanha (meu pai) que ele pintara a uma fulminante velocidade num quartinho dos fundos do Hotel de la Tournelle.

A comemoração continuou no Café Le Procope.

O Café Le Procope foi fundado nos tempos da Revolução Francesa, e frequentado pelos maiores escritores da época, de que os grandes retratos ovais ornaram as paredes. Apenas, o Le Procope então estava esquecido e abandonado, creio só sobreviveu graças ao serviço do Patrimônio Nacional. Então, na ocasião do lançamento do Tuli era praticamente um restaurante de almoço popular, que só ocupava a sala de entrada; a decoração era um pastiche de si própria, dos gloriosos tempos da Revolução.

O Senhor Pierre, então proprietário do Le Procope, era sumamente gentil e interessado nas artes. Assim, aceitou prazeroso a solicitação de receber no seu restaurante os convivas da Exposição e nos reservou todo o andar de cima, para os participantes da Expô FF e que agora festejavam o lançamento de *Le Visage de Tuli*, a plaquete de poesias editada numa revista de Bordeaux, *La Jeunesse*, de que o editor, Jean Germain, sempre me deu o maior apoio. Guardo a lembrança de todas essas pessoas com um sentimento de saudade e admiração. Foi um dos dias mais maravilhosos de minha vida. Daí pra frente uma série de desastres e frustrações, salpicados dalguns momentos d'intensa alegria, muito bons, acá e acolá.

⁶ A datação e o título do mural variam nos depoimentos. Nesta passagem, Zuca situa sua realização em 1957 e o chama de *Vaches Volantes*; em outro relato, refere-se à obra como *Vaches du Chaos*. Outros registros consultados para esta pesquisa a situam em 1959, enquanto Wesley Duke Lee recordava o título como *Les Vaches en Descendant les Escaliers*.

O segundo dos livros de Carlos Filipe Saldanha, numa façanha coerente com o teor de sua obra e o espírito impertérrito do *Capitão Fantasma*, foi escrito em francês. Isto porquê devia ser enviado a um concurso que a Fédération Internationale de la Jeunesse promovera em 1958, época em que o autor se encontrava em Paris. Escrito em um francês capenga que lhe dava maior graça, e uma velhinha datilógrafa da La Rue de la Luna (variante real daquelas com o qual Capitão, gentilíssimo e negligente, toma chá de imensos samovares de prata) passou a limpo e melhorou a sintaxe declarando sempre que abominava toda a poesia... Esse episódio romântico-detetivesco com frêmito final seria impresso pelos Nouveaux Cahiers de La Jeunesse em 1958 avec un dessin du Capitaine Fantôme na folha de guarda.⁷

⁷ Alexandre Eulálio, in *O vasto mundo do Capitão Fantasma*, *Jornal de Letras*, 1962; depois republicado em *Livro Involuntário*, 1993.



ZUCA SARDAN É REX E SUA FABULOSA RELAÇÃO COM WESLEY DUKE LEE

A amizade entre Zuca Sardan e Wesley Duke Lee remontava aos anos 1950, quando os dois se encontraram em Paris. Muito antes da experiência do Rex, já compartilhavam leituras, personagens e uma visão de mundo marcada pelo surrealismo, pelo humor e, sobretudo, pela Patafísica.

Cacilda Teixeira da Costa atribuiu a esse encontro uma importância particular. Segundo ela, Zuca já trazia consigo uma espécie de formação patafísica intuitiva, iniciada muito antes de Paris, que acabaria compartilhando com Wesley:

Carlos Felipe era discípulo da Patafísica desde menino, quando a curtiã nas folhas d' *A Manhã*, e dos almanaques do *Barão de Itararé*, embora não tivesse consciência disso (nem ele nem o Barão provavelmente). Em seguida, já adolescente, continuou por esta senda levado por Vicente Celestino (que ele considera grande figura patafísica), e finalmente Charles Baudelaire, através de quem conheceu Breton, o surrealismo, Dali, Ernst, e em retrospecto chegou a Jarry e a Patafísica. Com este companheiro Wesley entrou no processo de conhecimento e fascínio de Jarry, Raymond Russel, Vollard e todos aqueles malucos geniais, além de Duchamp, que já admirava desde os tempos de estudante em Nova York. Wesley e Saldanha, ou Arkadin e o Capitão Fantasma como eles se auto-denominavam, empenharam na leitura das obras desses autores, sobretudo a teoria Patafísica, Ubu e os Almanques.

Anos depois, essa cumplicidade reapareceria na experiência do Rex, em São Paulo.

Nessa fase do Rex, de que ora tratamos, com a fundação da Art Gallery⁸ em São Paulo, Wesley, fraternal amigo que sempre me deu o maior apoio, fez questão de que eu participasse.

⁸ Refere-se à Rex Gallery & Sons, inaugurada em São Paulo em 1966.

Os desenhos são engraçados, adotei a forma quadrinhos de komix... onde tentei algumas experiências... por ex. desenhos de cabeça-pra-baixo, que a seguir eu desvirava... alguns com legenda, justamente pra que fizessem uma hq..

Até hoje, de vez em quando uso a técnica *Ucello*, ou seja desenhar qual eu fosse um pássaro, numa perspectiva em que estou voando por cima, vendo a cena de cabeça-pra-baixo. Quando o desenho está pronto reviro-o de cabeça pra cima, e tenho uma visão imprevista, original pra mim mesmo. Outra forma de desenho-pássaro é mais extrema: desenho de olhos fechados. É o desenho Voo-Cego. É bem mais imprevisto, o desenho guarda a força dramática mas torna-se... não-figurativo. Os meus n°s do *Rex Broders*, infelizmente perdi todos na minha vida andando de Moscou pra Haia, Argel, etzz etzz

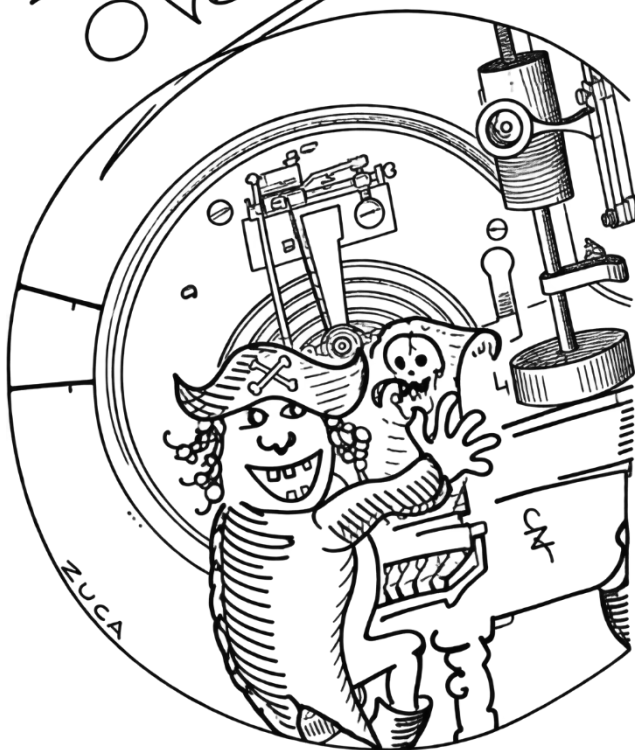
ABRAZZ /
ZZUA



Com o ingresso no Itamaraty, a vida de Zuca começou a afastá-lo progressivamente da movimentação artística de São Paulo. Em 1964, já não podia viajar para a cidade com a mesma facilidade. Sobre aquele momento, recordou:

24

Zuca
O Vestida Juba



O DRAGÃO DE RODAS

No Hotel de la Tournelle, onde moravam, Carlos Felipe pintou na escada em caracol o mural *Les Vaches Volantes* (1959). Segundo Wesley Duke Lee, o título seria *Les Vaches en Descendant les Escaliers*, inspirado em Marcel Duchamp. Em Paris, Zuca e Wesley frequentavam quase diariamente a Livraria do Minotauro, procurando textos, cartões-postais antigos e livros estranhíssimos que os introduzissem naquele universo.

Nesse contexto, o humor aparece não como contraponto ao trágico, mas como forma de conhecimento, ou mesmo como processo metafísico de conhecimento, capaz de atravessar para o outro lado do espelho. A ideia é exemplificada pelos versos de Saldanha:

Do outro lado do espelho Dona Ciência,
Existe um mundo diferente,
de que a senhora nem sabe...
A arte...

...um sistema de conhecimento,
como já dizia o Goethe,
mas acho que ninguém ouviu, ele estava meio rouco,
pegou gripe na Itália

Naqueles anos, enquanto Wesley desenvolvia a série do Templário, Saldanha publicava *Cadeira de Bronze* (1957) e *Le Visage de Tuli* (1958). Sob o nome de Cedric Ferrugem, escreveu *O Dragão de Rodas*, publicado em formato de folheto de cordel para a exposição de Wesley na *Terrível Dragão de Rodas*, em 1964.

Ali surgem monstros, castelos arruinados, cavaleiros patafísicos e o Capitão Fantasma enfrentando criaturas absurdas dentro do mesmo clima surreal-mítico-irônico das pinturas de Wesley. No folheto, um monstro fantástico assola Petrópolis até ser derrotado pelo Capitão Fantasma, em meio a castelos arruinados, criaturas absurdas e cavaleiros patafísicos que remetem ao mesmo universo das pinturas de Wesley.

Cedric Ferrugem também aparece como personagem fantasmagórico em telas de Wesley. Junto de Arkadin d'y Saint Amèr, Kunegunde Aus Per Zee e Sergio de Neteras, integrava os Quatro Cavaleiros do Eclípsse.

Todos esses alter-egos, visualizados como monstros, e a atmosfera de castelo arruinado, de filme de terror argentino, como diz Alexandre Eulálio,

remetem ao texto de Brunella Eruli⁹, no qual ela expõe a posição jarriana a respeito do monstro: não como um erro ou rabisco da natureza, mas como um sinal de um processo que, dando livre curso a todas as soluções imaginárias possíveis, coloca em perigo a segurança e desestabiliza as certezas estratificadas.



Com o tempo, o círculo de convivência dos dois se desfez. Passaram a viver distantes, mas continuaram desenvolvendo trabalhos em estranha sintonia. Como escreveu o Capitão recentemente:

Às vezes sem absolutamente sabermos, estamos curtindo exatamente as mesmas ideias, e quando de repente nos comunicamos, nos espantamos de estar desenvolvendo projetos assim mais parecidos que dois irmãos gêmeos. Uma espécie de processo de vasos comunicantes entre o Wesley e eu. Só que o Wesley quando tem ideias simétricas às minhas, ele as transforma em obras exteriores e eu não consigo sair da clandestinidade de minha interiorização, num labirinto de significados enigmáticos.

⁹ Jarri: I mostri dell' immagine, Pacini Editore, 1982.



A ÚLTIMA VIAGEM DE ARKADIN D'Y SAINT AMÉR

Porque o Wesley foi o meu maior amigo, duma gentileza enorme, que sempre procurou me ajudar.

Assim Zuca resumiu, muitos anos depois, sua relação com Wesley Duke Lee. A amizade iniciada em Paris nos anos 1950 atravessou décadas, mesmo quando os dois passaram a viver distantes. Nos relatos de Zuca, Wesley continuaria sendo Arkadin, o cavaleiro de um universo particular que os dois haviam começado a construir ainda jovens.

Zuca recordava que Wesley ficou profundamente abalado depois de não conquistar um prêmio na Bienal de Veneza. Algum tempo depois, foi visitá-lo em São Paulo:

Depois deste golpe fui a São Paulo visitá-lo ele bebia e se drogava, num desespero mal disfarçado. Foi a última vez que conversamos intensamente.

Muitos anos mais tarde, a história dos dois voltaria se cruzar. Cacilda Teixeira da Costa, de uma generosidade ímpar com esta pesquisa, cedeu-me o DVD de *A Última Viagem de Arkadin d'y Saint Amér* (2007), filme sobre Wesley realizado a quatro mãos com Sérgio Zeigler e do qual Zuca também participou.

Cacilda foi a Hamburgo filmá-lo. Diante da câmera, Zuca assumiu mais uma vez um personagem:

Sua grande amiga crítica de arte Cacilda Teixeira da Costa, veio a Hamburgo me filmar com um jovem cinematografista, e eu fiz, aqui em casa, com iluminação especial, o papel de um Barão Fantasma que recitava a história do Wesley, o Cavaleiro Arkadin de Saint-Amer (Wesley morava em Santo Amaro), e o Barão Fantasma narrava a stória de seus sucessivos suicídios... um poema meu que ele publicou no catálogo de sua última grande exposição.

O filme registra Wesley já bastante debilitado. Zuca recordava que Cacilda lhe dissera que o fim do amigo estaria próximo. O reencontro dos

O DVD traz ainda, como extra, um spholhetto de Zuca com dez páginas e dez poemas: *Drama Fugaz*, *Bolero Metafísico*, *Escritório Lunar*, *Taxi Lunar*, *Favorita das Cartas*, *Lúcida Carcaça*, *Só Sobraram Serpentinhas*, *Sorriso Terminal*, *Tango Andaluz* e *Theatro Ratazana*.

Ao saber que eu pretendia organizar uma exibição do filme no Cineclube MIS de Campinas, Zuca imediatamente começou a imaginar os convidados: Lydia Lee, Luisa Strina, Sabine e representantes do Instituto Wesley Duke Lee. No mesmo teletro, anunciou que me enviaria um retrato-caricatura de Wesley, surgido, segundo ele, por acaso:

Vou te passar um retrato-caricatura que tenho do Wesley, que fiz num repente inesperado, creio que foi ele quem surgiu repentinamente na folha, eu NÃO o estava desenhando.

Até essa aparição involuntária do amigo no papel parecia confirmar aqueles antigos vasos comunicantes entre Arkadin e o Capitão Fantasma.

Wesley carregava ainda outra obsessão que ajuda a compreender o nome Arkadin. Segundo Zuca, Orson Welles era uma referência fundamental para o artista, que durante muito tempo hesitou entre o cinema e a pintura. O próprio nome remetia a Mr. Arkadin, filme de Welles. Zuca contava ainda:

Nos 50s, Wesley foi à Suécia especialmente pra visitar um cinediretor então famosíssimo, Bergmxxx, ora me escapa o nome, e lá passou uns meses trabalhando no estúdio, e finalmente disse, ao Bergxxx¹⁰, que hesitava entre se tornar cineasta ou pintor. Tiveram uma longa conversa, Wesley mostrou fotos de seus quadros, e finalmente Bergxxx disse-lhe que o aconselhava a se tornar pintor.

¹⁰ Zuca refere-se, provavelmente, ao cineasta sueco Ingmar Bergman.

7-18

QUE ME VENHA



Que me venha agora
Defunta Infanta nas faixas
e m'assovie uma pavana
pelas Prestas dos devtins

GUAIACO

Rasuras de guaiaco
Raizes de rhuibarbo
Pó de Jalapa
Barbas de bardava

ZUCA



POEMAS ZUM

Poemas Zum é edição de 1969, lembro-me bem, porque está ligado a uma série de bons e maus terremotos que naqueles entones me aconteceram.

Helder de Moraes (diplomata) e o nosso saudoso Wesley Duke Lee resolveram me fazer um magnífico presente, juntaram vários esparsos folhetos mimeografados e os publicaram em Tokyo num magnífico folhetão (21x12cm), capa vermelha de cartão, 25 pgs.

Quando localizei um exemplar da plaquete e enviei a Zuca imagens da publicação, ele respondeu:

Pois então, João Xerlok! Achaste esta rariiiiissima plaqueta!... Nem o próprio X. Holmes faria melhor!... Na última página há um carimbinho mínimo, espremido em forma de retangulinho vertical, que é um auto-retrato de boné com que eu carimbava a 1a. página com dedicatória. Esta plaqueta escarlata; e outra mínima mimeog. em forma quadrangular.

Em outro teletro, associou o livro ao que chamava de sua “fase beatle”:

Poemas Zum são as mais marcantes da fase beatle do Zuca. Isso me traz nostálgicas lembranças do finzinho de minha juventude, que marcou meus psiquedelic dos 60s. Guardo imensa saudade e gratidão ao John Lennon, um amigo desconhecido, que marcou e enriqueceu e transformou minha vida. Que Sargeant Pepper o guarde, / Abbrazzzzi / zuca

A plaqueta de Zuca é constituída de 24 páginas, capa cartonada vermelha e plastificada e saiu em 1969. Ela reuniu três spholhetos de Zuca:

Poemas Zum (que dá nome a plaqueta), *A volta do Conde de Montechristo* e *Poesias pra chope e botequim* - com acompanhamento de caixas de fósforos

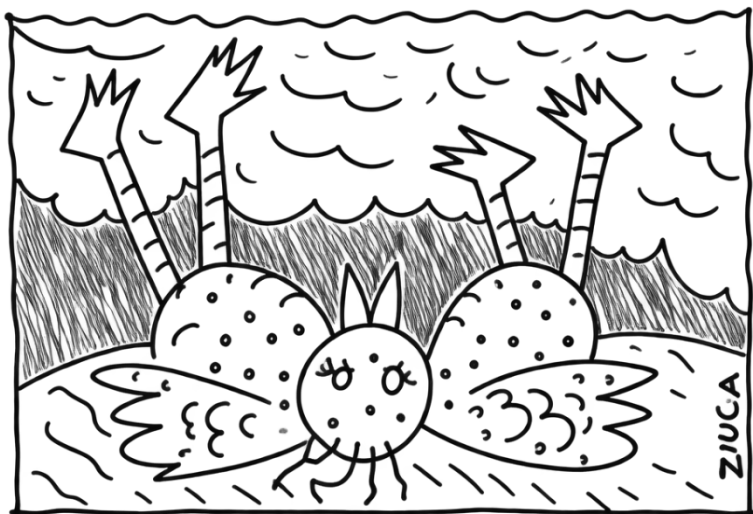
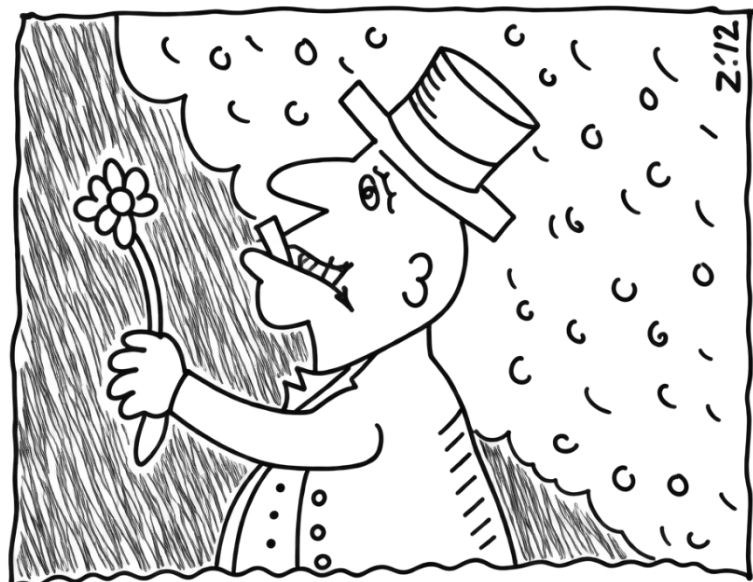
No final do livro aparece uma falsa carta-contrato de Zuca aos editores, manuscrita por Wesley Duke Lee. O documento funciona como poema visual e paródia burocrática, misturando carimbos, selos, colagens e elementos gráficos que simulam uma peça oficial registrada em cartório.

SENHOR, A LENDÁRIA REVISTA

Zuca colaborou na revista *Senhor* em sua segunda fase, dirigida por Paulo Francis e Reynaldo Jardim. Na edição de maio de 1962, foi publicada a fotonovela *O Rapto da Musa Art-Nouveau (Nikelodeon Photographico)*. A revista apresenta os créditos a Otto Stupakoff pelas fotos, a Mengo de Escamoens pelas legendas e a Wesley Duke Lee pelo trabalho gráfico. O elenco é identificado como Mengo, Arkadin e Laura.

Ao rever a fotonovela décadas depois, Zuca reagiu com surpresa:

Eu não me lembrava absolutamente desta extraordinária comica-ztripa que aprontamos, Wesley, Laura e Zuca!!!... Reconheci logo o Wesley e Laura, mas o Zuca... custei a me convencer fosse mesmo eu!... Foi pra mim uma maravilha, esta súbita surpresa (...)
É verdade, fotos do Otto Stupakoff, textos-bolhas do Zuca; artistas da fotonovela, Wesley, Zuca, e Beloca. A apresentação gráfica do Otto, com arabescos do Zuca, ficou ótima.
Abbrazzzzi / zzzzuca



SOMBRAS AÇÕES

As Sombras Ações (1976) foi o catálogo da exposição de Wesley Duke Lee na Galeria Luisa Strina. Como aconteceria em outras ocasiões, Wesley convocou Zuca para colaborar no projeto. Na época, Zuca ainda assinava como Carlos Saldanha, “professor do Colégio Rex”. O catálogo com 46 páginas, trazia um spholhetto ilustrado com nove poemas: *Perfil em sépia*, *Gazua e Chavões*, *Cataplasma*, *O Gato Tok*, *Maravilha*, *O rádio de Mogno*, *O jogador*, *Apostrofação* e *De Profundis*:

O GATO TOK

O gato Tok
só mijava em cima dos pergaminhos
das gravuras de Arkadin
que ganhavam assim
umas tonalidades em sépia e roxo
belíssimas...
alem de uma antiguidade
verdadeiramente chinesa.

Todo o catálogo era ornamentado com desenhos retirados do célebre *João Felpudo*, clássico infantil de origem alemã que aterrorizava as crianças do começo do século XX.

Os poemas seriam republicados posteriormente na *Antologia Crítica sobre Wesley Duke Lee* (1981), organizada por Cacilda Teixeira da Costa. O volume também recuperava o ensaio *A Felicidade do Lar*, publicado originalmente em *O Dragão*, “Órgão Oficial de Divulgação das Artes da Geração Tardia”, apresentado no João Sebastião Bar, em outubro de 1963.

A relação de Zuca com Luisa Strina não se limitou, porém, à colaboração em torno de Wesley. Na correspondência que manteve com a galerista, contou também sobre sua paixão por velhas máquinas de escrever:

Eu por aqui continuo fazendo uns gibis, apenas cada vez mais rarefeitos, em frequência e em tiragem... às vezes tenho a impressão de que já pendurei as chuteiras e que só estou disfarçando... às vezes penso que não... O fato é que quanto menos escrevo, mais compro maquina-dactylô

velha, à procura da máquina que tem guardada, escondida no mecanismo, a minha verdadeira obra, o Capolavoro que ainda não escrevi... E sigo comprando máquinas velhas, velhíssimas, quanto mais antigas mais possibilidades de estar escondendo o capolavoro... Enquanto isso há umas histórias se desenrolando na minha cabeça, num ritmo acelaradíssimo, tão acelerado que não consigo captá-las. Já estou pensando de comprar rádios velhos. Assim cerco o capolavoro por vários reinos... o reino mineral-mecânico, e o reino ethereo-ellectrico.

Décadas depois, parte dessa correspondência reapareceria no livro *Luisa Strina 50* (2025), publicado em comemoração aos cinquenta anos da galeria. O volume reproduz algumas páginas do livro-ata da galerista, no qual foram reunidas cartas, postais, desenhos e outras peças de memorabilia recebidas de artistas ao longo dos anos, entre elas diversas cartas e postais de Zuca Sardan.



o 3 44 Q...
 6 6 4 21 Scirius mo. 7 6 M.
 6 6 4 52 6 M C

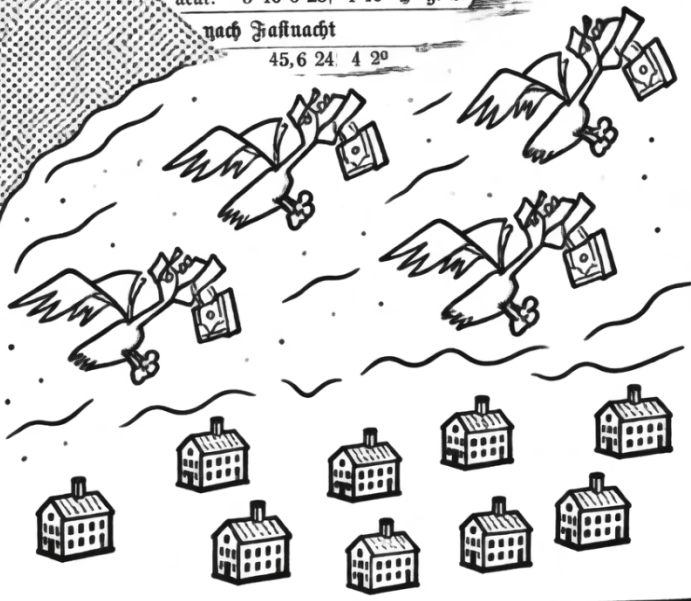
... Mart.-15.
 262,733,341 pour
 6 8 6
 6 6 6 1
 6 5 6 1
 6 3 6 1
 6 1 6 13
 5 59 6 13
 5 58 6 1

Lukas 11.

...	5 57 6 10	0 41	Regulus 1 5 52 M.	5 56 6
Geimf.	5 55 5 18	1 40	25. Epica 1, 18 M.	5
ut.	5 53 5 19	2 28	Arcut. 1, 1 56 M.	5
ut.	5 52 6 20	3 5	U M	
vitam.	5 50 6 21	3 34	am hellern.	
Mus.	5 48 6 22	3 58	im A.	
acut.	5 46 6 23	4 19	g. 12.	

nach Fastnacht

45,6 24 4 20



BEBHÈ GOMÃO ANUNCIA

Wesley, arremete risca e fere, de pincel, metamorfoseando no cruzado que batalha. Quando, dum perdido campo em São Paulo às vésperas do novo natal, o cavaleiro Arkadin de Lowe, outroramente dito Wesley Duke Lee, por uma manhã brumosa, devidamente escoltado por vários Heróis da GT (Fama Fraternitatis, Amen), preparou-se para entrar no avião, rumo à Europa, levava consigo mais que uma missão cultural...

Assim começa *Bebhè Gomão Anuncia*, romance *Rex* assinado ainda como Carlos Saldanha. O livro surgiu no mesmo universo do Realismo Mágico e do Rex, quando Wesley Duke Lee ainda ocupava posição central naquele imaginário de cavaleiros, castelos, monstros e cruzadas metafísicas.



Em 1971, de Genebra, Zuca enviou um exemplar ao velho companheiro Wesley. Assinando como Cacareco, escreveu:

Arkadin,

Aí vai o livro que quase saiu.

A editora faliu durante os trabalhos tipográficos, e só deu pra tirar uns 20 ou 30 exemplares.

[illegible]

Genève, 1971.



Décadas depois, perguntei a Zuca sobre a história daquela edição. A resposta veio em sucessivos teletros e em versões que ele próprio tratou de distinguir entre “comportada” e “rocambolesca”:

Olá, João,

grato por essa bela oportunidade de falar sobre esse esfingético epysódio, digno dum romance de Agatha Christie, mas sem assassinato elegante, e sim... o misterioso nascimento do *Bebhê-Gomão'*, um Bebê-de-Roda!,

que poderia se ter chamado *Bebhé de Rodhes*, pra ficar mais distinto.

.... As negociações mal se iniciavam, quando (então já diplomata) fui removido em regime de urgência, pra Alemanha (Consulado em Düsseldorf), ocasião em que deixei o manuscrito não revisto com Xavier. Daí pra frente, os contatos foram se escasseando...
O manuscrito ficou não revisto.

Vieram hospitalizações, mudanças de país, uma operação em Genebra e uma colossal infecção de plec-plec. Passei meses acamado. O livro acabou saindo sem nome de editora, sem data e sem maiores explicações.



Poizé, João...

o livro no fim é bom, mas a edição foi truncada...
Quando tiver tempo, saco e paciência, vou fazer um pastiche desse livro...
...aproveitar o melhor, e mudar ou jogar fora o pior.
Abrzzzzzzzzzzzzzz / zuca abrzzzzzzzzzzzzzz/ zuca



Recebi uns exemplares, mas o personagem Xiz que havia insistido na edição, embora eu lhe avisasse que não queria fazer uma edição pagando as despesas, ficando a conversa neste ponto, embarquei pro meu primeiro posto, Düsseldorf, enquanto ele fazia por conta um arranjo na editora de Madame Y e não me avisou, porque eu, vítima dum desastroso fato diverso já estava no Hosp. Düsseld. A editora Madame Y reclamou de Xiz o pag. da edição e no fim brigaram, o livro já estava pronto e o Xiz disse que eu dera o calote... sem me contar de sua gracinha. Então o livro saiu sem nome da editora Y, e... quando finalmente cheguei ao Brasil fui procurar o Y, mas ele evitou falar comigo. Depois... soube que ele me andava acusando de caloteiro... Como não me dava nenhuma resposta e sumiu... achei melhor tirar o livro de minha

Abrzzzzzzzzzzzzzzzzzz

Olá, João

eis a Versão Rocambolesca do caso Bebê Gomão... Você pode escolher entre ela e a Versão Comportada. Acho que a Versão Robambolesca é melhor. Em todo caso, o Conselheiro Saldanha te sugere triturar todas as versões variadas da V.R. que pululam aos montes, em minhas sucessivas remessas. Abbrazzzzzi / Zuca

V.R. que pululam aos montes, em minhas sucessivas
remessas. Abbrazzzzi / Zuca

O MANDARIM

Ao contrário dos spholhetos de dez páginas tão comuns na produção de Zuca, *O Mandarin* é bem mais robusto: 78 páginas encadernadas artesanalmente com um grampo e provavelmente reproduzidas em mimeógrafo ou xerox.

O exemplar consultado pertence ao Instituto Wesley Duke Lee, que conserva também vasta correspondência entre Zuca e Wesley.

Quando lhe perguntei sobre a publicação, Zuca respondeu:

Olá, João,

Este folheto é realmente oracular, escrevi consultando o I-Xing... Mas como a maioria de meus escritos, nunca foi editado... Soltei alguns, cópias, pros amigos, aqui e acolá... Creio que seja dos 60s, da época do Doutor Malaquias... e do Poemas Zum, que saiu publicado em Tokyo, pelo Wesley, então estava ele lá, quando ganhou a Bienal japonesa. O folheto *Poemas Zum* saiu em parceria do Wesley com um antigo amigo meu, Helder, que então lá estava, lotado na Embaixada. Mas que bom que a cópia do I-Xing esteja guardada!... já vai com mais de 50 anos... e as cartas-tarok, uma pra cada n° dos... plek-plek, acho que são 64 oraklos do Lao-Tsé, que concentrei em 36, pra que o oraklo pudesse ser consultado em dois lances de dado. Eu não sei como consigo seguir escrevendo e desenhando sem conseguir editar, ou despertar quase nenhum interesse... Não sei qual o segredo do Paulo Gato, e tampouco o do Príncipe Arica....

Entre os textos de *O Mandarin* está *Pomar 14*:

Os macacos roubam todas
as frutas
do pomar do Mandarin
que sempre distraído
se esquece de tudo
às vezes até dele mesmo
e não sabe onde está

Na procura inesgotável?
do vazio absoluto
quando há desordens na
China
se fala de patriotismo
quando há brigas na
família
se fala de mães devotas

© MANDARIM
mystérios da China



Oraklo Tao de
Zuca Sardan

ZUCA SARDAN, O ILUSTRADOR

...O que me parece que todo mundo esqueceu é que o desenho é uma caligrafia pessoal única, insubstituível. Leonardo só sabe desenhar Leonardo, e Rafael só sabe desenhar Rafael. Porque o desenho de Leonardo é o próprio Leonardo. E o Leonardo é único e insubstituível. Aí vai todo o Mistério da Metafísica. Mas na era do Múltiplo ninguém mais entende o que quer dizer o insubstituível Metafísico [...]¹¹.

Zuca explicava que a circulação internacional de seus desenhos influenciava até mesmo o uso de palavras nos cartuns:

Como espalho desenhos pra pessoas amigas na Europa e USA, que não sabem português, prefiro cartuns sem bolhas de letras, pra serem internacionais. Salvo em casos que quero fazer alguma grazzola idiomática... ataco com bolhas seja em Português, seja nalguma língua estrangeira macarronizada.

Essa atividade como desenhista acompanhou Zuca ao longo de décadas e chegou também ao trabalho de ilustração de livros. Entre os trabalhos de ilustração realizados por Zuca está *Français Commercial*. Sobre o livro, comentou em entrevista à *Inimigo Rumor*:

Ela [Louise Jacquier] encomendou meu primeiro trabalho de artista, as ilustrações pra seu *Français Commercial*, em 1947, da Editora Nacional. Mercê de sua crescente aceitação nas escolas, o livro teve, durante anos e anos, várias reedições sucessivas, e ainda é, até hoje, o meu best seller.

Mais recentemente, Zuca ilustrou a reedição de *A Lata de Lixo da História* (2014), de Roberto Schwarz, obra publicada originalmente em 1974. Concebida formalmente como peça de teatro, traz, além da capa treze desenhos de Zuca. Para Roberto Schwarz, realizou também as capas de *Seja como for – entrevistas, retratos e documentos* (2019) e *Rainha Lira*.

¹¹ Carta a Cacilda Teixeira da Costa, janeiro de 1995.

Sobre as ilustrações que realizou em Tenerife, nas Ilhas Canárias, para *Cartas Portuguesas de la Monja Mariana Alcoforado*, de Guilleragues, Zuca me falou o seguinte:

São cartas de amor duma freirinha apaixonada, que grudou e não largou, e o Capitão Chantilly por fim pulou pela janela e sumiu. As cartas têm uma autoria polêmica, tendo sido lançadas anonimamente, na França, como sendo a tradução de cartas duma Freirinha portuguesa...

Os portugueses asseguram até hoje que as cartas são da autoria da própria Freirinha.

Abrazzzzzzzzzzzzzzi / zzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzuca

BB

Quanto à edição espanhola, não assinei nenhum contrato, concordei de fazer as ilustrações gratuitas, para difusão de meus desenhos na Espanha. Abrzzzz/ zuca

O livro saiu pelo selo da revista *La Página*, impresso em Madrid em 2011. Sobre uma possível edição brasileira, Zuca escreveu a João:

Estou loucamente procurando meu exemplar das 'Cartas' e no meio do caos colossal que se instalou no apartamento, ..., não há jeito de o encontrar...

E, ademais, estaria eu defendendo nossa Morgadinha (com nome bem charmante: Alcoforado), e nossos irmãos Portugueses, que defendem os escritores brasileiros com extraordinário apoio cultural, tal fossemos também portugueses.

Passe meu abraço ao Giordano, e seguirei aqui na busca do meu ora desaparecido exemplar, no meio do Chaos... ///

Abrazzzzzzi / zzzuca

BB
BB



A CARREIRA METEÓRICA DO PINTOR C. PANTAZ

Eu passei os desenhos diretamente à minha querida professora Louise Jacquier quando tinha 13 ou 14 anos, e ela as usou no seu livro *Français Commercial*, 1a. edição creio de 47.

Ao recordar aquelas primeiras ilustrações para *Français Commercial*, Zuca contava também que o trabalho havia recebido *fortes cooperações do Pido*, incentivadas por sua mãe, *fã incondicional* do pintor Carlos Saldanha.

No colégio, os professores ficavam maravilhosos e me perguntavam se eu tinha sido ajudado.

Gordito: sim, meu pai ajudou.

Prof: Muito?

Gordito: MUITÍSSIMO.

Fim de papo. Cortina cai, prestíssimo.

Quando finalmente virei rapaz, me transformei (secretamente) no Capitão Pantaz (tal o Superman) e recebia de meu pai telas velhas que ele NÃO havia bem resolvido e... seriam pra jogar fora... eu as recolhia rapidamente... as virava de cabeça pra baixo, e as transformava, mediante malandras pinceladas em temas de especial impacto... e assim... eu transformava a natureza morta com maçãs em robusta sereia sentada num rochedo, se penteando, e assim por diante, fazendo zepelim sobrevoa o Pão de Açúcar, interior de bar-dançante, e tinha entusiástica recepção pelos parentes do RGS, que vinham ao Rio por uns dias e se hospedavam em nosso apartamento. Até que um dia um crítico de arte famoso veio visitar o atelier do Pido, e havia a pilha quadros do C. Pantaz encostados num canto, e o crítico foi lá e começou a examiná-los e perguntou: estes quadros também são seus? e Pido, monossilábico: Não. O crítico compreendeu que não deveria insistir... (PAFF! despenca a cortina). Vem-me súbito à lembrança um naco dessas redações a três mãos, entre Pido e Gordito, orquestradas por minha mãe, intitulada A TEMPESTADE. De repente... os raios rasgam as trevas, ribombam os trovões... E agora... dentro da noite escura... cai pesadamente a chuva.

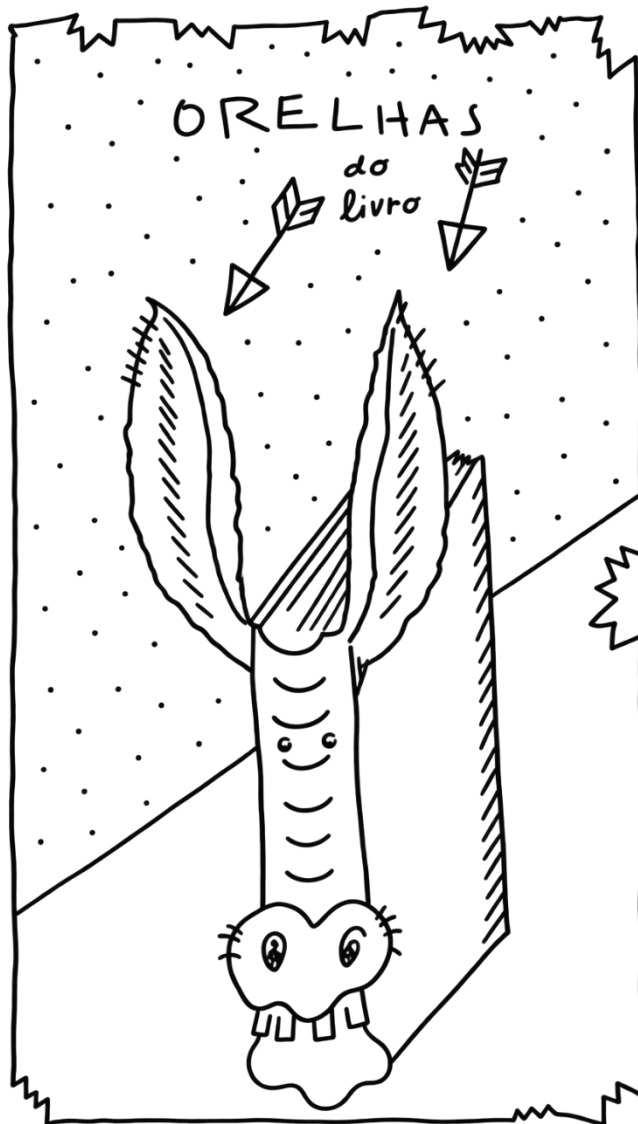
BB

FRANCISCO ALVIM E O DUPLO ZUCA SARDAN

Nos anos 1970, vivendo no exterior em razão da carreira diplomática, Zuca passou a circular no Brasil quase como uma figura clandestina. Muita gente imaginava que Zuca Sardan fosse pseudônimo do Francisco Alvim, ou então uma espécie de mistificação literária, “tipo Malba Tahan”.

Chico teve papel decisivo na circulação da obra do amigo no Brasil. Ele escreveu sobre Zuca em livros, revistas e jornais, acompanhando atentamente os esfolhetos e poemas que chegavam pelo correio da Europa.

Em 1989, na revista *Bric à Brac III*, Chico publicou *Infância Vetusta*, um dos textos mais importantes sobre a obra de Zuca. Outro ensaio fundamental sairia no livro *Osso do Coração*.



INFÂNCIA VETUSTA

Capitão Fantasma. Acho que foi esse seu primeiro pseudônimo literário. Mas é possível que eu me engane e que, na pia batismal, ao receber os santos óleos, com exemplar discernimento - impensável em qualquer outro bebê - , já chamasse a si mesmo de sábio nenê ou então flibusteiro nenê embusteiro.

Assim começa *Infância Vetusta*, de Francisco Alvin. Ali aparece a ideia de uma *infância vetusta*: um universo povoado por bebês-anciãos, filósofos-mandarins, heróis decadentes, revoluções ridículas e personagens metafísicos.

Sardana seria a versão hodierna dos filósofos guerreiros da antiguidade. Versão bastante modificada, é bom que se diga...

Porque sua poesia transformava a antiépica dos tempos modernos numa mistura de humor, melancolia e filosofia grotesca.

O DILEMA DO PRÍNCIPE

Só existem duas classes
os que requeardamos privilégios
e os descontentes.
Mas deixemos que reclamem:
o choro é livre
e tristezas não pagam dívidas. Mais a
mais
multidão que brada não faz motim.
A não ser que ande armada
o que convém verificar antes
de se providenciar qualquer
daquelas opções tradicionais
seja uma grossa de boas pauladas
seja então o anúncio de umas reformas
de
base...

Zuca Sardana é um desenhista sem igual. Uma vez, criou um álbum – obra-prima que expressivamente intitulou *Visões do Bardo*. Nele conta uma saga, em imagens, que Alice poderia ter confidenciado ao Barão de Itararé –, torvelinho de figurinhas, onde borboletas cruzam com pequenos jornaleitos, a preceptora de elefantes com o chim corredor.

O herói de Sardana é um ser metamórfico (e metafísico), a oscilar entre a fralda e o fraque, a chupeta e o cavanhaque. Sardana utiliza o encanto dos mitos infantis para melhor desvendar aos adultos os desencantos do mundo.

São fábulas e apólogos narrados com uma delicada pena de urutau, constantemente banhada em ironia e humor sem equivalentes nas letras pátrias. É como se ele relatasse para nós a vida (o mundo) como ela é (ele) e a gente não se desse conta. Porque tudo vem naquela tonalidade sépia – tão própria das máquinas antigas; e suprema malícia, ficamos quase sem saber se estamos lendo um texto atual, adulto e crítico, ou se trata de um disfarce, a partir de uma daquelas historietas do *Livro das Belas Ações* do velho *Tesouro da Juventude*, ou de uma simples e comovida homenagem a *Reco-Reco*, *Bolão e Azeitona*.

Em nota, o autor lembra que os spolhetos mimeografados começaram a circular já nos anos 1950, antecipando *a Marginália dos anos 1970*.

Publicou, em forma de livro: *Cadeira de Bronze* (poesia, 1957); *Bebhê Gomão-anuncia* (romance, 1967); *Aqueles Papeis* (poesia, 1975, coleção Vida de Artista, Rio); *Ás de Colete* (poesia, 1979); *Os Mistérios* (miscelaneous, 1980); *Visões do Bardo* (Figurinhas Rex, 1980); *Almanach Sportivo* (com João Padilha, Coleção Capricho, Rio, 1981), todas elas publicações (sem) alternativas.

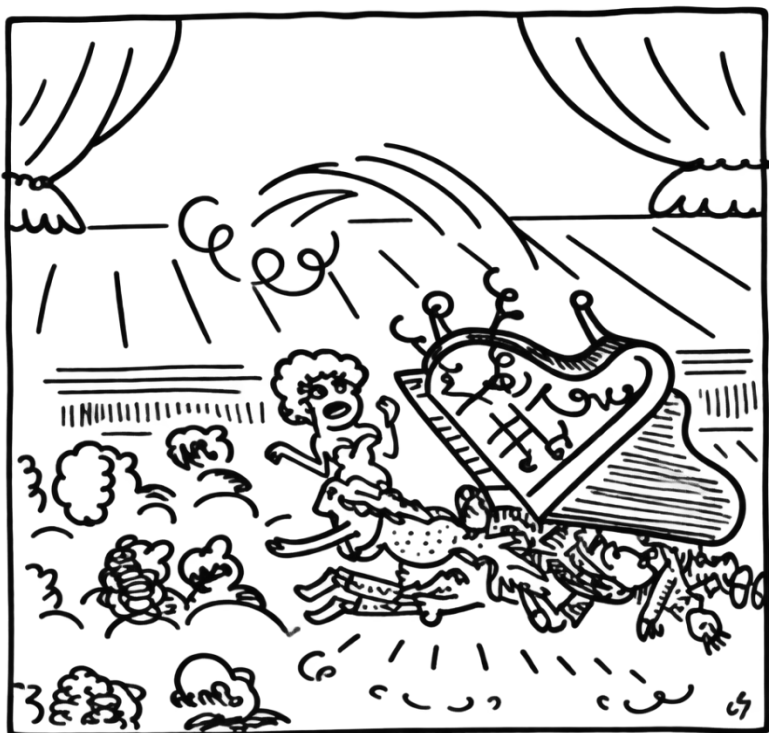
PS. Como era de se esperar, a partir de 1988, o Sardana, de Zuca, ganha um g e passa a Sardanga.

Décadas depois, Zuca recordaria em um de seus teletros os tempos de juventude ao lado de Francisco Alvim:

... havia um restaurante português bem na esquina. o Timpanas, que era o nome do vinho da casa. O Timpanas era dum roxo de beleza indescritível, e quando íamos lá, eu e Chico, matando alguma aula de preparação ao exame de admissão ao Itamaraty, eu desenhava com o vinho Timpanas

Abrazzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzos





PRESTISSIMO

COM FÚRIA LOUCA ATACANDO
ADERBAL O DOBRADO
QUEBROU O PEDAL
O PIANO DESEMBESTADO
SALTOU SOBRE A PLATÉIA
... QUASE MATOU A TETÉIA

ALMANAQUE BIOTÔNICO VITALIDADE

Em 1977, Zuca colaborou com desenhos e poemas no *Almanaque Biotônico Vitalidade*, publicação da Nuvem Cigana.

A ORIGEM DESTA ESPÉCIE

Descende o macaco do homem?
Ou será o homem
um macaco que não deu certo?

O macaco é o bom selvagem?
dos filósofos suíços
e o homem
aquele basbaque
que nós conhecemos...

Em termos de símios
falam os índios de cátedra
por cima do Doutor Darwin
que só viu os bugios
do Jardim Zoológico de Londres,
e tão educados!...
Parece tudo funcionário público
até a Rainha Vitória pode ir lá
olhar sem susto...

O macaco, dizem os índios,
é homem mesmo
mas não fala
que não é trouxa
... não quer trabalhar...

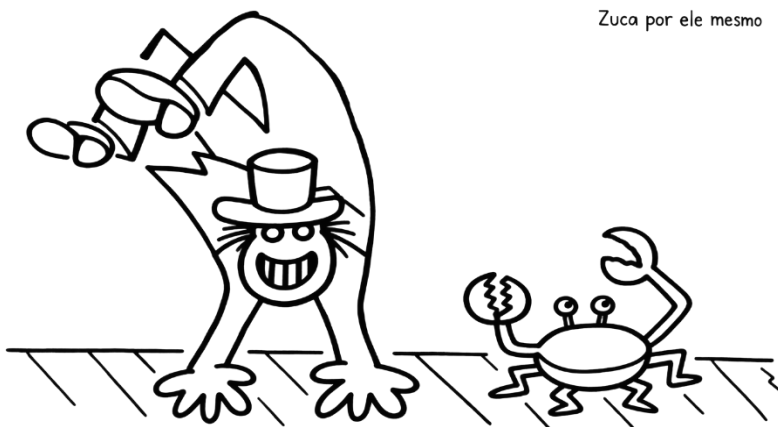
MORITORI TE SALUTANT

Um estadista prudente
mora no segundo andar
- bem elevado -
donde se tem melhor perspectiva
para contemplar a bagunça
na hora que começa a tomar
maiores proporções.

Um dos editores do almanaque era o poeta Chacal, que, ao recordar sua relação com Zuca, afirmou:

Na real, conheço pouco o Zuca. Mas cada vez gosto mais dele. O contato era através do Chico Alvim, seu irmão de diplomacia. Sim, era tudo através do Chico, achava que Zuca era um alterego do Chico. Só fui conhecer Zuca num festival de poesia de Belo Horizonte, apresentado pelo Chico, creio que na primeira década de 2000. Zuca estarrecia a plateia com um Jogo do Bicho, meio I-Ching, que ele lia no palco. Zuca sempre foi mágico, um perfeito prestidigitador.

Zuca por ele mesmo



AQUELES PAPÉIS

... hoje acordei com lâmpadas pifadas... Aqueles Papéis é o livrim carioca de capa laranja com o Napoleão apontando pro Saturno pendurado na Pyrâmide?...

Se for esse, é um bom folheto.

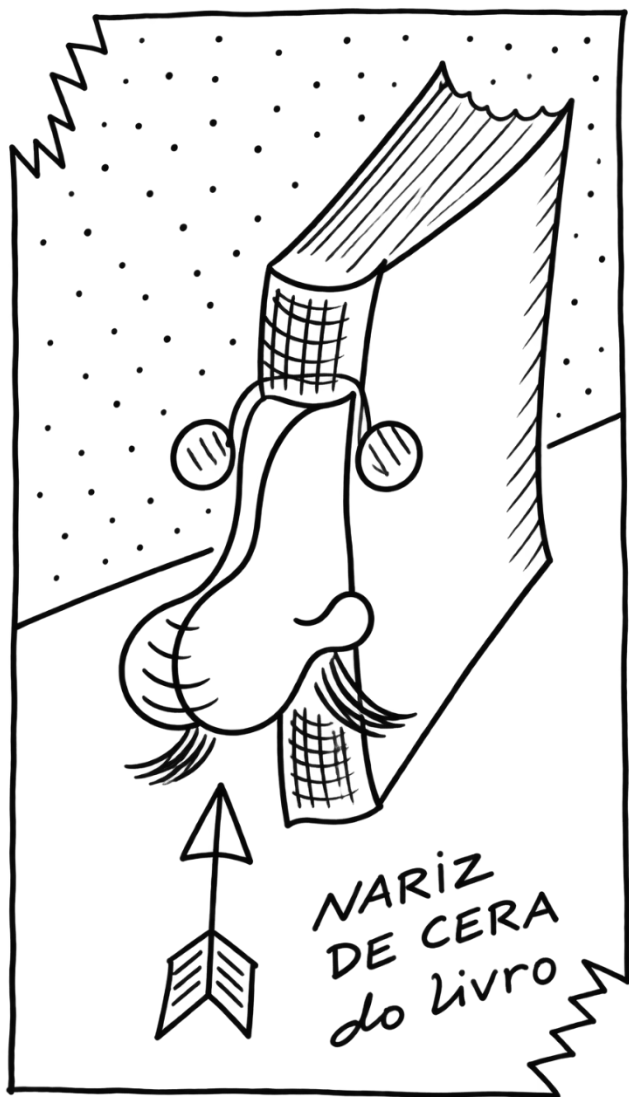
Abrzzz/ zuca

Publicado em 1975, na coleção Vida de Artista, *Aqueles Papéis* saiu em tiragem de 500 exemplares. Em outro teletro, Zuca descreveu a publicação em detalhes:

...numa folha rosa-cor-Jornal dos Sports, com uma grande ilustração do Zuca tomando toda capa: Napoleão à esquerda, apontando pra Pyramide do Egypto, onde se encarapita Deus Saturno reconhecível pela grande barba, e a foice. Abaixo, num primeiro plano complementar, dois ratões caramboleiam sobre um monte de folhas manuscritas que vão sendo levadas pelo vento. De escrito há acima: *Aqueles Papéis*; e logo abaixo: Carlos Saldanha escrito em letra caligráfica, a minha assinatura. Na contracapa branca, há uma pequenina ilustração com aspecto de carimbo, no centro da página: Um balão com uma nacele pendurada por baixo, e no balão, escrito em maiúsculas, vem em duas linhas: Vida de Artista.

Sobre a coleção, Carlos Alberto Messeder Pereira registrou, em *Retrato de Época – Poesia Marginal Anos 70* (1981), que *Aqueles Papéis* foi o último título da coleção Vida de Artista em 1975. No livro, reproduziu ainda um depoimento de Cacaso comentando a origem da coleção.

A coleção Vida de Artista foi imediatamente posterior a Frenesi, quer dizer [...] porque isso de publicar poesia estava no ar [...] e tinha já uma outra turma entende? Quer dizer, era uma coisa generalizada.. Essa coleção [...] é inteiramente arbitrária, porque a Vida de Artista é um carimbo que eu mandei fazer e então serviria pra carimbar os livros que fossem da coleção. Nesse período a gente lia muito Chacal, lia muito o Lui, não sei o quê; então imaginamos uma coleção que fosse... essa Vida de Artista.



NARIZ
DE CERA
do livro

ZUCA É UM DOS 26 POETAS HOJE

Em 1976, Zuca Sardan entrou para a antologia *26 Poetas Hoje*, organizada por Heloisa Buarque de Hollanda. Décadas depois, Zuca recordaria o contexto em que a antologia apareceu:

Em 1964, os Militares assumiram o poder no Brasil. A partir daí começa a Ditadura e a marginalização de quase toda uma geração já transviada pelo Flower Power, pelos Beatles, liberação sexual... Todavia, no Brasil, vivendo num regime de severa repressão militar, contra ideias exóticas e falta de compostura... Instaurou-se uma violenta repressão. Daí surge a Poesia Marginal. Totalmente desligada e ignorada pelo sistema editorial e a boa sociedade, pra nada dizer das autoridades militares e civis. Restaria saber quem inventou seu nome. Creio que foram os detratores.

A publicação da antologia deu grande visibilidade àquela produção.

Os poetas marginais usavam mimeógrafos e iam vender seus livros na rua, em botecos, filas de ônibus e saídas de teatros.

O livro reúne 17 poemas de Zuca Sardan, alguns tirados do spholhetto *A volta do Conde de Montecristo* e outros da plaquete *Poemas Zum*:

SHEN HSIU

Havia um monge que lustrava a careca
Para que sua cabeça
Fosse como se um espelho:
Refletisse tudo
E não guardasse nada.

Por ocasião do lançamento de *26 Poetas Hoje*, Ana Cristina Cesar e Cacaso publicaram, no *jornal Opinião* nº 190, de 25 de outubro de 1976, um longo ensaio sobre a antologia. Coube a Cacaso escrever sobre Zuca e Francisco Alvim:

[...] preferiu comparecer em pessoa, de gorrinho de poeta, com o peito levemente estufado de sabedoria, uma bola listrada debaixo do braço esquerdo, e com a cara de quem pode a qualquer momento desaparecer e reaparecer na pele do professor Fumegas, doutor Malaquias, o sábio, o Doutor Kopius, o erudito, do Bravo Capitão Grogojó, do Célebre veterinário Doutor Gamboa, do venerando Conselheiro Sacavento, do arruinado Príncipe Strogonoff, aquele que joga poker com a própria sombra... [...] Carlos Saldanha é um dos casos mais singulares e curiosos da literatura e da poesia brasileira de agora, trilhando um caminho completamente próprio e original.

Glauco Mattoso também incluiu Zuca em *O que é Poesia Marginal* (1982). Para exemplificar como os poetas do desbunde driblavam a seriedade e o mau-humor no tratamento dado às questões políticas, escolheu justamente *Vademecum*, poema que Francisco Alvim também destacaria em *Infância Vetusta*.

VADEMECUM

Uma opinião

apoiada em baionetas
degenera em bobagem
se a gente deixar
a barriga na frente.
Deus está sempre do lado dos grandes
Batalhões...
Ainda que não seja Ele
quem baixe o malho
especificamente... Vademecum
Dominus Vobiscum
Amém.



Z
Z
Z
Z
Z
Z
Z

Helôisa Buarque de Hollanda e Carlos Alberto Messeder Pereira incluíram Zuca no volume *Poesia Jovem Anos 70* (1982), da série *Literatura Comentada*, publicada em fascículos de banca. Como amostra de sua produção, selecionaram três poemas da plaquete *Poemas Zum*. No pé da página aparecia uma breve apresentação biográfica do autor:

Poeta e desenhista emérito. Desde os anos 50, Carlos Felipe Saldanha agita sua indústria caseira de poesia. Desta forma editou um número surpreendente de gibis ilustrados, cuja dicção poética se revela sabiamente pessoal e intransferível. Felipe, segundo Chico Alvim, é o nosso Oswald de Andrade de calças curtas.

Para Zuca...

A publicação da Antologia foi um golpe de gênio, perpretado por Heloísa Buarque de Hollanda e o diretor boêmio nomeado pela grande Editora espanhola Labor, com planos ambiciosos de se instalar no Brasil. Estava tudo preparado prum lançamento grandioso do Concretismo. Heloisa Buarque trabalhava de assessora do diretor boêmio, e... num momento em que este dava vazão à feroz irritação que lhe despertava o Concretismo, ela apresentou-lhe material da Geração Marginal, que ela achava daria um início bem mais espetacular à estreia da Labor no Brasil. O diretor boêmio leu e gostou. Realmente foi um escândalo de repercussão nacional, a tão esperada inauguração da Labor!... O diretor boêmio desapareceu do cenário e... a Editora Labor também. E a Geração Maginal começou a aparecer nos meios rebeldes ao caráter repressivo entre outras, de Madame Intelligentsia, que teve uma crise de nervos caiu e quebrou seu leque fabergê. E de repente... a Geração Marginal começou a aparecer. / Abrzzz, Zuca

4out 2024.

Heloisa Buarque de Hollanda voltou a escrever sobre Zuca na revista *Poesia Sempre* 8, em 1997, sobre a efeméride dos 20 anos de *26 Poetas Hoje*, livro que reuniu os poetas marginais dos fatídicos Anos de Chumbo. A revista pediu a Heloísa um texto sobre a efeméride, entrevistou os principais cabeças do movimento (incluindo claro o Zuca), e por fim publicou poemas atuais dos participantes da famosa antologia. A seguir a resposta que Zuca deu a revista, como sempre pouco objetivo e muito poético:

Minha poesia nos anos 1970 já era marginal desde os anos 1950, encaixando-se assim no contexto como se fosse a

poesia marginal dos 1970 uma luva de pelica.O Zuca era um busto de barbas que aprontava umas piadas solenes, soltava uns versinhos pernetas, rabiscava umas sujas garatujas. Ora ora, a ironia é o pozinho de cicuta com açúcar pros reбуçados de vovó Escolástica. Salplique-lhe o caixão de violetas, mande rezar uma missa e não esqueça de chorar. Minha poesia de hoje é a continuação deste diálogo na corda bamba entre o antes e o depois, da vestal com o bufão, da sereia com o tamanduá, cada vez mais antes, mais antes, cada vez mais depois, mais depois, mais depois...



BRIC- À- BRAC, Nº 3

Na década de 1980, Zuca colaborou com a revista *Bric-à-Brac*. No número 3, Zuca colaborou com o spholhetto *Manual Cosmographico do Doutor Sardanga*, precedido do perfil *Zuca Sardanga – Folhas Sparsas*, de Lúcia Leão. Na sequência, foi publicado o ensaio *Infância Vetusta*, de Francisco Alvim.

Décadas depois, ao recordar sua participação na revista, Zuca escreveu:

Sim colaborei, por iniciativa do próprio Turiba, que escolheu uma página antiga do *Bric*, especialíssima, de 4 ztampas extraordinárias, ztampas de que eu não me lembrava mais, e foram das melhores que já fiz na vida. Vale fazeres com elas um nº das Barbas!...

A *Bric-a-Brac* foi a mais moderna vistosa revista de arte dos 80/90s do Brasil!... ia de Augusto de Campos ao Caetano Veloso, numa festa de cores... Viva o Turiba, seu diretor, que este ano lançou um nr. do *Bric à Brac*, festejando seu magnífico trajeto, e apresentando a poesia e a Arte Grafiteria da Atualidade... ou seja... o BricaBrac, vivo ou morto, sempre defendeu e defenderá a Vanguarda rebelde. Abbrazzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzi / zzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzuca

Por e-mail, Luiz Turiba, o editor da *Bric-à-Brac*, me deu algumas informações sobre a revista e as colaborações de Zuca:

Sim, foram publicadas sete revistas (com a de 2022) e um catálogo em 2007. Creio que o Zuca participou da maioria. Ele foi um BRIC raiz, ativo e militante.

Bric-abraços

O catálogo da exposição *Bric-à-Brac 21 anos – maior idade* (SESC Brasília, 2007) registra também a participação de Zuca com um poema visual alusivo ao nome e à história da revista.

BANDO 2

Ao ser apresentado à revista *Bando 2*, publicada em Brasília no início dos anos 1980, Zuca disse não se lembrar dela. Provavelmente Francisco Alvim serviu de ponte entre o poeta e os editores, já que também colaborava no número. A revista dedicou oito páginas a Zuca, nas quais publicou fragmentos de *Visões do Bardo*.

Olá. Jabuhr!, Interessante capa!... Não conhecia o bando, a capa lembra um pouco os Beatles... por quem guardo a maior gratidão, me ajudaram muito a abrir a cabeça. / Abrazzzzi zzzzzuca



ÁGUAS EMENDADAS DE CARLOS SALDANHA

Águas Emendadas foi publicado em Brasília, em 1977. O título faz referência à região onde nascem rios que alimentam importantes bacias hidrográficas do país.

Ao comentar comigo a origem da publicação, Zuca escreveu:

Exatamente, João. Acertaste na môtca!!! Este livro foi criado pelos poetas de Brasília pra aproveitarem a onda colossal que o *26 Poetas Hoje* levantou em todo o Brasil, e contaram com o apoio do Chico e Zuca, que então habitavam na NovaCap., com as ruas cobertas de areia, e um céu alla Flash Gordon, com nuvens vermelhas, criadas com areia vermelha que subia pelo vento.

Carlos Saldanha era apresentado assim:

Carioca. Andou de Seca para a Meca. Muito especulativo, sempre aquela pergunta de Príncipe, com a caveira na mão. E a caveira... Só faz ficar rindo...

No volume, Zuca publicou um spholhetto ilustrado de onze páginas. Logo na abertura, lia-se:

- O Cosmos é um sufoco ou um espirro?
- Ao que o marujo mor responde:
- Pois é, moçada boa, o negócio é o seguinte...

Em seguida, vinham os poemas: *O Tubarão*, *O Baratão Descascado*, *Naufrágio Noturno*, *Nostradamus* e *Senhora de Touca*.

Ao recordar o período em que produziu esses poemas, Zuca destacou a influência da música que ouvia então:

Era um tempo em que eu ztava lotado em Brasília, e muito embalado com a música Beat: Beatles, Rolling Stones, Doors, Zappa, tantos músicos e hits, did you see your mother, baby?, yellow submarine, tenho-lhes grande gratidão pelas portas da cabeça que me abriram... aquele hit did you see your mother, baby? creio eu glosei numa das poesias das aguas emendadas.



POESIA LIVRE

No começo de 1984, tomei conhecimento da revista *Poesia Livre*, editada em Ouro Preto por Guilherme Mandaro. A publicação vinha em folhas soltas, dentro de um saco de pão. Foi ali que tive meu primeiro contato com Zuca Sardan.

Zuca colaborou com uma ilustração impressa no verso do saco: um tocador de realejo com um macaquinho e uma moça sentada sobre o instrumento. Aquela cena me pegou em cheio. Achei o desenho de uma graça sem par.

A partir dali comecei a procurar seus desenhos e, depois seus poemas, até finalmente encontrar *Visões do Bardo*. Para mim, aquela imagem parecia ter escapado de suas páginas.

Nos exemplares enviados pelo correio, o desenho de Zuca reaparecia como carimbo ao lado dos selos postais. Guardo esse envelope até hoje.

Décadas depois, mostrei a Zuca a revista e o envelope que havia guardado. Ele respondeu:

Meu caro João,
estou maravilhado, não me lembrava mais de nada disso,
nem sequer do belíssimo desenho. Estou encantado com essa
belíssima homenagem do Mandaro, em Ouro Preto, no começo
de 1984, quando estava eu então morando na Haia, e nada
soube do caso. Foi pra mim agora uma grande alegria.
Merci, João. Há em Ouro Preto outro poeta, de linha
concretista, Guilherme Mansur que colocou centenas e
centenas de desenhos esparsos em papelitos coloridos,
verdes, roxos azuis, amarelos, esperou um dia de
fortíssima ventania e soltou-os todos do alto de uma
torre altíssima, plantada num ponto elevado da cidade, E
isto foi-me contado por uma amiga minha Dinah Flusser,
que estava em Ouro Preto na ocasião. Por ela, pude assim
conhecer o Guilherme, e mantemos até hoje uma
correspondência espaçada. Abbrazzzi / zuca

3803	41893	135011	136523	47984	7.4	31.5	23
6164	47098	183701	135235	54186	17.6	20.3	19
6357	40141	184477	129084	35393	12.2	29.9	21
6421	10764	1202	85454	4920	7.3	27.5	18
652	1739	85454	4920	3.8	21.7	18	
65	842	842	842	8.9	41.7	14	
655						13	
6						13	
6420						14	
6455						14	
6504						16	
6529						17	
6540						15	
6583						18	
6629						19	
6677						18	
6						13	
6						13	
6739	45615	96455	91814	8	16.5	16	
6744	44052	91920	89953	11	16	12	
6734	45696	91920	85733	8	16	15	
6824	33389	8915	35723	15	16	15	
6799	82400	89471	90301	4920	16.1	7.8	12

er Dolce far niente aussieht, fühlen sich die
 ch Menschlichlichlisten aller Sterblich
 h oh neberabstimmung g
 bundatgewöhnlich von Be
 .bgl. durchlöcherter
 in Franken das Rit
 und für aus
 Färbung z
 bedeut
 zmu,
 capel,
 einfasse
 Die f
 40

ZUCA

5 9 10

5 10 11 K.O. I st.

ZUCA

Brafilien

Ou

po-vo

Text (.Man b

Bulgarien

Text

esche wdo
 hic th

ZUCA

POEMAS

Publicado pelo Centro de Estudos Brasileños, em Lima, Peru, *Poemas* reuniu Francisco Alvim e Zuca Sardan numa edição bilíngue. O pequeno volume, com formato de 10 × 20 cm, saiu em dezembro de 1978 e trazia poemas em português e espanhol acompanhados por desenhos de Zuca.

Entre os poemas de Francisco Alvim estavam *Sol dos Cegos*, *Paisagem*, *Greta* e *Beijo*. A seleção de Zuca incluía *Cosmogonia Panchu*, *Levando a Vida*, *Exageros Agrícolas*, *Praias de Lima*, *Estratégia* e *Tentativa de Definição*.

O prefácio apresentava o universo de Zuca nos seguintes termos:

En los poemas escogidos para esta muestra aparecen los personajes circenses, las bailarinas ajadas, personajes históricos o creados por él mismo, en su verdadera talla.

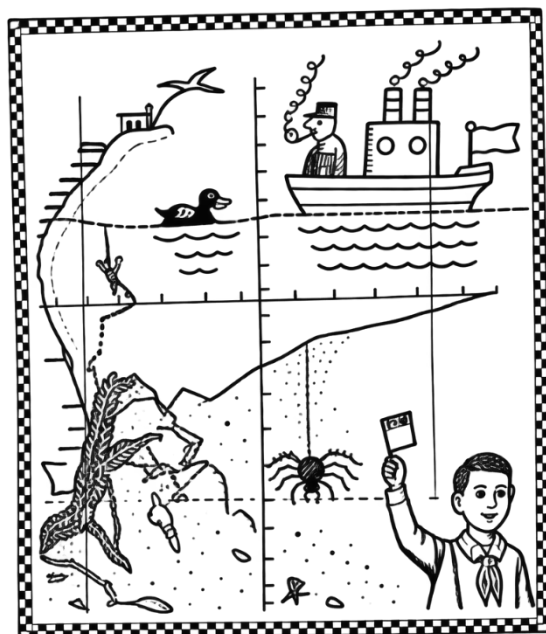
VISÕES DO BARDO

Datado de 1980 nas bibliografias de Zuca, *Visões do Bardo* foi produzido durante o período em que o autor viveu nos Estados Unidos. De produção independente, o livro reúne poemas, desenhos, cartuns e histórias em quadrinhos. O exemplar não traz ficha catalográfica, indicação de editor ou data de publicação. Manuel da Costa Pinto registraria posteriormente que a impressão foi feita pela Gráfica Gralha. O volume tem 120 páginas, formato de 15 × 23 cm, capa branca cartonada e pequenas interferências gráficas espalhadas pelo miolo.

No livro aparecem bailarinas modernistas, albatrozes metafísicos, reis decadentes, personagens circenses, monstros e figuras saídas de um surrealismo tropical muito particular. Há também séries inspiradas em *Alice no País das Maravilhas*, no *Mágico de Oz* e nos antigos quadrinhos do *Reizinho*, de Otto Soglow, reelaborados pelo universo gráfico de Zuca.

Ao tentar esclarecer a identificação do volume, Zuca escreveu:

O *Visões* tem o nome claramente escrito na capa. No interior, nas primeiras páginas apresento umas espalhafatosas informações ilustradas bibliotecnicographicas sobre o livro, visivelmente paródicas... talvez entre as várias informações venha escrito figurinhas rex. Senão, rex-figurinhas será um dos centenaes spholhetts que aprontei décadas a fio... *Visões do Bardo*, poesia gráfica, que até hoje não foram republicados no Brasil.



VISÕES DO BARDO
✿
(Figurinhas Rex)

OS MYSTÉRIOS

Os Mistérios foi o terceiro livro publicado por Zuca durante sua fase norte-americana. De produção independente, o volume não traz data de publicação. O volume mantém o formato vertical de *Visões do Bardo e Ás de Colete*: 120 páginas, 15 × 23 cm e capa cartonada, desta vez dourada. Os desenhos são de Zuca e de seu filho Guy.

Logo na abertura, o tom do livro está dado:

O autor dessas mal-traçadas levanta-se, pigarreia e começa; Senhoras e senhores, é com a voz embargada de emoção que tomo a palavra diante de tão ilustre assembleia...

Entre os convivas a velha esfinge, magrela e ossuda, todo de preta trajada, emotiva, leva o lenço aos olhos marejados de lágrimas...

Eu que não sou besta, bem sei das garras terríveis, escondidas naquelas luvinhas de veludo já meio poídas...

Esta obra se distingue dos livros anteriores pela presença mais acentuada da prosa. Ao lado dos poemas, reúne textos de extensão e natureza variadas. O texto *Os Mistérios*, que dá título ao volume, funciona quase como um ensaio fantástico sobre o Egito e suas múmias. Além dele, o livro reúne outros trinta e cinco textos.

Ao comentar o livro muitos anos depois, Zuca o relacionou diretamente aos sonhos e ao inconsciente:

Este livro é uma raridade. É da mesma safra do *As de Colete*. É muito surrealista, todo baseado em sonhos que eu anotava, tão pronto acordava...
Os MISTÉRIOS é uma tentativa de ingressar o Inconsciente na Arte, em seu estado puro, livre de qualquer interpretação psicológica, ou psicanalítica.
Abbrazzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzi / zzzzzzzzzzzzzzzzucca

Zuca lembrava ainda que *Mystérios* e *Visões* haviam sido impressos numa papelaria com typographia especializada em preparar anúncios e livretos pra pizzarias e cafés da paróquia.
Abbrazzzzzzzzzi / zuca



ALMANACH SPORTIVO

Vou te passar o *Almanach Sportivo*, escrito em 1980 em Moscou.... as primeiras Olympíadas Sociais.

Assim Zuca resumiu o livro criado em parceria com o diplomata João Padilha durante os Jogos Olímpicos de Moscou. Padilha integrava uma missão do Itamaraty enviada para reforçar a embaixada brasileira por ocasião das Olimpíadas de 1980.

O almanaque surgiu como sátira esportiva inspirada no jornalismo popular de Nelson Rodrigues e no humor da *A Manhã*, do Barão de Itararé.

Sobre a parceria, Zuca escreveu:

Meu comparsa João Padilha sacou com grande sagacidade minha linha estilística...de modo que garantiu o sabor carioca malandro...

Publicado em 1981, na coleção Capricho, o livro saiu com capa rosa inspirada no antigo *Jornal dos Sports*.

Padilha recordou uma conversa sobre a inclusão do livro numa coleção dedicada à poesia: *Saldanha, o nosso gibi não é um livro de poemas. Você não acha que ele pode ficar meio desenturmado no meio de uma coleção dedicada à poesia?*

Zuca respondeu: **Problema nenhum. Pra que é que nós temos amigos?**

João Padilha lembraria depois:

Meu encontro com o Saldanha foi memorável. Passamos dois meses juntos. Ele morava com sua mulher alemã, Ingeburg, e seus dois filhos, num apartamento que ficava dentro do compound da embaixada, na Ulitsa Gertzena. Nas primeiras semanas, fiquei num hotel, mas quando vagou um apartamento no compound da embaixada, mudei para lá e passei a ser vizinho de porta do Saldanha. Para mim, foi uma festa do espírito...

Uma consagração da liberdade – uma liberdade avessa de qualquer rigidez, desdenhosa de qualquer compromisso estético ou de camisas-de-força ditadas por modas ou tendências... A lembrança mais viva que tenho dos nossos

encontros era a minha predisposição permanente de soltar gargalhadas a cada observação do Saldanha sobre qualquer assunto.

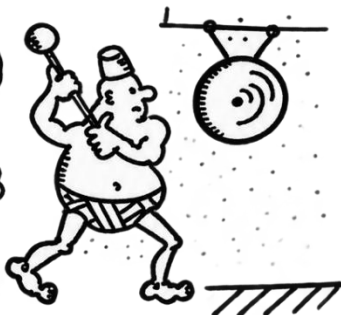
Entre os personagens do almanaque estava também Olavo, funcionário da embaixada e ex-jogador do Madureira.

Uma das coisas que acho muito boa foi a entrevista que fizemos ao Olavo, funcionário então na embaixada em Moscou, que havia sido jogador de futebol do Madureira, um timezinho excelente do Rio, com recursos financeiros mínimos. E as stórias que o Olavo contava em suas recordações eram extraordinárias com um humor espontâneo que ele tinha, e em sua habilidade em buscar os episódios mais singulares de sua carreira esportiva. Assim, por trás desse humor consciente, havia um humor inconsciente, que dava à narrativa um caráter tridimensional.

Padilha destacou ainda o papel da mala diplomática na circulação dos spholhetos de Zuca:

No capítulo referente à relação entre a diplomacia e a literatura, um dos aspectos dignos de nota é o fato de que os diplomatas literatos (Guimarães Rosa, Raul Bopp, Ribeiro Couto, Vinicius, João Cabral e tantos outros) correspondiam-se intensamente com os seus colegas por mala diplomática.... Os pequenos spholhetos, que cabem em qualquer envelope padronizado, eram um objeto muito propício para circular, em grande escala, entre um número considerável de leitores, em diferentes capitais do mundo, em todos os continentes.

ALMANACH SPORTIVO



apresenta
as PRIMEIRAS
OLYMPIADAS SOCIAIS

directores:
João Padilha
&
Zuca Sardana

GORDITO FABERGÉ E LUIZ SÁ

As histórias em quadrinhos acompanharam Zuca desde a infância. Ao recordar suas primeiras leituras, ele fazia uma longa genealogia de desenhistas, personagens e revistas que permaneceriam em sua memória:

Sim, Gordito Fabergé foi grande leitor d'*O Tico-Tico*: Luiz Sá com Reco-Reco, Bolão e Azeitona; Max Yantok creio desenhava um senhor aristocrático e seu secretário [...] Havia ainda a revistinha Gibi, semanal infantil, d'O Globo.

A memória de Zuca se estendia a uma espécie de genealogia particular das histórias em quadrinhos:

Primeiro de todos, o inventor da stória-em-quadrinhos, o caricaturista-poeta Wilhelm Busch (1832-1908) [...] No Brasil, os meninos se chamavam Hans e Fritz.

Dos cartunistas brasileiros, o Mestre é o nosso genial Millôr... Mas não podemos esquecer Nássara, Jaguar, os Três Ases da *Folha* SP, e os caricaturistas da Careta ao longo de toda a 1a. metade dos 1900s, e... o Barão de Itararé que no seu pasquim *A Manhã* rabiscava em cima das fotografias, e se esmerava em poesias macarrônicas. Dos estrangeiros teria de destacar o Crumb, que após hostilizado nos USA por seus salgados comicks pornôs, se mudou pra Paris, onde hoje vive feliz. Tenho realmente a maior admiração pelo Crumb e seus geniais personagens, Fritz the Cats, Mister Nature, e outros...

Luiz Sá, aqueles n°s coloridos do Reco-Reco, Bolão e Azeitona são impagáveis, e os anúncios de remédios contra syphilis, são pataphysicos... valorizo o Luiz Sá como o lançador do cartum pataphysico no Brasil, coisa que ninguém percebeu, no Brasil só raras pessoas ouviram falar de Pataphysica, ou de Jarry, do Père Ubu, ou do Doutor Faustrol... provavelmente tampouco o próprio Luiz Sá..

Luiz Sá tem um traço duma leveza e graça inacreditáveis!!! Veio-me a lembrança sua impagável trinca Reco-Reco, Bolão e Azeitona, que vinham na última página d'*O Tico Tico*!!!... Depois que *O Tico-Tico* acabou... Luiz Sá começou a fazer umas charges que vinham num

jornal documentário de notícias, no início de cada nova notícia... Getúlio discursando, Marechal Dutra, cerimônia religiosa com o Bispo Barrigone, festinha chic, o Zepelim sobrevoando a cidade, etzz etzz. O que valia da xaropada só as charges do Luíz Sá.

O que fascinava Zuca era justamente o contraste entre: o traço leve, infantil, alegre e os temas absurdos, grotescos ou mórbidos.

Luiz Sá ilustrava campanhas contra sífilis, pestes e doenças venéreas com diabos sorridentes, esqueletos e personagens cômicos.

E assim Luíz Sá criou o Humor Pataphysico, sem que ninguém percebesse a sua importância pra História da Arte no Brasil.

A alegria inocente do Luiz Sá, que se diverte com as mais pavorosas atrocidades!...

Suas charges são impagáveis dos contrastes entre o traço leve e os temas trágicos.

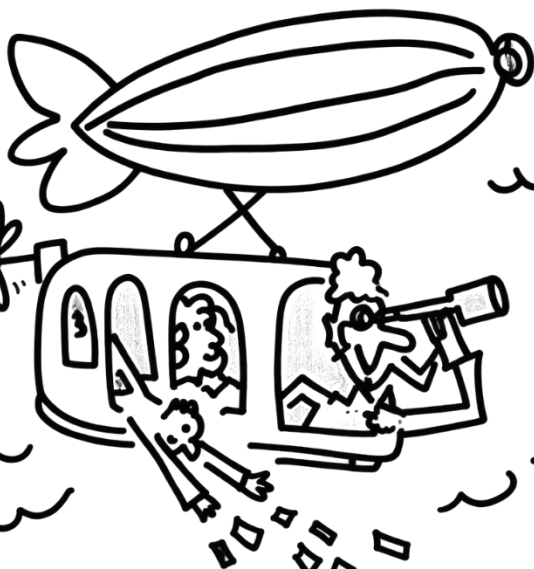
Luiz Sá é imbatível. [...]

Este texto da Campanha do Leite é de um Humor Visível e Invisível absolutamente extraordinários [...] com uma Apologia do Leite (1933) ... é dum Humor Negro de magistral 'acaso objetivo'.

Os bonecos engraçadíssimos e ingênuos do Luiz Sá fazem uma vigorosa campanha pelo leite, por seu destacado valor do pra saúde, que vem envolta numa moldura negra com anúncios sinistros de Elixires, que vieram dar apoio à campanha benéfica do leite, mas também... um à direita é de uma bruxa africana Dona Binga, que faz o panegírico de seu xarope milagroso, que tem o mesmo valor nutritivo que o leite do Luíz Sá pra Saúde, e é especial pra cura da Sífilis... e no final do show, na parte de baixo da página, Doutor Carcanha apresenta, suas desculpas pela condenável invasão da página pelos falaciosos representantes dos elixires pra suposta cura da Sífilis. Enfim, um surpreendente capolavoro improvisado.

Zuca aproximava Luiz Sá de Jarry, surrealismo, humor negro e até Robert Crumb. Mas insistia que tudo aquilo já existia no Brasil muito antes.

VOE NO ZEPLIN



ZUCN

POESIAS
de ZUCA SARDAN
Prefácio de FRANCISCO
ALVIM

editore MARIA RAPELZIO

NOME:
Carlos Felipe
Alves Saldanha



NOME LITERÁRIO:
Zuca Sardan

PROFISSÃO:
diplomata
poeta
desenhinista
guinholeiro
etc etc etc



ZUCA SARDAN - BIOGRAFIA

Quando escrevo memórias, as lembranças vêm-me vindo na hora em que estou escrevendo... e duma certa forma, vivo na hora o que estou escrevendo. Abbrazzzi /zuca

O ZEPPELIN

Nasci no Rio de Janeiro, atrás do Aqueduto da Lapa. Pequenino, vi o Zeppelin indo pro Pão de Açúcar. Encontrei as Walkyrias num bambuzal de cervejaria em Petrópolis. E surgiu a Lua em meu quarto. Comecei a desenhar pra gravar essas fortes impressões. Tenho, assim, de metiê de desenhista, mais de oitenta anos. Em poesia me iniciei mais tarde, já rapazola. Comprei o livro *Les Fleurs du Mal*, de Baudelaire, e foi um deslumbramento! Passei a escrever *Les Fleurs d'Étoffe* (quisera fossem flores de estufa, mas não encontrei o vocábulo em meu dicionário escolar, e decidi fazê-las de estofo). Um dia minha mãe descobriu o caderno secreto e o trouxe pra sala, e mostrou ao Aulo Bello, um tipo extraordinário, elegantíssimo, colete, com relógio de corrente, gravata Coco Chanel, e um charutão puro Habana.

Voz roufenha, e que passara a juventude em Paris, no Champs Elysées, no Moulin Rouge, na Opera Garnier, no Louvre, nas peças de Sarah Bernhard. Adorava o teatro, e com essa autoridade de grande parisardo, tomou o caderno, e começou a recitar com máxima dramaticidade. Minha mãe chorou, meu pai manteve, correto marxista, um silêncio distinto. Mas eu, desde então, tornei-me Poeta... Surrealista-Pataphysico.



Sí, la poesía me llegó como una iluminación, en 1953, cuando yo bebía una cerveza en un café del centro de Rio de Janeiro. El dibujo empezó a los tres o cuatro años de edad, y... nunca más me abandonó...¹²



Imagine que eu VI!... e desenhei, quando eu era bem pequenino, deveria ter uns 3 ou 4 anos... o Zepelin planando bem devagarzinho, bem pertinho da orla da Praia de Cobacabana, que era então bem bem baixinha... só casas!... o pequeno Gordito morava na Ladeira dos Tabajaras, uma verdadeira pirâmbeira... e a família morava no topo da ladeira!... então... a vista era deslumbrante.



Minha Tia Olga e seu marido Leonardo Truda (diretor do Banco do Brasil) viviam viajando de Zepolin., ora pra Europa, e uma vez pro Egypto. Toda essa maravilha, acrescida dos quadros e estátuas de mármore que traziam da Itália e montavam numa grande sala de seu apartamento duplex na Urca, foi meu primeiro maravilhamento com a Arte. Sobretudo as esculturas de Vênus e Diana, com suas bundinhas de fora, eram motivo de minha admiração deslumbrada, que marcou pra sempre minha sensibilidade artística e metafísica. // Abrzzzzzz / zzzzzzzzzzzzzzzzzzzzz

12 Depoimento dado a Alfonso Peña para a Agulha Revista de Cultura nº 235, agosto de 2023.

THESOIRO DA JUVENTUDE

É verdade... acho que o Thesouro teve uma influência importantíssima na formação inconsciente do meu Humor. Abrzz/ Zuca



Na escola fui um exímio colador, o Gordito transformava o texto da cola tirada do Thesouro da Juventude em algo totalmente novo e tirava a maior nota da classe.



Conheci o Tartarin no meu *Thesouro da Juventude* em 18 volumes encadernados, que tia Olga e tio Leonardo me deram de presente. Maravilha!... Jamais poderei avaliar o quanto eu devo ao Thesouro... Mercy, Olga e Leonardo! Que Deus vos tenha. Abbrazzzzzi / zzzzzzzzzuca



A Mitologia é uma concepção do mundo em que a fantasia supre as deficiências científicas através de uma elaboração artística primária [...]

João, eu vi o fim do Mundo Antigo. Lembro-me até hoje, eu com dois ou três anos, morava no topo da Ladeira Tabajaras, uma pirambeira que subia morro acima, em dia de chuva virava cascata, numa montanha meio preguiçosa, que se estirava por traz da Avenida plek-plek, que vinha da praia e acabava entrando na Montanha do Túnel Velho por onde passava o bonde que iria pra Cidade. E o Gordito, levava uma cadeira pro meio da rua, no topo da Rua Tabajaras e de lá ficava olhando pra praia, via-lhe em toda a extensão pros dois lados, a vista era desimpedida, porque só havia casitas e solares baixinhos, e, conforme esperado, de repente aparecia o Zepelim, o colossal balão prateado com uma longa nacele por baixo, cheia de janelinhas onde os passageiros se debruçavam pra ver Copacabana; e o Zepelim ia bem devagarzinho e de repente, ficava parado no ar, pros passageiros verem o...

Copacabana Palace. Depois, seguia em direção ao Pão de Açúcar, de que eu também via o cocoruto. E o bondinho aéreo, guardo vivamente a memória, era uma miniatura perfeita dos antigos bondes, só que sem rodinhas, porque a seguir fui morar na Urca, num prédio encostado ao Pão de Açúcar, onde então brilhava a Carmem Miranda no famoso Cassino. / Abrzzz / zuca

OS SALDANHAS

João, gracias milles!!! Não podes imaginar a alegria que sinto com essa maravilhosa foto!... É qualquer coisa de pataphysico... Ver o Pido (apelido de família), de mestre consagrado de pintura no Rio!....

A fotografia de “Pido”, apelido familiar de Firmino Fernandes Saldanha, levou Zuca a recordar a origem gaúcha da família:

Os Saldanhas, viviam todos juntos no extremo sul do país, em famílias vivendo em fazendas grudadas às fronteiras do Brasil com Uruguay e Argentina, de roupas e hábitos típicos de gaúchos, nunca saíram da fronteira até a revolução de 1930, quando então subiram com as tropas de Getulio Vargas, muitos deles em postos de comando no Exército dos rebeldes, derrubaram o Presidente Washington Luís, e Getúlio assumiu o Poder. Meu pai, muito jovem, recém casado com uma mocinha (Zélia) também gauchinha de família da fronteira, (eram os dois um pouco aparentados) vieram juntos. Foi uma revolução e meu pai, que desde os 15 anos sonhava em ser artista plástico, entrou na Universidade de Belas Artes, onde foi colega de Oscar Niemeyer.

Naqueles anos, Lúcio Costa conduzia uma verdadeira revolução cultural, trazendo a arquitetura moderna para o Brasil.

Meu pai, muito ativo e trabalhador, plenamente convertido à Arquitetura Moderna, fez uma carreira muito bem-sucedida de Arquiteto. A pintura só veio mais tarde, no início dos 40s, quando seu pai associado na firma da Arquitetura, Kaulino, convidou-o a acompanhá-lo em pinturas paisagísticas no campo, no loteamento num enorme

terreno campestre que faziam nas cercanias de Petrópolis. Vendiam terrenos, e ofereciam a construção de uma casa. A partir dessas pinturas campestres, Saldanha se interessou vivamente pela pintura, e se beneficiou da vinda de uma importante exposição vinda da Europa, ainda combalida e se recuperando ao final da Grande Guerra, e querendo redourar seu prestígio então ainda muito abalado. Assim, meu pai pôde ver pinturas de Braque, Picasso, Leger, e vários outros grandes artistas, que então no Brasil eram totalmente desconhecidos pelo grande público, e a Arte Moderna era vista como maluquice; pela sociedade e a elite local.

No retrato que me presenteias está o FF, com um ar entre satisfeito e melancólico, de alguém que cumpriu o seu destino. E agora tem de entrar definitivamente na maturidade. Há um certo humor nessa sensação mista de triunfo e melancolia. Seu nome completo, meu pai NUNCA assinou. E NUNCA o pronunciou. Minha mãe só o chamava de Saldanha. Ele só se assinava;FF Saldanha. Então, eu respeito suas manias. O nome completo, conforme consta dos documentos oficiais, era Firmino Fernandes Saldanha. Minha mãe se chamava Zélia Alves Saldanha. Em solteira, Zélia Machado Alves.

Abrazzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzi /



Sim, João Saldanha é meu querido primo, mais velho do que eu, pois é o primogênito dos 5 filhos de meu tio Gaspar, o qual, por sua vez, era o primogênito dos onze filhos do meu avô João, de que meu pai 'Pido' era o caçula dos Onze que teve o Avô João, em dois matrimônios. Meu tio Gaspar, teve, pois, 5 filhos: João (o do futebol, campeão mundial); Aristides (advogado, político da esquerda); Ione (pintora, de alto prestígio); Maria, e Elza. Meu pai é o caçula dos 11 filhos do Velho João Saldanha, e teve, Pido, um único filho, o Zuca.

Firmino Saldanha, pai de Zuca, foi arquiteto e pintor e nestas atividades foi um homem da arte moderna, muito ligado a Oscar Niemeyer, tanto é que escreveu para a revista *Módulo* o artigo "Questões relacionadas da arte e seu desenvolvimento".

FILHOS DE ZUCA

Tive 3 filhos, o mais velho chama-se Nicolau Corvão Saldanha, nasceu (em 1964) e vive no Rio, sendo Professor Catedrático de Matemática na PUC (hoje já aposentado). Sua mãe, Mabel Corvão, recentemente falecida, era filha do conhecido escritor e fero polemista católico Gustavo C.

Tempos atrás, casou-se com uma moça muito gentil, Solange, que conheci quando fui visitá-los e conhecer meu netinho Ivan, então com 1 pra 2 anos, em Lyon, quando Nick lá aprontava uns estudos matemáticos. A partir dos 14, Ivan todo ano vinha me visitar em Hamburg. Formou-se em Arquitetura no mesmo ano em que se casou aos 27 anos, com Larissa, e vieram pra Alemanha, onde Ivan fez curso de pós-graduação, e hoje trabalha, em Munique, na sua profissão.

E os dois mais moços, Guy e Astrid, nasceram em São Domingos, na década dos 1970s, filhos meus e de Ingeburg. Abbrazzzi / Zuca

BB
BB
BBBBBBBBBBBBBBBBBBBB



O Guy participou com ilustrações dele junto com as minhas no *As de Colete*, que é o 2º livro da série. No 1º *Visões do Bardo* e no 3º *Os Mistérios* as ilustrações são só do Zuca. Gostaria de ter feito um livro com Zastrid, excelente ilustradora e poeta. (Aliás aprontamos, Zu & Zá uma peça em K-7). Tenho, com ela e Guy um Almanaque, em que participamos os três, ela como poeta e ilustradora; o Guy com ilustrações, e o Zuca como organizador do Almanaque e poeta cartunista. O Almanaque é em inglês, língua utilizada pela Escola Americana nas capitais de todos os países onde tenham Embaixada, de modo a que os filhos de seus funcionários tenham escola completa em inglês... aprendendo a ler e escrever e... Guy e Zastrid falavam correntemente o inglês, e era a primeira língua dos dois, a que falavam entre si, já que em casa falávamos, Inge e eu, francês, pra não termos de estar trocando pro português ou pro alemão a toda hora... Assim o inglês foi a primeira língua de Guy e Zastrid, que só vieram realmente

a aprender o alemão quando viemos nos instalar de posto na Alemanha. Quando chegaram à mocidade então passaram progressivamente a falar o alemão e o português foi pras calendas. E decidiram a sair de casa muito cedo. Cosí ché la vita...

Abrazzzzi / Zuca

BB
BB

ZIP ZUCA TRIO – OS FILHOS SARDANS

Com Guy e Astrid, Zuca formaria também uma pequena parceria familiar, que se estendeu dos desenhos e almanaques à música e às gravações caseiras.

O final do Zip Zuca Trio foi repentino e inesperado pra mim. De repente G & A resolveram desaparecer [...] O que não tem explicação, explicado está. Cosi tché la Vita. Qualquer prazer me diverte, mas nem toda tristeza me faz chorar. Abrazzzi / Zuca

BB
BB
BBBBBBBBBBBB



Ás-de-Colete, com desenhos alguns meus e outros infantis e de meu filho Guy. Então ainda pequenote, Guy, um dos seus desenhos serviu pro cartaz da promoção de uma grande expô da Geração Marginal, creio em São Paulo. Era um desenhista extraordinário, que infelizmente abandonou o desenho, e resolveu seguir na música Pop no século 21, já então após a dissolução dos Beatles, e o assassinato de John Lennon, o movimento Beat começou a cair numa veloz decadência. Eu me senti muito abandonado, após a morte do Zappa e extinção do K-7, fui desistindo... Em K-7 eu tenho gravado um seriado com minha filhota Astrid (na arte, Zaztrid), que, ao crescer mais um pouquinho... um pouquinho só... também abandonou o grupo Zip Zuca, que então... se dissolveu aos poucos, em fumazza...

O Zip Zuca Trio participou de uns concertos de garagem, e outros locais marginais em Hamburg, quando Guy tocava guitarra e cantava, Zuca recitava umas poesias pataphysicas no estilo Dada 1917... Há uma K-7 gravada, de

Verdadeiro.... Isso pode durar anos... de sucessivas tentativas fracassadas. Até que enfim você desiste... mas segue secretamente (pra você mesmo, de atalaia).
E... PAFF! ZUCA SARDAN.

Percebi Súbito, não mais de De Repente, e o assinei pela primeira vez em 1993, madurote, quando completei 60 anos, ao lanzzar, pela Editora da Unicamp, o Osso do Coração, uma mistura de prosa e verso. Após o que vou seguindo, aos trancos e barrancos, às vezes de bengala, às vezes de toreador. Porque agora sou o Zuca Sardan, qualquer prazer me diverte, mas nem toda tristeza me faz chorar. Não sou um Sócrates, e... nem tomarei a sopa de cicuta preta.

Em outro depoimento, entretanto, Zuca situaria o nascimento do nome bem antes:

O Carlos Felipe nasceu em 18-8-1933...

...o Zuca se anunciou em 18-8-1980.¹⁴



Perguntei a Zuca se havia usado algum ex-líbris. Ele respondeu:

Eu tinha, nos 50s, um carimbinho roxo mínimo, com retrato do Capitão Fantasma!, , , Talvez ainda sobreviva nalgum livro, ou manus velho... Vou procurá-lo, se encontrar te passo uma cópia, junto com outros carimbos velhos que sobram pelas gavetas.Abrzzzzzzzzzzzz / zzzzzzzzzzzzzzzzz

¹⁴ As lembranças de Zuca oferecem duas referências distintas para o nascimento de sua persona literária. Em um depoimento, afirma que “Zuca se anunciou” em 18 de agosto de 1980; em outro, diz ter assinado Zuca Sardan pela primeira vez em 1993, aos 60 anos, por ocasião do lançamento de *Osso do Coração*. O livro foi publicado pela Editora da Unicamp em 1993.



CICLOS DA OBRA DE ZUCA SARDAN

Há uma continuidade na obra zpalhada por alguns Ciclos...
...que livremente se entrecruzam..
...e me dão um sentido geral de unidade e continuidade.

Assim Zuca tentou certa vez organizar a própria obra, num longo teletro enviado a Marília Garcia durante a preparação da *Zeleta*.

Segundo ele, os principais ciclos eram:

- a) *Cyclo Ferrolho* - com o Marechal Ferrolho, chefe dos Militares que querem impor uma República Positivista, depondo o Imperador Petrox, casado com Imperatriz Sissilha filha do Rei Rinaldo das Duas Sicílias e da Rainha Plec-Plec...
- b) *Cyclo Lyceo Pytanga* - com Reitor Finel e Tágide Bruna, talvez o mais antigo, que se foi formando expontaneamente nos sucessivos epysódios que eu ia escrevendo.
- c) *Cyclo Conde Lotrak* - O elegantíssimo Conde e sua misteriosa secretária Grinalda. que perpretam raptos de freiras que serão talvez torturadas no Castelo Fulgore.
- d) *Cyclo Collágio Prutuca* - sob a direção de Duenha Randyra ao piano, e seu curso musical 'aprenda el castelhano cantando com Duenha Randyra ao piano; e Prof. Oscar.
- e) *Cyclo Doutor Xarkot* - director do sinistro Museo Tabu e orientador da Rainha Patacloé da saudosa Palmyra, destroçada pelos bárbaros maometanos.
- f) *Cyclo Amazônia* - quase inédito, mas com muito material já pronto, que gostaria de incluir na Zeleta, mas esta já está concluída e ora na typographia.
- g) *Cyclo Gordito Farbergé* - o menino que sonha se tornar Barão e vive aperreando o Imperador Petrox pra ganhar um título. Gordito tem a Ama-Seca Custódia.
- h) *Cyclo Vosco da Gamba* - glorificação d'Os Lusíadas, do Vosco da Gamba e da Nereida Thétis das Tetas Divinas, além naturalmente do Vate Xumões, chinoca Deng-Deng.
- i) *Cyclo Polar*, com Rei Walrus e Rainha Wanda; e rivalidade do Submarino Marelo do Capitão Nengo com o Zepelin Zipp... etzz etzz.
- j) *Cyclo Dante Pasquale*, vate divinale, que desce pelos gargomilos da cratera do Vezúbio, em Pompeia (SP) pra ir visitar o Inferno.

Creio Jabuhrer, estarem aí relacionados os vários Ciclos da obra do Zuca. Pelo menos, os principais... (Mas certamente há outros...).



Anos depois, numa entrevista a Alfonso Peña, Zuca retomaria a ideia dos ciclos, mencionando outros e mostrando como eles podiam se misturar¹⁵.

El ciclo Capa Grande y Bastón es una réplica satírica a Casa-Grande & Senzala, la obra maestra de Gilberto Freyre (Recife, 1900-1987), sociólogo brasileño, creador del concepto luso-tropical, y a la vez, grande cultor de la acción civilizatoria portuguesa, y que en su época fue muy cuestionado, por su estrecha amistad con el dirigente portugués Salazar, y sobre todo con la onda anti-colonialista de la década de los ochentas, del siglo pasado, hecho que sacudió toda la América Latina..., como te acuerdas, estábamos entonces saliendo del período de las dictaduras militares propiciadas por Washington, después de la mala sorpresa de la opción comunista de Cuba... y todavía... Fidel les parecía un joven sensato.



Sí, hay muchos, que entran en otros ciclos, está por ejemplo el ciclo Os Prutucas, una réplica burlona de Os Lusíadas, la obra maestra de Luís de Camões, maestro supremo de todas las literaturas lusófonas, y mi Santo (¿Orixá?) personal. Hay otros ciclos, que se pueden mezclar, por ejemplo, el ciclo Mourisco bien se puede unir al ciclo Titanix, para enfocar el problema actual del terrorismo islamista. En Ximerix (2013), presento el ciclo Melarmek (Mallarmé), y el ciclo Cassandra Bolchevique (URSS).



¹⁵ Depoimento dado a Alfonso Peña para a *Agulha Revista de Cultura* nº 235, agosto de 2023.

Eu, nem tanto... Mas o Tio Fiffo é irresistível. Esta sugestão de que deves fazer collage, é dessas malícias do Reitor, que eu mesmo só percebo depois... Acho que Tio Fiffo sacou, pelo teu lado culinário... Preparar um collage parece muitíssimo com preparar um bom prato... saber zcolher a combinação e quantidade de cada quitute... e atentar pelo lado gustativo estético final... [Zuca in *Pasco Bexiga*]



Bravoooooooo, Ivan!!! Teus contos estão wunderbar!!! dei apenas uma poluição... ou uma poluíçada... uma pulição!... também não parece correto... enfim, vou dar... uma lanternagem geral nos teus contos... mas bem de leve... só acentos e letras faltando, porque eles têm um não-sei-quê de Dada, que não se deve tirar. Enfim, dou uma flanelada geral, e zaaaft!... Abrzzzz/ zuca

Enfim, dou uma flanelada geral, e zaaaft!...
Abrzzzz/ zuca



ZUCA E SEUS SPHOLHETTOS E FOLHAS SOLTAS

Os primeiros folhetos remontam, segundo o próprio Zuca, ao início dos anos 1950:

Os primeiros folhetos apareceram lá pelos 52, 53... Eu já tinha entrado na crise do desenho, tentei fazer um pouco de abstração, porque naqueles tempos só se admitia o abstrato. O figurativismo era coisa ou de ignorantão, ou da esquerda engajada [...]. Mas por outro lado, os meus desenhos abstratos sempre acabavam virando uma baleia do Jonas, um zepelin, uma tourada de Madrid, e eu era barrado em todos os salões, e quis me vingar passando pra poesia [...]. Pido tinha um mimeógrafo no seu escritório, movido a álcool, que produzia umas cópias roxas... belíssimas. E começou a série de folhetos que iria continuar por décadas e décadas [...] Décadas a fio, uma distribuição caótica de folhetos, que voavam ao léu. As tiragens variavam por volta de 22 exemplares. Chico Alvim era meu principal difusor [...]

A questão do diálogo do texto com as imagens vem da longínqua infância com as stórias-em-quadrinhos... Entre os heróis mais importantes Tarzan, Flash Gordon, Brucutu, havia o... Jack-do-Espaço (Smilin' Jack) que mais que todos exerceu uma influência fortíssima que até hoje me acompanha... o Jack do Espaço era o único herói que não fazia feição nenhuma... Não fazia absolutamente nada a não ser conversar com variados frequentadores de seu aeroclube... O que aumentava a importância dos diálogos, que eram muito mais desenvolvidos que os das outras stórias [...]

O surgimento do XEROX permitiu nos anos 80 um grande aprimoramento tipográfico de minha Gráfica Gralha, dada a extraordinária qualidade de reprodução que me era possível, a partir de então, pra preparar os folhetos em lojas de xerox, que então começaram a aparecer por toda a parte, sobretudo nas imediações de universidades.¹⁶

Com o tempo, vieram também as xerocópias, as folhas soltas, os grampos improvisados e as pequenas tiragens distribuídas entre amigos.

¹⁶ Zuca numa entrevista à *Inimigo Rumor*, nº 15.

Alguns pareciam cordéis; outros, gibis. Outros ainda lembravam cadernos escolares ou panfletos.

Zuca alternava seus gibis com folhas avulsas, que chamava de *Folhas ao Vento*.

Zuca lembrava com especial entusiasmo o período das máquinas de escrever e da reprodução artesanal:

Na realidade, o tempo das machinas dactylographicas, em que batia meus originais, e os desenhos que fazia nas mesmas dimensões das páginas dactylographadas, foi uma época de ouro!...

Mais tarde, recorreria às numerosas lojas de xerox próximas à Universidade de Hamburgo para reproduzir seus folhetos. A mudança tecnológica, porém, não lhe despertava o mesmo entusiasmo.

Hoje em dia o computador quer tomar conta de tudo...e você fica inteiramente subordinado a suas ordens e decisões.



Os spholhettos (sem acento circunflexo) variavam enormemente de tamanho e formato. Durante muito tempo, imaginei que fossem semelhantes a pequenos cordéis. Os exemplares encontrados ao longo da pesquisa mostraram, porém, uma diversidade muito maior. *A Volta do Conde de Montecristo*, por exemplo, contém outros folhetos dentro dele mesmo. De um lado aparece impresso *Paisagem com Movimentação*; invertendo-se o volume, surge o poema que dá nome ao spholhetto. O exemplar é grampeado, provavelmente anterior a 1969, e possui 12 páginas no formato 15 x 21 cm.

Os spholhettos circulavam em pequenas tiragens, geralmente vinte e dois exemplares, distribuídos entre amigos, artistas e correspondentes. Hoje muitos sobreviveram apenas em arquivos particulares.



O LABIRINTO DOS SPHOLHETTOS

Taifun (1982) talvez seja um dos exemplos mais claros da dimensão gráfica dos spholhettos. Assinado ainda como Zuca Sardana, o folheto possui dez páginas e se aproxima graficamente de um gibi: um pirata de perna de pau atravessa o mundo da literatura como se fosse alter ego do próprio autor. Tanto o exemplar pertencente a João Inácio quanto o de Luisa Strina são idênticos, indicando tratar-se provavelmente da mesma matriz original.

Apesar da grande variedade material, um conjunto de spholhettos dos anos 1980 e início dos 1990 compartilha algumas características: tiragens reduzidas, combinação de texto e imagem e forte aparência artesanal. Vários deles têm dez páginas.

Foi assim, por exemplo, com *Parque Científico* (1983), *Lundus Bem Azeitados* (1987), *Balladas de Dona Acidália* (1988), *Na Canoa de Caronte* (1988), *Sem Maiores Pertinências* (1991) e *Ellypse Mineira* (1991).

Alguns eram compostos inteiramente por cartuns, aproximando-se claramente do universo dos gibis. Outros continham apenas poemas datilografados, quase sem desenhos, assinados por heterônimos e disfarces autorais como Cedric Spinel, Cedric Sacy, Zuca Sardanga ou Doutor Sardanga.

Muitos preservavam pequenos ornamentos feitos à mão, lembrando separações de antigos cadernos escolares ou manuscritos de copistas.

Parque Científico (1983), por exemplo, reapareceria quase integralmente na edição comercial de *Osso do Coração* (1993), publicada pela Editora da Unicamp. Mas houve modificações importantes.

No spholhetto original os poemas eram manuscritos, compostos na própria caligrafia de Zuca e acompanhados de pequenos ornamentos feitos à mão. Já na edição da Unicamp os textos aparecem datilografados, alguns versos foram alterados e o volume ganhou desenhos que não estavam presentes na versão inicial.

A própria capa muda. No folheto original o volume começava com o poema *Guichê*; já no livro passa a trazer o título *Parque Científico* e a imagem de um menino caminhando em direção à escola, lembrando antigas cartilhas da *Caminho Suave*.

Esse processo contínuo de remontagem aparece também nos spholhetos de cartuns. *Columbus Illuzionista Methaphysico* (1982), por exemplo, foi republicado na revista *Arte em São Paulo* nº 27, mas com uma diferença fundamental: aos desenhos foram acrescentadas legendas poéticas. O mesmo aconteceu com *Novos Truques Methaphysicos – Columbus o Magnífico* (1983), publicado integralmente na edição 28 da revista. Cada reaparição modificava discretamente a obra anterior. Nada parecia definitivo.

Entre os primeiros exemplos conhecidos desse universo estão ainda: *O Dragão de Rodas* (1964), encartado no catálogo de uma exposição de Wesley Duke Lee;

Tentativa de Definição – Spholhetto Primeiro do Fabuloso Tratado de Economia Política do Professor Fumegas (1978), reproduzido na plaquete publicada no Peru com Francisco Alvim;

Outro exemplar localizado durante a pesquisa, *Vermutes da Parca*, é um pequeno folheto de poemas e desenhos, formato A4 dobrado ao meio, com 16 páginas e tiragem de apenas vinte e dois exemplares.

PARCA

Parca viúva fiel
Gosta do Pendurado
que dança na forca
O Bolero de Ravel

VERMUTES

Baixe a cortina
Grená, Cupertina,
Traga os Vermutes
Gertrudes

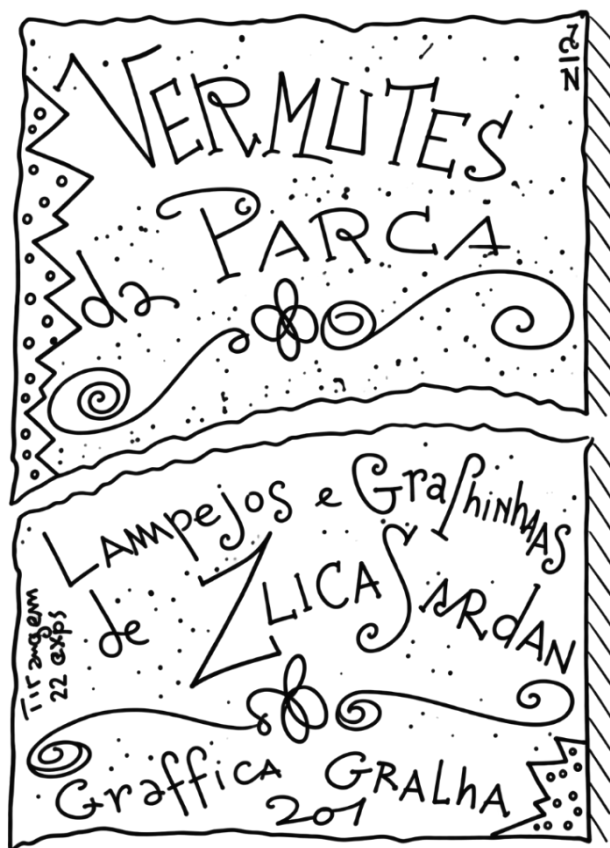
Dois spholhetos chegaram à pesquisa por meio dos arquivos de Cacilda Teixeira da Costa, que manteve correspondência com Zuca, sobretudo durante os anos 1980. Entre eles estava *Ximox*, exemplar que Zuca lhe enviou em 2012 e que Cacilda posteriormente cedeu para a realização deste livro.

Impresso em xerox preto e branco, *Ximox* possui 28 páginas em formato A4 dobrado ao meio e se aproxima materialmente daquilo que hoje

chamaríamos de fanzine. O folheto reúne desenhos e colagens, num total de 51 imagens. Na dedicatória a Cacilda, Zuca definiu o conjunto com sua habitual ironia: *Umas vinhetas do velho grafiteiro.*



Se bem me lembro, o meu mimeographo acabou esquecido em Moscou, em 1983, pelos empacadores (aqui não sei se é um erro proposital ou Zuca quis dizer empacotadores) de minha bagagem...



FOLHAS AO VENTO

Em paralelo aos spholhetos, Zuca distribuiu também folhas avulsas, algumas delas impressas pela Gráfica Gralha. Ao tentar explicar a passagem para as folhas soltas, Zuca comentou:

Deve ter sido a crise financeira que me obrigou a passar pras folhas soltas. Desde então, fui me radicalizando, e transformei-me num grouxo-marxista. Mas até hoje, ainda não consegui consolidar o Partido, o PGP, e sou obrigado a fazer algumas concessões à Globalização. Esta Folha ao Vento é muito gentil, uma Gostosa Visão do Mundo... ou... a Visão dum Mundo Gostoso...

Mas a Luta continua. Abrzzzz / zzzzzuca
Abbrzzzzi / zzzzzzzuca

Nos arquivos da Fundação Wesley Duke Lee encontrei *Beldade Gorducha* em *Folhas ao Vento*, folha avulsa impressa pela Gráfica Gralha.

Do que o Velho Mestre mais gostava era se esticar no tapete hindu para que a Beldade Gorducha lhe subisse descalça sobre a barriga, e lhe fizesse cócegas com seus fofos artelhos. E assim passavam horas e horas nas sessões de pintura do retrato dela...

Também encontrei no acervo a folha avulsa *Quimeras*, impressa pela Gráfica Gralha e datada de 1994.



ALMA BOÊMIA



Li em velho almanaque
a história comovente
duma alma preocupada
com seu dono que bebia...



Comigo acontece o contrário:
Tenho a sobriedade
de um rigoroso asceta
mas a minha alma ...
Como bebe a pequenina !....



ZUCA LANÇA O GUINHOL OU GUIGNOL?

A partir dos anos 2000, outra palavra passa a aparecer com frequência no vocabulário de Zuca: guinhol ou guignol. Em *Babylon — Mystérios de Ishtar* (2004), o termo já ocupa um lugar importante.

A palavra remetia ao tradicional teatro francês de bonecos, mas ganhava uma ressonância particular no universo de Zuca por sua proximidade com Alfred Jarry. Em 1893, o jovem Jarry publicou nas páginas do periódico *L'Écho de Paris littéraire illustre*, textos reunidos sob o título *Guignol*, nos quais já apareciam elementos do universo de Ubu.

O próprio Zuca tentava definir o gênero:

Creio que o guinhol [...] é um teatrinho improvisado tipo
Commedia dell'Arte italiana alla Goldoni...

Na prática, seus guinhóis podiam combinar poemas, diálogos, cartas, desenhos e improvisações tipográficas.

Os poemas passaram a funcionar como pequenas cenas teatrais povoadas por:

barões,
professores,
fantasmas,
reitores,
marechais,
bailarinas,
bobos da corte
e animais metafísicos.

Com a internet e o e-mail, essa prática encontrou um novo suporte. Zuca apelidou o correio eletrônico de

TELETRO

Seus e-mails preservavam muitos procedimentos presentes nos antigos spholhettos: letras repetidas, assinaturas mutantes, colagens verbais, rodapés, manchetes e improvisações tipográficas. Em muitos casos, a própria mensagem de apresentação já fazia parte do poema, misturando correspondência pessoal, prólogo teatral e performance literária.

Até os acidentes produzidos pelo computador eram incorporados ao texto. Zuca frequentemente dramatizava sua luta com a tecnologia, transformando a máquina numa espécie de antagonista:

...o computer empanturrrou a tela com vários nacos de
nossa correspondência... Foi uma luta inútil.

O próprio Zuca reconhecia a importância dessa mudança de suporte:

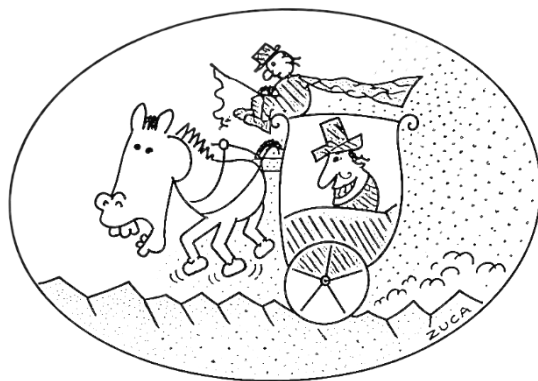
Hoje minha intervenção cultural se dá basicamente através
do email.

Nos teletros, Zuca continuava a explorar sinais tipográficos, rodapés, manchetes, assinaturas e falsas chamadas de jornais imaginários como *Boggo del Pallone*, *Pasco Palermo* ou *Correio della Cera*.

O guinhol tornava-se mais uma forma de encenação do universo de personagens, vozes e alter egos de Zuca. Embora nunca tenha aderido inteiramente às redes sociais, Zuca passou a circular intensamente em revistas digitais e correspondências eletrônicas.

Foi também por e-mail que realizou parcerias poéticas com Floriano Martins, Pedrok, Anita Bórgia e Alfonso Peña, entre outros.

Quando comecei a trocar correspondência com Zuca, ele anunciou que eu passaria a integrar sua “mala postal”. A expressão retomava, no ambiente eletrônico, aquela antiga circulação de textos, desenhos e mensagens entre amigos.



OS PERSONAGENS DO UNIVERSO GUINHOL

O universo dos guinhóis é povoado por personagens recorrentes, que atravessam diferentes textos como figuras de uma mesma companhia teatral. Alguns reaparecem durante anos, mudando de papel, cenário ou circunstância.

Entre os personagens mais recorrentes está Gordito Fabergé. Zuca explicou certa vez sua origem:

O Gordito Fabergé é uma volta totêmica que o Zuca faz à infância, pra resgatar o menino esmagado pelas ideologias dos adultos [...]

Ao redor de Gordito reaparecem a Ama-Seca Custódia, maternal e grotesca; Padre Jardel, sacerdote patafísico especializado em exorcismos absurdos; Nostromichel, sineiro profético da Capela Quintina; Reytor Finel; Barão Fritz; Rainha Pyrolana; Tio Pepe; Condessa Mafalda e inúmeros outros.

Os personagens reaparecem sem obedecer a uma narrativa linear. Zuca alterna entre eles vozes, sotaques, línguas e registros diversos, como num teatro de improviso. O próprio Zuca parecia encenar simultaneamente todos os papéis, deslocando-se de personagem em personagem através de vozes, sotaques, línguas misturadas e registros diversos.

CENAS DO GUINHOL

Entre os inúmeros Guinhóis produzidos por Zuca estão *Padre Exorcista*, *A Jangada da Medusa*, *Mistério da Atlântida*, *Profecia da Ama-Seca*, *Custódia*, *Diálogo Sulphuroso* e *O Último a Contar*.

Em *O Último a Contar*, escreve:

... último a contar a história da loucura humana nunca vai chegar... porque a fila de contadores aumenta mais por trás do que diminui pra frente.

Em *Diálogo Sulphuroso*, Gordito e seus interlocutores discutem uma possível fuga:

- E se o Corcunda tocar a sineta, Gordito, o que faremos?
- Fugimos pra Casa da Sogra!
- Da sogra de quem?
- Da sogra do Marechal Ferrolho.

Nos próprios guinhóis, esses personagens surgem em cenas que misturam idiomas, rubricas teatrais e efeitos sonoros. Em Rodapié, aparecem Gordito, Ama-Seca e Padre Jardel:

RODAPIÉ

Se los muerde, allas griegas tetas de Aphrodite, entrará el Gordito en extase divino, y la Ama-Seca aumentará sus tetas de goma-elástica, acrecidas de una considerable dosis de Leche Espumante Mestlé. Pero Hay que llamar presto al Padre Jardel acompanhado de su sineiro-sacristán Gobbo con el turíbulo d'agua-benta Cambuquira, para darle la extrema-unción. Morrerá il Ninho-Pródigo con un sorriso celestial.

BB
BB
BB

MARTYRIO DA AMA-SECA

[illegible]

RAINHA PYROLANA ACORRENTADA
 Guinhol psycho-político
 de zuca sardan NACO 1 -

NACO 2 - TORPE SENTINELA

XX
XX
XX

XXXXXXXX NACO 3 XXXXX RODAPÉ -

XXXXXXXXXXXX NACO 4 - RAINHA-LOUCA PYROLANA

USURPA O TRONO DO BRASIL - reporter zuca sardan

XXXX XXXXXXXXXX RODAPÉ) -

XX

XX

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX VELHA NACO 5 - VELHA CUSTÓDIA

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX RODAPÉ) -

XX

NACO 6 - TELEPHONEMA INTERNACIONAL (de Gordito

del Pomar com o ImperadorPeroldo, ora em

pesquisas pyrológicas no Antigo EGYPTO).

Olá, João, Esse guinhol apareceu na *triplov* de outubro
passado. É interessante. Talvez ainda esteja no link
abaixo. / Abrzzz / zzzzuca.



Olá, João!... Seguem uns LAMPEJOS ZUCA 2014, que hoje achei
numa gaveta. Irei aos poucos revendo e te passando a
série. Abrazzzzi / zuca

BBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBB

1 - PACHORRA

Padre Jardel
ronca na sesta
Sineiro Michel
saiu pra pesca

2 - CORTEJO

Cortejo por ora interrompido:

Roga-se um minuto de silêncio
pra defunta Condessa Carmela
s'ajeitar melhor no caixão

3 - MISSA

Sacristão sacode o balde
Hydra torce o rabo
Medusa guarda as tetas
Padre Jardel segue o ofício

4 - MYSTÉRIO

Quem ganhará a pelada?
Bedel Bico perdeu o apito
Bola sem pino murchou
Segue a questão em aberto.

Olá, Jabuhr, aqui vai uma terrível tragédia naval... O
Gordito Fabergé é uma volta totêmica que o Zuca faz à
infância, pra resgatar o menino esmagado pelas ideologias
dos adultos, que me aporrinharam e obnubilaram até, acho,
eu chegar aos 42 anos, , , / Abrazzzzi / zzzzzzzzzzzzzuca.
BB
BB
BB
BBBBBBBBBBBBBBBBBBBB

A *JANGADA DA MEDUSA* - / Tragédia Naval, com especial
desempenho do menino-pródigo Gordito Fabergé. / Não-Papel
Pega-Mosca de Zuca Sardan.

Quando Zuca me mandou o guinhol *Memórias de Tio Nicetto* (abaixo),
não o apresentou pra mim, enviou por e-mail a muitas pessoas. Eu e eu por
minha vez estou apresentando-o para os leitores deste livro. Dele eu
reproduzi o nome e algumas passagens, ou seja o editei. Este guinhol é auto
referente e explica muito bem como funciona a poesia de Zuca agora
chamada de Guinhol, onde não separa a vida do mito ou da arte, satiriza o
próprio fazer poético, numa verdadeira metalinguagem.

familiar!... Goze
até a hora final.

BBBBBBBBBBBBBBBB
MICROPAKA
KOVID KOROKA
GOSTA DE VOCÊ
BBBBBBBBBBBBBBBB.

Olá, João! Imagine você que estamos chegando ao fim de
nossa mudança pra Arensburg, a pequena heróica cidade
multi-secular, com seu castelo-forte medieval... Do torreão
pode-se despejar um ensopado fervente em cima dos
assaltantes das tropas do Wagner... Acho melhor mostrar ao
público politicamente responsável, que além da Guerra na
Ucrânia, há outras guerrinhas interessantes pra distrair
os engajados leitores e torellas do Pasco del Pallone...
Afinale, Roma non fu fatta en uno giorno...
Abrzzzzzz / Zuca



Zuca perdeu a bengala e andou meio sumido...
eccolequá alguns nacos dum capolavoro perduto...
Abrzzzzzzzzzzzzzzzzzzzz / zzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzuca

Tenemos acá uno belho guinhol megalômano con la
fulminante presença del ninho-pródigo Gordito Fabergé
y nel ruedapié algunos emolientes nacos de furos do nosso
pasquim Boggo del Pallone

guinhol histórico-cultural do Boggo del Pallone - BBBB
PROFECIA DA AMA-SECA CUSTÓDIA BBBBBB -



Olá, Jabuher, segue mais um improviso

Rodapé do Barone Bertone:



QUADRITAS DE ZUCA SARDAN / 722

Zuca costumava acompanhar os guinhóis enviados por e-mail com pequenos textos de apresentação, muitas vezes escritos especialmente para o destinatário. *Quadritas de Zuca Sardan / 722* foi uma exceção: chegou sem o habitual bilhete introdutório. O guinhol reunia três pequenos poemas:

SINEIRO CORCUNDA

Se o andor não correr,
corra você, Michel,
ou as beatas vão
te comer

SAROYA

Saroya gorda
Camelo magro
Coqueiro anão
Balde Furado

GIGANTONAS

Melhor ires pra Terra do Fogo
onde as Gigantonas Patagonas
pensarão que és criança
e te darão de mamar

BB
BB RECENTES PROFECIAS
DO CORCUNDA MICHEL
PROFECIAS DO SINEIRO CORCUNDA MICHEL 3 - CAVA VOTIVA
EXCLUSIVAS PRO FANFULHO DELLA CERA
NO REBELHON, 2023 - Folhas astrais na cava votiva
BB
guinhol. Zuca
para Crentes e Beatas da Capela Quintina, a trêmula
lâmpada.

O Rei Montezumba. dos Aztecas é duma astúcia
mefistofélica... descobriu o Segredo do Paulo Coelho.

O Theatro Calendas, do Zuca. Em vez de no sábado, foi pras calendas, porque no sábado o guinhol pataphysico *ARMAGEDOM*, do Capitão Roskoff e Premier Plutino, foi o Besticela Mundial, acompanhado em todo o Globo Terrestre, com temor e sensação. Malgrado o colossal sucesso, Plutino achou os comentários políticos inteiramente desprovidos de senso de humor. Os críticos internacionais não entenderam: era um delicioso guinhol.

abzz / zuca.

se...

ZZ
OVO DO COSMOS
quadritas pyrológicas de zuca sardan
ZZZ.

Olá, Jabuhr, aqui vai uma terrível tragédia naval.... O Gordito Fabergé é uma volta totêmica que o Zuca faz à infância, pra resgatar o menino esmagado pelas ideologias dos adultos, que me aporrinharam e obnubilaram até, acho, eu chegar aos 42 anos, , , / Abrazzzzzi / zzzzzzzzzzzzzuca



Olá Jabuhrer,
Aqui segue uma das versões definitivas da Theoria e Prática da Evolução dos Planetas, que ora arrematei pra te expedir. Nesta versão introduzi o Tio Pepe, ajudante de Deus, que executa algumas manobras braçais pouco condizentes com a dignidade sublime do Ser dos Seres, tal a criação de Adão e Eva, mediante umas reformas no macaco-pitecântropo-ereto, quando Tio Pepe instala o aparelho fonador no Adão e... na Eva.
Há uma outra defintiva, em que acabo fazendo uma História Relâmpago do Universo e da Civização...
e noutra, a ser traduzida pro espanhol pruma antologia mexicana do Surrealismo na América Latina, traço, pra finalizar, a evolução na Visão do Mundo e da Arte no Século XX, onde mostro o importante papel do Surrealismo de se contrapor à visão racional materialista herdeira de Marx, Darwin e Freud, que decretara o fim da Metaphysica. Freud percebeu o furo que ele próprio, com sua teoria do Subsciente,
provocou na Visão Racional racional científico-materialista do Mundo, que ele mesmo professava.
Abbrazzzzzi / zzzzzzzzzzzzzzzzzuca

Abbrazzzzzi / zzzzzzzzzzzuca

XARADA DE NOSTROMICHEL, pra 2023.

[illegible]

Outra versão para este mesmo guinhol de Zuca.



ZUCA PUBLICADO FORA DO BRASIL

A condição de diplomata fez de Zuca Sardan uma espécie de poeta errante. Viveu em diversos países, escreveu em várias línguas e acabou formando, ao redor de sua obra, uma pequena rede internacional de leitores, tradutores, artistas e editores.

Sua circulação fora do Brasil ocorreu quase sempre por vias marginais, artesanais ou afetivas: pequenas editoras, revistas alternativas, traduções independentes, plaquetas de baixíssima tiragem e correspondências pessoais.

ZUCA EM REVISTAS PORTUGUESAS

Em Portugal, Zuca publicou poemas e desenhos na revista *DiVersos*, editada por J. C. Costa Marques, ligado à editora Sempre-em-Pé.

A circulação portuguesa de sua obra ocorreu sobretudo através de revistas literárias independentes, correspondências e publicações digitais.

ZUCA EM MADRID

Na Espanha, Zuca aproximou-se do poeta e fotógrafo Javier Gálvez, figura ligada ao underground editorial madrilenho.

Foi Javier quem publicou duas raríssimas edições de Zuca:

La Muerte mi Violetera;

El Viaje Sicalíptico del Doctor Sardan (2013¹⁷).

Sobre o amigo espanhol, Zuca escreveu no periódico Pasco Bexiga:

Javier Gálvez, o poeta e fotógrafo mais maldito de todas as Espanhas... (Com recursos escassíssimos fez duas edições do Zuca, uma balada em 5 exemplares, e desenhos eróticos em 7 exemplares... rapidamente esgotadas).

As descrições que fazia de Javier parecem saídas de um guinhol:

¹⁷ O folheto original foi publicado em 1998.

Javier é fotógrafo especializado em fotos empretíssimo-e-branco sujo... só os grandes iniciados conseguem ver qualquer coisa...

ZUCA NAS ILHAS CANÁRIAS

Outro núcleo importante de divulgação surgiu em Tenerife, nas Ilhas Canárias, através do editor José Miguel Pérez Corrales.

Em 2018, Corrales publicou o número 73 da revista *La Página*, inteiramente dedicado a Zuca Sardan. O volume reunia poemas, desenhos, spholhetos, traduções, ensaios de Chico Alvim e Alcides Villaça e reproduções fac-similares de vários folhetos raros.

Ao saber por mim da publicação, antes mesmo de receber um exemplar, Zuca comentou:

Donde sacaste a foto e a notizzia? Eu ztou agradavelmente surpreso, e sendo o nome em espanhol, ameaça ser das Canárias, onde aliás, antes que me esqueça, saiu um livro bem bonito, com as cartas da Freirinha Portuguesa (Alcoforado) traduzidas pro espanhol, com farta ilustração do Zuca. Esta capa, como terás percebido, é uma cópia da capa do Babylon.

Zuca se referia à edição espanhola de *Cartas Portuguesas*, publicada pela editora La Página, em Tenerife, com desenhos seus.

Pouco depois, Cacilda Teixeira da Costa me enviou um exemplar da revista. Zuca reagiu em tom patafísico:

É o que em Pataphysica se chama o Acaso Objetivo.

ZUCA NA HOLANDA

Na Holanda, o surrealista Laurens Vancrivel divulgou sua obra em revistas alternativas.

Mais tarde surgiu a *Zuca-Magazine*¹⁸, revista digital criada pelo escritor e tradutor holandês Harrie Lemmens e pela fotógrafa e tradutora portuguesa Ana Carvalho. Dedicada à literatura lusófona, a publicação tomou seu nome de Zuca Sardan.

¹⁸ <https://zuca-magazine.nl/>

Em 2019, Harrie Lemmens publicou na Holanda a antologia *De hyena, niet de hond: gedichten*. O livro reunia poemas traduzidos para o holandês, acompanhados de desenhos de Zuca e fotografias de Ana Carvalho.

A apresentação do volume definia o poeta como:

... um mágico que cria um novo mundo do zero com palavras e desenhos.

Zuca acompanhava tudo à distância, em permanente guerra com os computadores:

Olá, João!... imagine que o Weber, Sentinela da Web, sempre querendo participar ou sacanear o Velho Z, trocou ou aprontou por conta própria uma cópia em anexo pra você, cópia do cartun que ontem preparei pra festa literária brasileira na Holanda, patrocinada pela 'Zuca Magazine', em Lamere, cidadezinha satélite de Amsterdam, simultaneamente com a cópia que enviou pra 'Zuca Magazine', de que o Harrie já me avisou do recebimento. Mas o teu possível anexo, ele boicotou. Abbrazzzzzzzzzzzzzi / zuca
BB

ZUCA TRADUZIDO PARA O FRANCÊS

Em 2011, Zuca participou da antologia *bilingue La Poésie brésilienne aujourd'hui*, publicada pelas Éditions Le Cormier por ocasião da Europalia.Brasil. Com seleção e introdução de Flora Süssekind e traduções de Patrick Quillier, o volume reuniu dezesseis poetas brasileiros contemporâneos, entre eles Zuca Sardan.

Ao me falar da antologia, Zuca não se lembrava naquele momento nem do nome do tradutor nem do título da publicação, mas se divertia com a posição que ocupava entre os poetas mais velhos:

Jabuhrrer. Aliás, antes que m'esqueça, um conceituado tradutor francês xxx especialista em lit. portunhol, aprontou uma extraordinária antologia xxx da Poesia Brasileira de Poetas Vivos, e os poetas selecionados são apresentados por ordem de... idade. Então... o 1º da lista é (era) o Gullar chefe dos neo-concretistas; e o 2º, que passa teoricamente a ser o 1º, é o Augusto Campos, chefe dos concretistas; e o 3º será, segundo os

Sábios da Academia, o... Zuca (o mais velho e rebelde dos marginais, e que se recusa porém a morrer assim tão fácil).¹⁹

O que mais o intrigava, porém, era a seleção dos poemas:

O misterioso é que o tradutor xxx traduziu coisas raríssimas do Sardan, uma que eu pensava NUNCA ter publicado, de natureza histórica, um epysódio referente ao fim do Império Brasileiro, e começo da República Positivista do Brasil.

ZUCA BILÍNGUE EM LIMA

Ainda no circuito diplomático-literário, surgiu em Lima, no Peru, a plaquete bilíngue *Poemas* (1978), organizada por Vera Pedrosa e dividida com Francisco Alvim.

O pequeno volume, publicado pelo Centro de Estudos Brasileños, reunia poemas em português e espanhol, acompanhados de desenhos de Zuca. Décadas depois, em 2013, a publicação ainda ganharia reedição peruana pela editora *Lance*.

A circulação internacional da obra de Zuca ocorreu sobretudo fora dos grandes circuitos editoriais. Entre envelopes, plaquetas, e-mails, revistas alternativas e edições de pequena tiragem, seus poemas e desenhos atravessaram países e formaram uma rede de leitores, tradutores, artistas e editores entre Hamburgo, Madri, Tenerife, Lima, Lisboa e Amsterdã.

19 A lembrança de Zuca parece reunir informações de contextos distintos. *La Poésie brésilienne aujourd'hui* (Éditions Le Cormier, 2011) foi organizada por Flora Süssekind e traduzida por Patrick Quillier. A antologia inclui Augusto de Campos e Zuca Sardan, mas não Ferreira Gullar.

QUEDAS

A melhor maneira de levar a velhice
é fingir que não percebemos ainda sua chegada.
De tanto se bancar o distraído,
acabamos realmente não vendo.

Nos últimos anos, as cartas de Zuca passaram a registrar com frequência acidentes domésticos, fraturas, bengalas, hospitais e mudanças de apartamento. Mesmo diante da velhice e da dor física, ele continuava transformando esses episódios em matéria para o humor.

Até os exames médicos eram descritos em seu vocabulário particular:

Me colocaram num tubo que parece um foguete
interplanetário, que faz umas radiografias superclaras.

O exame revelou uma lesão na cartilagem do sistema de
interligação do corpo e da perna, junto à ilharca, que,
segundo o médico, poderia auto-regenerar-se em algumas semanas.
Zuca comemorava o diagnóstico:

Foi pra mim um presente do céu, porque o médico anterior
estava convicto de que não havia fraturas, conforme o seu
Raio-X indicara, e eu precisava fazer ginástica médico-
corretiva, o que resultaria, conforme agora verificado,
altamente prejudicial. Ztou portanto feliz com o
resultado final.
'zeleta'... Abrazzzzi / Zuca



... já sofri tantos acidentes, que perdi a conta.
Paciência eu tenho, inesgotável. Já completei 1 mês.

Às vésperas dos 90 anos, recusava-se a reconhecer a própria velhice:

Já vou fazer 90 anos, e recuso a reconhecer minha
velhice, embora os desastres sigam se acelerando, com ou
sem bengala, rolando escadas, escorregando nos tapetes

dentro de casa e quebrando ossos, uns maiores, outros menores, e várias opera3ões.



O jeito é mesmo dar tempo ao tempo... Eu venho levando devagar e sempre... o ano que vem completo 90, e espero ir até os 120, pra dar chance aos editores do Brasil de finalmente descobrirem o Zuca. Aos poucos irei me enfaixando em bandas egypcias, e comprarei um sarcóphago de vidro, tal qual, no mais, um sarcophago authêntico de Pharaó do Egypto. Montarei uma tendinha diante da porta, com a bilheteira Marlene, belíssima, de formas provocantes, e um sorriso encantador. E o Cartaz, cercado de lâmpadas grenat: Vinde ver a múmia do Pharaó Zuca, da Atlântida!!! Pague seu bilhete na hora, fiado só amanhã. No mais... irei tentando trabalhar cada vez menos e... me divertir cada vez mais. Abrazzzzzi / zuca
BB
BB



Olá, Jabuhrer, a mudança do velho vai durar mais que a construção da Cathedral de Rheims.Vou melhorando das costelas, usando bengala de castão. Abrazzzzos / Zzz

Durante esse período, mudou-se com Ingeburg para Ahrensburg, ao norte de Hamburgo. Até a mudança se transformava em guinhol:

Imagine você que estamos chegando ao fim de nossa mudança pra Arensburg, a pequena heróica cidade multi-secular, com seu castelo-forte medieval... Do torreão pode-se despejar um ensopado fervente em cima dos assaltantes das tropas do Wagner... Acho melhor mostrar ao público politicamente responsável, que além da Guerra na Urcânia, há outras guerrinhas interessantes pra distrair os engajados leitores e torellas do Pasco del Pallone...
Afinale, Roma non fu fatta en uno giorno...
Abrzzzzzzz / Zuca



BRUMA

A BRUMA do Tédio
dá um algodãozinho
fofão... pra tirar
uma SONECA...
na beira do Caos

MEMÓRIAS DE TIO NICETTO

O toreiro primeiro precisa sacanear o touro com fintas várias... o que há anos venho fazendo... com o leitor. O problema é que esqueci a espada, mas o leitor enfurecido parece enfim fraquejar... e vai cair esbofado, e terá de ser levado de maca... de volta pro seu camarote de luxo. Eu me divirto também com algumas diabruras ligeiras, que faço com a leitora. Enfim, preciso editar tudo que colhi de vocês, oh, fiel galera! o que não é pouco, é mesmo muito rico tudo o que vocês me disseram. Preciso editar com muito cuidado, pra que não perca vosso estilo rico e também não revele coisas que não possam sair na coluna das zartes, do Fanfullo della Cera. Tenho muito trabalho de achar o técnico-impressor, que sempre some da typographia. Sem falar que leio tudo que vocês me escrevem, o que não é pouco. Mas vou levando, no Fanfullo della Cera, o projeto que vos está interessando neste momento, que também acho belíssimo, vocês estão escrevendo cada vez melhor, quando sair publicado vou fazer o maior sucesso. Enfim, o Barão Fritz de Hamburgo prometeu publicar vossas manhas, traduzidas pro alemão pelos Irmãos Grimm, que já estão velhinhos, pero siempre cumplidores.

Poizé, carrancudos leitores, e buliçosas leitorelas... o Titio é um Sisypho teimoso... mas vou procurar me conter um pouco... pra não vos torrar a paciência. Escreverei cada vez menos. Mas os calhamaços do Barão Fritz... nunca mais. Já estou indo pros 90 carnavais... O Barão Fritz agora pode arrumar um novato escritor cheio de entusiasmo juvenil, pra escrever-lhe as memórias sulphurosas...

Mas o Barão Fritz é teimoso querendo que eu escreva mais um calhamaço de suas memórias escabrosas. Risos. E ele me disse que quer que o livro esteja pronto até março... risos. A sua teimosia com relação a mim me envaidece, mas não tenho competencia alguma. Estou envolvido cem por cento na tentativa de decifrar meus próprios guinhóis., tarefa inglória e impossível.

Mas, não liguem vocês pra teimosia do Velho... Todo Velho é teimoso. Porisso ele dura tanto tempo... a Morte não aguenta mais suas teimosias, e vai procurar outro freguês. Mas vos prometo que vou deixando pouco a pouco esta mania de vos alistar no meu Guinhol... O-Ro-Rooooo... Já ztá quase acabando... Pensem que não são só vocês os pressionados... O Barão Fritz não deixa o Nicanor em paz... já fizemos mais de 40 livros, e ele sempre insiste em

Nossos Tratados são muito pesados, e o Fritz não quer pagar o porte postal. Há outros editores... que sempre somem do Nicetto na última hora... e a edição não sai. Mas enfim.. qualquer prazer me diverte, mas nem toda tristeza me faz chorar... Porisso justamente eu gosto do quinhol.

Ontem chegou no Palácio Moderno o caminhão de mudanças, mas o Rei Naro parece que não quer sair não. Vamos ver como é que o Lulu vai fazer, pra ficarem os dois no mesmo lugar acho que não dá, a física diz que duas pessoas não ocupam o mesmo lugar... risos.

Você não precisa fazer
guinhol. Você basta inventar
UM personagem: Você.

[illegible]



31 - PYRÂMIDE

Dançando louca
aguda voz tremida
humana flama luzindo
por divina adolescente

mímia melena rubra
na cripta secreta
dançando louca
nos pratos da balança



32 - GRALHA

A gralha grasma no beiral
da torre sete horas
sem parar no velho palco
segue a pantomima

cativa dama levada
pra colina gemendo bai-
xinho suspirando presa
fatal do Conde Palestrina



33 - BAHU

Serpente oculta na cortina
cramuazi mort'o camareiro
de pés entrelaçados Rainha
apavorada s'escabela

brilha cometa pia gralha
do Conde são os ossos
a caveira e os crachás
nas cafundas do bahu



34 - ARCADEA

No fundo da Arcada
Demolyda na cela presa
Dama Bella Barbarroxa
zeloso não desgruda

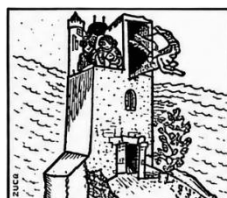
preso na nave Pontífice
os aprontos dos Bispos
dão em nada polpudos
sacos de resgate pagarão



35 - PALÁCIO

No bel Palácio banquete
colossal são os tempos
da Rosa do Mundo tudo
amores lauréis

mas Cometa e Saturno
cruéis não sossegam
enganos lágrimas tor-
mentos Dolores



36 - TORRE

D'antigo ventoso
edifício as ruínas
não longe do aqueducto
num colear voluptuoso

da Janela da torre voa
dama vulcanal o sapo
sete vezes do poço
fará nocturno augúrio

ZUCA SARDAN NA PONTA DA *AGULHA*: PARCERIAS COM FLORIANO MARTINS

A *Agulha Revista de Cultura*, criada e editada por Floriano Martins, tornou-se um importante espaço de publicação da obra de Zuca Sardan em sua fase tardia. Ali apareceram guinhóis, desenhos, colagens, entrevistas, trabalhos realizados em parceria e textos críticos sobre sua obra, como As espirais mesmerizantes, de Kasemir Pierre, e Verbete, o desenho, de Pedro K.

Em 2019, para celebrar os cem anos do Surrealismo, a revista lançou uma grande edição reunindo materiais publicados entre os números 125 e 148. O volume republicou o texto *A Calota Polar do Surrealismo*, de Zuca e Floriano.

Floriano comenta algumas das colaborações de Zuca na revista:

A primeira vez que publicamos o Zuca na revista, como eu já falei anteriormente, foi quando, ao reunir nossos e-mails, montei o esquete “Dois loucos à beira do pote”, que deu início à peça Circo Cyclame, isto em 2014. Essas aparentes decisões são imperativos do acaso. Uma vez fizemos um número da revista tendo o francês Juan Gourmelin como artista convidado, justamente por sugestão tua, e ali incluímos um take do Zuca chamado “História abreviadíssima do mundo, surrealismo e... a trombeta”, que é uma delícia²⁰.

Antes, em 2019, fizemos as duas edições com o Quarteto Kolax, do qual participamos Zuca, eu, Pedro Alvim e Ana Borges. No segundo número há um diálogo improvisado entre nós quadro que se chama “Sic Transit Gloria Mundi”²¹, e considero uma página memorável.

²⁰ Disponível em <https://arcagulharevistadecultura.blogspot.com/2023/01/zuca-sardan-historia-abreviadissima-do.html>

²¹ Disponível em <https://arcagulharevistadecultura.blogspot.com/2019/12/quarteto-kolax-2-sic-transit-gloria.html>

A aproximação entre Zuca Sardan e Floriano Martins começou por correspondência. Segundo Floriano, primeiro chegou pelo correio um pequeno pacote com desenhos enviados por Zuca. Depois veio o e-mail, que ele chamaria de “nossa melhor ponte”.

A partir de 2015, os teletros trocados entre os dois começaram a adquirir forma teatral. Em entrevista a João Antonio Buher, Floriano revela:

Creio que em 2015 eu percebi que se eu juntasse as falas do Zuca que me chegavam por e-mail às minhas respostas aquilo poderia nos render um diálogo desconcertante e hilário. Reuni tudo em torno de um texto que intitulei de Dois loucos à beira do pote, de imediato publicado na revista. Nós dois tomamos muito gosto por aquela forma de provocação e passamos a nos corresponder como se estivéssemos criando uma peça de teatro. Foi assim que nasceu a primeira delas, Circo Cyclame, que publicaríamos no ano seguinte. Ao longo de alguns anos escrevemos nada menos do que sete peças do que passamos a chamar de teatro automático. Aqueles pequenos textos, que iam e viam, pelas águas turvas na Net, mesclavam nossas ideias sobre mil temas, a correspondência pessoal com nomes trocados, críticas que fazíamos ao trabalho de outros etc. Até mesmo duas entrevistas que fizemos um ao outro foram incluídas dentro do espírito dramatúrgico que era de uma vertigem patafísica a toda prova. E nos divertíamos muito.

Da parceria nasceram diversos livros e peças de teatro automático, entre eles *Circo Cyclame*, *O Iluminismo é uma Baleia* e *Oráculos Profanos*, além de experiências coletivas como o *Quarteto Kolax*²⁴.

Ao comentar as peças, Floriano descreve :

Circo Cyclame evoca um desses circos de subúrbio... Desde o princípio se sabe que é uma jornada impossível, mas ninguém liga a mínima. O que importa é o caminho,

Adiante, Floriano diz:

²⁴ Formado por Pedro Alvim, Ana Borges, Floriano Martins e Zuca.

...essas peças – assim como as outras quatro que escrevemos – são de representação impossível, pelo excesso de personagens e os absurdos cenográficos. Para nós, o que poderia ser muito interessante era conseguir a produção de desenhos animados.

Ao comentar *Farelos do Mytho*, Zuca descreveu o livro como:

O livro, de obra teatral, é de sacanagem distinta, razoavelmente contida, e cai a cortina. Mas, inexplicavelmente o livro, depois do fim, continua, e vem uma parte não programada, da mais solta sacanagem, mas... engraçadíssima, devo confessar.

Zuca definiu assim o procedimento:

O *Circo Cyclame* é aquilo que nós denominamos 'Teatro automático': uma experiência na linha do Poison Soluble, ou seja, uma criação em diálogo automático entre dois ou mais escritores, que realizam assim uma peça improvisada, direta, espontânea e sem revisão, com o objetivo de provocar uma intensa participação do inconsciente... e talvez, no caso especial do inconsciente coletivo, dos próprios autores²⁵.

Entre os livros de Zuca publicados pela ARC Edições, alguns em parceria com Floriano, outros com diferentes colaboradores, estão:

Circo Cyclame, de Zuca Sardan e Floriano Martins. Fortaleza: ARC Edições, 2016.

O iluminismo é uma baleia, de Zuca Sardan e Floriano Martins. Fortaleza: ARC Edições, 2016.

Eccolequá – Raridades da Graffica Gralha, miscelânea atrevida de Zuca Sardan. Fortaleza/São Paulo: ARC Edições/Editora Cintra, 2017. [Fora de catálogo]

²⁵ Alfonso Peña | Zuca Sardan y la cámara de gas hilarante
<https://arcagulharevistadecultura.blogspot.com/2017/03/alfonso-pena-zuca-sardan-y-la-camara-de.html>

Farelos do Mytho – teatro de farsas, de Zuca Sardan e Floriano Martins. Fortaleza/São Paulo: ARC Edições/Editora Cintra, 2017. [Fora de catálogo]

Asilo de farsas, de Zuca Sardan e Floriano Martins. Fortaleza/São Paulo: ARC Edições/Editora Cintra, 2018. [Fora de catálogo]

Oráculos profanos – Teatro Automático, de Zuca Sardan & Floriano Martins. Fortaleza/São Paulo: ARC Edições/Editora Cintra, 2018. [Fora de catálogo]

Zacatraca, de Zuca Sardan e Floriano Martins. Fortaleza/São Paulo: ARC Edições/Editora Cintra, 2019. [Fora de catálogo]

As sete tragédias de Sardanelo & Martinico – Teatro Automático, de Zuca Sardan & Floriano Martins. Fortaleza/São Paulo: ARC Edições/Editora Cintra, 2021. [Fora de catálogo]

Opra sfola, de Zuca Sardan & Alfonso Peña. Fortaleza/São Paulo: ARC Edições/Editora Cintra, 2021. [Fora de catálogo]

Quarteto Kolax – Carroça patafísica. Fortaleza/São Paulo: ARC Edições/Editora Cintra, 2021. [Fora de catálogo].

Em 2024, a Editora Mama Quilla publicou uma nova edição de *Circo Cyclame*²⁶.

²⁶ Disponível em <https://www.mamaquilla.com.br/circocyclame>

PASCO BEXIGA, UM JORNAL COM MANHA BRANCALEONICA

Um pasquim de Zuca Sardan, Pedro
Alvim e Ana Borges

O Pasco Bexiga foi uma experiência coletiva de Zuca Sardan, Ana Borges e Pedro Alvim, construída e distribuída principalmente por e-mail. Era um jornal, ou, na definição de Ana Borges, um pasquim, com uma redação imaginária povoada pelos personagens de Zuca.

Zuca descrevia o jornal como:

Eu era uma espécie de Reytor Finel que se imiscuía na Redação do *Pasco Bexiga*. e cascadeava seus apothegmas pra Anita e Pedrok, pra grande irritação do diretor Nelson Ramires, que ficava encafudado em seu gabinete enborcando litros de uísque nas rocas durante o expediente. Nelson era tiranizado por uma mulher cafona-chic, e se refugiava nos braços de sua Secretária Megyra, e fugiam os dois pro Haiti, durante o expediente.

Durante a preparação do jornal, até as instruções de Zuca aos parceiros assumiam o tom do Pasco:

Pra nossa guerrilha, precisamos preparar, de cada vez, uma única lauda,... aprendemos a ser sus-cin-tos!...

AVISO - LASCIATE OGNI SPERANZA; VOI CH'ENTRATE//
Por determinação do director-presidente Nelson Leone, não podemos aceitar poesia de mais de 14 versos. O que for maior entra na Guilhotina //

As seções e colunas do *Pasco*:

- a) Notizzias da Rússia
- b) Tradizzões Heráldicas
- c) Torre de Brazilônia (colunas: Circo Bordone (antes você tinha dito Coluna do Bicho); Pavilhão Luso-Tropical)
- d) GobbodelPallone (colunas: Palmiere Verde e Bolão do Vosco)

O *Pasco Bexiga* misturava sátira política, colagem, falsas notícias, personagens delirantes, futebol, surrealismo, jornalismo imaginário e teatro automático. Como escreveu Zuca:

O Pasco Bexiga é um poço inesgotável de preciosidades.
Abrzzzzzz / zuca



O trabalho de edição e distribuição recaía principalmente sobre Ana Borges, com a colaboração de Pedro Alvim na diagramação. Quando ela já não pôde continuar, Zuca anunciou à sua maneira o fim do jornal:

Ana não podia mais aguentar o colossal aumento de carga que representava sua posição de diretora e organizadora do interminável ciclo de conferências que seguirá sempre per *Seculae Seculorum*, e manter, ainda por cima, a chefia da administração do Pasco Bexiga, onde além de ativa participante da parte criativa, ela ainda tinha de organizar a edição final e... sua distribuição. Pedro a ajudava na diagramação, e o Zuca com palpites furados de uma prosápia de dois Séculos. Por fim ela me disse, tristíssima, que não tinha mais condições físicas de continuar com esse trabalho de Sísifo, e despediu-se chorosa, porque ela realmente gosta muitíssimo de nosso Pasco, isso sem contar a grande amizade que ela devota ao Zuca e ao Pedro. Aliás Pedro participa, como orador, das Conferências Anuais da Uffa. Como Professor de Artes, tendo vários livros escritos, ele é certamente um dos grandes astros das Conferências. Ficando assim o Pasco entregue a um velho pródigo que mal sabe manejar um aparelho-email... O-Ro-Ro, nosso Pasco Bexiga s'evolou para o Mundo Platônico das Ideias Puras... Creio que você e Anita poderiam fazer

Abrzzzzzz / zuca

BB
BBB



Em 2023, Ana Borges me contou como funcionava o *Pasco Bexiga*:

O Pasco foi um jornal, um pasquim, na verdade, homenagem ao Pasquim com maiúscula e ao bairro do Bexiga, em Sampa, nunca entendi direito a razão. Coisas do Zuca. Às vezes eu perguntava para ele: é essa tal razão? E ele: É essa. E eu: mas não é essa outra razão? E ele: É essa outra. Até que eu desisti de perguntar. O Pasco era uma grande brincadeira do Zuca e minha e do Pedro. Com o Zuca de piloto, o melhor piloto que você possa imaginar, afetuoso e cuidadoso com os seus pilotados, nosso Professor e Reitor, procurando o tempo todo que criássemos nossas coisas, cada um do seu jeito. Me soltei para escrever com o Zuca, e sou imensamente grata a ele por isso.

Nós enviávamos todo mês o jornaleco para uma lista de assinantes, amigos e conhecidos meus e do Zuca. Não eram propriamente assinantes, na verdade eram nossas vítimas, pois nunca perguntamos a ninguém se queria receber nada. Às vezes cortávamos alguém da lista, mas só gente que não sabia brincar. Publicamos durante um tempo na revista surrealista portuguesa online TriploV, e uma única vez em uma revista espanhola. Agora o nome me escapa, mas depois vou lembrar. Não havia plataforma não. Bem que eu tentei por um tempo criar um site, mas de verdade não entendi como fazer, me enrolei toda, ficou feio e deixei pra lá.

Um grande abraço... e, como diria a Mafalda, o urgente não deixa tempo para o importante.

Até breve,



A primeira edição do jornal foi enviada por e-mail em 12 de janeiro de 2019. Nela apareceram dois guinhóis de Zuca: *Pasco Bexiga – Últimas Notizzias*, contendo o guinhol *Visita do Príncipe ao Purga*, e *Pasco Bexiga – Extra*, com o guinhol *Chineses pousam foguete do outro lado da lua*.

Ao todo foram publicados 24 números do jornal. O vigésimo terceiro saiu em 28 de julho de 2021. Já o número 24 não traz data de edição, mas provavelmente foi publicado em novembro do mesmo ano, pois os guinhóis fazem referência ao Dia de Finados.



ZUCA SARDAN PELA INTERNET AFORA

O triunfo da web foi pra mim uma faca de dois gumes: porque sei martelar as teclas, mas... não tenho a menor idéia de como passar um novo original pro arquivo geral, então vou empanturrando na 'lado do Lixo', porque não sei como passá-lo pro Open Office. Resultado: em poucas semanas a lata do lixo ztá empanturrada, e o aparat avisa que mais um pouquinho de lixo e... o aparelho não poderá mais funcionar. E perco pilhas de material que era da máxima importância... Então tenho de eliminar quilos, arrobas, e vai tudo pro brejo.

Seguir o rastro de Zuca Sardan pela internet não é tarefa simples. Com indicações dadas por ele próprio, consegui localizar muitas de suas colaborações em revistas e publicações digitais. Entre os espaços em que sua obra circulou estavam a *Revista Pessoa*, o *Megafone*, *Deixa Falar* e a *Agulha Revista de Cultura*, além de blogs, jornais eletrônicos e outras revistas independentes.

REVISTA PESSOA

Na *Revista Pessoa*, editada por Mirna Queiroz, Zuca iniciou em dezembro de 2015 uma colaboração que se estenderia por vários anos. Ali publicou dezenas de guinhóis e “ztampas”, como chamava os desenhos que enviava por e-mail.

Ali publicou dezenas de guinhóis e estampas, entre eles:

Zupina Galhoffa,

A bordo do Titanix,

Dante no Inferno,

Tarok do Bicho,

Barqueiro,

Ticlone — metamacarronix,

Os visitantes da noite,

Brindes a granel

e Treslocado herói.

Mirna Queiroz recordou a chegada de Zuca à revista:

Publiquei o Zuca com entusiasmo pela primeira vez na revista Pessoa em 2015, no dia Z, homenagem ao poeta e desenhista criado pela e-galáxia, do editor e escritor Tiago Ferro, para o lançamento de Sextilhas safadas em formato digital.

No ano seguinte, Heloisa Jahn, curadora da seção de poesia desta revista e nome do mercado editorial que maior influência exerceu sobre mim, sugeriu que ele passasse a assinar uma coluna fixa na Pessoa. Sugestão que não poderia recusar, não apenas pelo seu traço genial e o humor inclassificável, mas porque Zuca se encaixava perfeitamente no conceito polifônico da Pessoa. Se tivesse que o definir de maneira ligeira, emprestaria de Fernando Pessoa, até por seu gesto irreverente, o slogan criado para a Coca-Cola nos finais dos anos 1920, durante o regime salazarista, que proibiu terminantemente a comercialização da bebida em Portugal: Primeiro estranha-se, depois entranha-se. É, sobretudo, este estranhamento que me interessa como editora.

Já lá vão 7 anos de colaboração e quase 60 ztampas, como ele se refere aos desenhos que me envia por e-mail, sempre acompanhados de uma mensagem calorosa e divertida. Zuca é um criador prolífico. E muito generoso. Seus trabalhos estão espalhados por vários veículos de comunicação, sejam impressos ou digitais, para ele não há diferença. Provocador por natureza, não deixa de estar atento às implicações do humor no debate atual. Se ele é o poeta da ruptura com as formas tradicionais de representação do real, da excentricidade, que insiste em transitar na contramão, deixo para a crítica especializada analisar. O que me interessa na sua obra é a beleza de um mundo próprio que ele cria. Um mundo mágico, porém, reconhecível, como se vislumbra na descrição que fez de si próprio na revista Pessoa:

*Pequenino, viu o Zeplin
e resolveu desenhá-lo
sobre o Pão de Açúcar
Gosta de fazer desenhos
de cabeça para baixo
para dar vista de Uccello
Ninguém quer ler poesia
faça-a bem curtinha...
o leitor não terá tempo
de parar de ler.*



Registro aqui o título dos poemas/guinhóis, ilustrados por ele, e publicados em *Pessoa* até este momento em que escrevo estas notas:

Treslocado herói (30-05-2022), *Trilogia de Constantinopla* (18-11-2021), *Batuk* (14-10-2021), *Brindes a granel* (3-05-2022), *Os visitantes da noite* (12-09-2021)

Solar panteão (16-06-2021), *Divine Terzze – Trette* (18-05-2021), *Agora cola* (2-04-2021), *Melodrama naval* (15-12-2020), *Taturamas* (26-11-2020), *Velório do Conde de Orgaz* (17-10-2020), *Acaso supino* (25-09-2020)

Sereia-Lagosta (24-08-2020), *Dante no purgatório* (22-07-2020), *Evolução das espécies* (19-06-2020), *Velório do Reitor Finel* (11-05-2020), *Alpharrabio Cósmico* (19-04-2020), *Fabulettas Galhoffas – O circo não pode parar* (25-03-2020), *SEBENTA PYTANGA ENTREVISTA XANTYPA* (8-02-2020), *PATHO NATHALINO* (24-12-2019), *Verde Celadon – um dado saphado* (20-11-2019), *Barqueiro* (18-10-2019), *Ticlone – metamacarronix* (15-09-2019), *Ridô Cramuazi* (19-08-2019), *VISITE O NIRVANA* (16-07-2019)

Abysmos (17-06-2019), *Jogo do bicho* (20-05-2019), *CORBOCO E EDGAR* (10-04-2019), *Sofá mineiro* (2-03-2019), *Pecado da Mucama* (14-01-2019), *Macarronix Kolax* (16-12-2018), *Trombone final* (19-10-2018), *Morte camélia* (15-09-2018), *Dante no inferno* (16-08-2018), *Tarok do bicho* (22-07-2018), *Cleopa e Totonho* (28-06-2018), *Napalhone no Egito* (7-05-2018), *Repentes 316* (5-04-2018), *Zupina Galhoffa* (13-03-2018), *A bordo do titanix* (5-02-2018), *Zultão Zamir e Frauwerkel* (5-01-2018), *Berlinda da Ztória* (17-12-2017), *ZTÓRIA NO LICEU* (3-12-2017), *Balada juvenil* (14-11-2017), *zoraklo tao* (22-10-2017), *Zúltimas notizzias* (8-10-2017), *Braz Fanfulho* (3-09-2017), *Bilhar francês* (14-08-2017), *Cabra sanitária* (1-07-2017), *Dois Fados Navaís* (10-06-2017), *Lyceo Pytanga* (3-05-2017), *Poesia gráfica macarrônica papilhonácea* (11-04-2017), *Banana Nanika* (17-03-2017), *Ztória em Quadrinhas* (17-08-2016) e *Sestilhas Safadas no Dia Z* (2-12-2015).

MEGAFONE, DEIXA FALAR

Outro espaço de circulação foi o *Megafone, Deixa Falar*, editado por seu primo Raul Milliet Filho, onde apareceram textos e desenhos de Zuca. Ali publicou poemas, contos, ensaios, desenhos e guinóis. Entre os textos disponíveis estava *Sacrifício*, originalmente publicado em *Ossos do Coração*.

Como exemplo de sua participação no *Megafone*, *Deixa Falar*, reproduzo o guinhol *Náufrago Libanês*:

NÁUFRAGO LIBANÊS /rádio rex-rrk.221 terzzas-
gralhas / zuca sardan

ZSZ

No BURACO DA FECHADURA, o Libanês vem pra cá
feito bode sem cabresto! Tranca, Capitão, a porta
presto!

[illegible]

ESSE PULHA! Esse gambá! deixei a chave em Apúlia
Lo que será, será...

[illegible]

O Zelim, qual LOUCO LIBANÊS entrou e surpreendeu o Capitão Pepe Urtiga em dúbia tertúlia com a leda rapariga

[illegible]

TRIPLOV

Outro importante espaço de circulação digital da obra de Zuca foi a revista portuguesa *TriplôV*, dirigida por Maria Estela Guedes.

Ali publicou diversos guinóis e experiências coletivas, entre eles *O Cysne de Ruben Dario foi esganado!!!*, em parceria com Anita Bórgia, *Teatrim Galhofa*, com Ana Borges, além de textos como *Geometria prática de pontes e calçadas* e *Máquina*.

Entre as colaborações que Zuca me enviou estava *Imperatriz Nunu Quase-Viúva da Ximba*, acompanhada da apresentação dirigida a Maria Estela Guedes:

BB
BBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBB

JANGADA DA MEDUSA

Tragédia Naval, com especial desempenho de G.
Fabergé.

Não-Papel Pega-Mosca de Zuca Sardan

No seu tempo de vida, o saudoso Doutor Odilon Pivot embaralhara todos os negócios de sua firma, e a Champanhe Odilon foi à breca. Odilon viajou no Vapor Titanic pra escapar dos credores. No meio do caminho, um colossal aiceberg deu uma trombada no Titanic que afundou. Resultado: a Viúva tomou conta dos negócios.

Acertou as contas e foi saldando as dívidas graças ao sucesso fulminante do... Champagne Veuve Pivot, que ela criou, considerado pelo Guia do Pneu Michelin o melhor champan da França, e consequentemente do Mundo. Viúva Odilon detém hoje uma das maiores fortunas da Europa.

E Doutor Odilon?... Foi recolhido com outros náufragos na Jangada da Medusa, uma gigantona colossal belíssima, e hospitaleira, que montara na sua portentosa Jangada a 'Pizzeria Sole Mio', e dizia: Siamo una Sola Famiglia... cada dia sumia um dos convivas náufragos, até que no fim... só sobrou o Odilon (*por razões que o leitor lacaniano, já o estará imaginando...) O célebre pintor Gerômio, um dos náufragos, queria pintar um quadro magistral da Jangada. e os marujos da Jangada já notavam, desconfiados, o paulatino desaparecimento sucessivo dos recolhidos sobreviventes do Titanik...



MILORDE E MEDUSA

Já em 2015, Zuca entrou também no universo dos e-books com *Milorde e Medusa — Paixão Totêmica*, publicado pela editora e-galáxia, dirigida por Tiago Ferro.

A *Ilustríssima* da *Folha de São Paulo* em março de 2015 publicou a título de divulgação uma das seis baladas que compõem o livro *Millorde e Medusa: Apito Vespéral*. O poema foi publicado na versão de papel em página inteira do suplemento do jornal *Folha de São Paulo*.

Sobre esta notícia que eu tinha Zuca me esclareceu:

O e-book chamava-se *Milorde e Medusa* (2015), foi publicado com certo estardalhaço (*Folha SP*). Zuca achou que ia ficar famoso, mas parece que o capolavoro não fez sucesso algum, foi um balão furado... o que me deu certa depressão. Enfim, passei na vida por uma série interminável de naufrágios, mais um ou menos um, a estas alturas... pouco importa.

Já vindo eu de outros naufrágios e bolas furadas, não me espantei. Seguimos de amáveis relações e fiz algumas aparições com desenhos e resenhas na revista *Peixe Elétrico*, para a qual lhe aprontei desenho pro frontão. Qualquer prazer me diverte, mas nem toda tristeza me faz sofrer.

Abbrazzzzi / zzzzzzzzzzz

Assim começa a saga *Milorde e Medusa*:

Leia baladas de Lorde Bill
no Apito Vespéral, tabloide
que traz as notícias de amanhã...
Se você quiser saber o que vem
por aí, consulte em nosso pasquim
a sua atualíssima Xarada do Dia

XARADA DO DIA

Aperte sua figa e se prepare...

Número da Balada:..... 1

Lance duas vezes o dado...

se 1º lance deu..... 6

e 2º lance deu..... 2

sua Sextilha é a..... 162

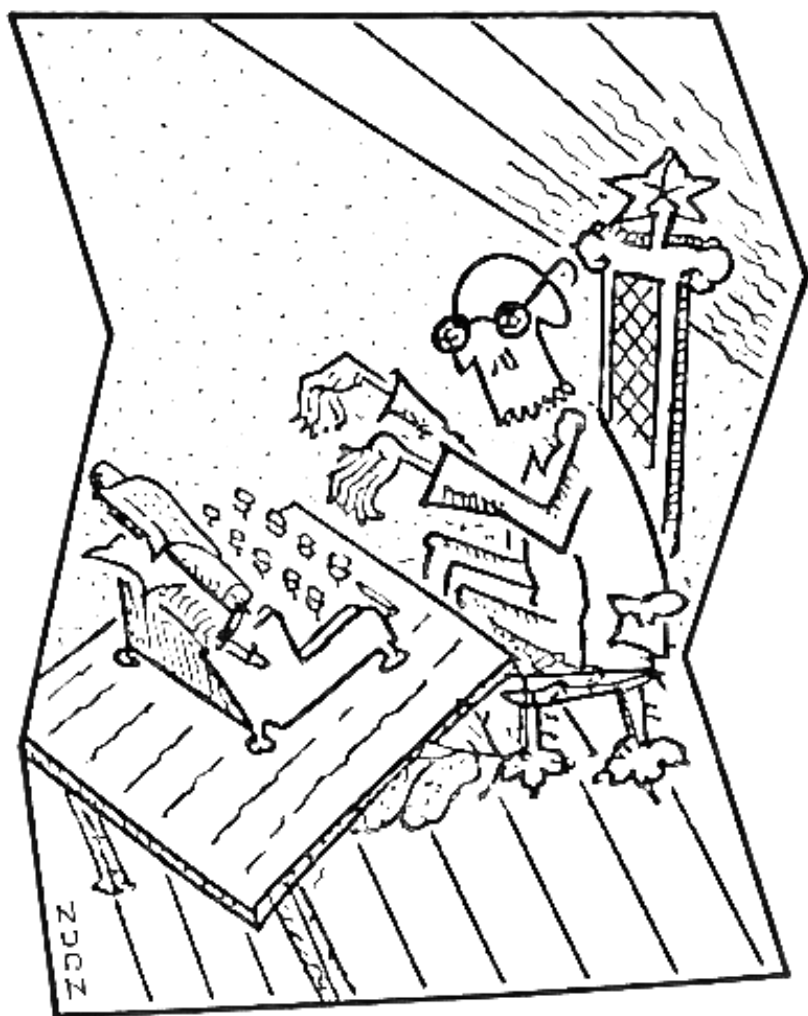
Dinâmico e rocambolesco, lance os dados e boa leitura!

PEIXE ELÉTRICO

Ligada à editora e-galáxia, Tiago Ferro também editava a revista digital *Peixe Elétrico*, na qual Zuca colaborou em pelo menos duas edições, inclusive desenhou o que seria talvez o símbolo visual (mascote) do periódico, na figura de um curioso peixinho.

Para a *Peixe Elétrico* 4. *Traço, humor e fúria – ZUCA SARDAN. O vate carioca* Zuca Sardan criou as imagens que ilustram esta edição”.

Já na edição 8 publicou, ao lado de Francisco Alvim, o texto *Que horas são?*.



O HUMOR E O DUPLO

Em muitos e-mails, Zuca refletia sobre os mecanismos da própria obra. Entre comentários cotidianos, brincadeiras e conselhos aos amigos, surgiam ideias sobre humor, personagem, inconsciente e ficção.

Você é um Autor-Personagem de si próprio, fazendo crônicas que são um conto, ou então talvez um conto que finge que é uma crônica do personagem-autor. A realidade e a ficção são reflexos uma da outra e não podem ser separadas. // Abrzzzz / zuca



Em outro momento, desenvolveu a ideia do duplo, distinguindo a “Pessoa P” de sua “pessoa 2”:

Creio que toda pessoa P tem uma pessoa 2 dentro de si, destinada a ser uma espécie de ator da pessoa P pra distraí-la com sua própria identidade. É um pouco como nos espelhos dos parques de diversão, em que a Pessoa P se vê como e fosse sua pessoa 2, e acha engraçado. Mas a virtual pessoa 2 é uma fiel parceira da pessoa concreta P, e procura distraí-la, e, ao mesmo tempo, fazer ver à Pessoa P, que ela, pessoa P, TAMBÉM é um ator das ideias que ela vestiu. E isto cria uma formidável LIBERDADE de espírito.

Abrzzzzzzzzzzzz / zzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzuca



Ao aconselhar amigos e colaboradores, Zuca também sugeria a criação de personagens:

**Você precisa criar um personagem que
NÃO seja você.**

Ele poderá fazer gaffes e dizer maluquices. Não precisa ser um sábio. Basta ser divertido pra você, e logo você e ele estabelecerão uma amizade e cumplicidade secreta. E isto poderá ajudar muito os dois. O importante é que seja divertido pra VOCÊ. Ele irá aos poucos se firmando, e isto ajudará o teu Inconsciente, e tua relação com teu inconsciente. Você próprio não consegue. Mas o teu Personagem entra no Inconsciente. Abrzzzz / zzzzuca.



Zuca também desenvolveu uma ideia própria do que chamava de “Humor de 2º grau”:

Humor de 2º grau a rigor é um humor inconsciente ao próprio autor. O público normal não sabe distinguir o H2g da batata do simplório. A batata é sempre uma pataquada dita pelo orador, seja voluntária, quando pode alcançar o maior sucesso do público, e ir parar na Rita Parada; seja involuntária, quando o povão se ri da burrice do orador, gosta da batata mas despreza o hortelão. O humor de 2º grau é uma pérola, que o autor produz inconscientemente, e o povão não percebe qual fosse a graça. Mas o conhecedor aprecia e discretamente congratula o humorista inconsciente, que não entende bem o seu sucesso, porque há uma desconexão entre o Humor, e o Autor que por razões de educação, se identificou com os assuntos sérios, e não percebe o próprio humor, embora perceba o humor de uma terceira pessoa. O Humor de 2º grau é uma sorradeira entrada do Humor nos assuntos mais sérios, filosóficos e metafísicos, não para os desclassificar, mas pelo contrário, pra trazer-lhes um pouco de graça. Em pintura, por exemplo, temos o caso do Duaneiro Rousseau (Douanier Rousseau) bom e divertido pequeno duaneiro, que adorava pintar, mas era um auto-didata que jamais passou por qualquer Escola das Belas Artes.

Todo mundo gostava dele, e achava suas pinturas divertidas, mas coisa de amador. Foi preciso o Guillaume Apollinaire, nas primeiras décadas do sec. XX perceber a genialidade do Rousseau, e chamar a atenção de Pablo Picasso, que se maravilhou logo à 1a. vista. A celebridade de Rousseau então explodiu, e todo a intelligentsia da época consagrou o gênio do Rousseau,

que recebeu a glória com a maior naturalidade, e seguiu vivendo com sua viola, suas festinhas de arrabalde, aceitou, mas não se deslumbrou, com sua súbita celebridade. O grande Mestre do H2g foi Alfred Jarry, autor do Rei Ubu, que recebeu o sucesso do escândalo, à maneira de Salvador Dalí, mas não tinha uma espertíssima Gala de companhia pra valorizar sua obra. O caso de Dalí é de um h2g consumado e assumido, e que sabia utilizar seu h2g com uma astúcia genial. Mas o 1º e grande Mestre do H2g foi Jarry, o autor do Rei Ubu, que impôs o H2g já em 1895, foi aceito como um gênio meio louco, reconhecido, mas jamais patrocinado, morreu de miséria, e alcool, num barraco de arrabalde de Paris, e se deslocava em bicicleta. Morreu em plena mocidade.

O HUMOR E O ACASO

Em entrevista concedida a Yasmin Taketani para o jornal *Rascunho*, em 2013, Zuca falou sobre o humor, o acaso e o processo de criação:

Eu não sei exatamente a que minha Poesia aspira... Em todo caso, nada de sublime... Ela é essencialmente marcada pelo humor, acha graça de tudo – a começar de mim, que ela gosta de provocar... Está sempre inventando outras coisas sem me prevenir... E eu na expectativa do que vem por aí [...] O Acaso, exatamente!!!, é a chispa que desencadeia o processo criativo. E não há poema sem o acaso, não. O poeta precisa estar atento, de antenas acesas pra captar o Acaso, quase invisível, sempre querendo s'esconder [...] Em vez de procurar inovar, deixo que a inovação me surpreenda. Não há inovação sem surpresa. Arte é o poder de surpresa, pro próprio artista [...] A Poesia, como a Música, gosta de fazer variações sobre um mesmo tema. É porque tudo o que é bom, a gente gosta de fazer de novo. Mas sempre... um pouquinho diferente. Não é verdade?

Zuca também ocupou a capa daquela edição do *Rascunho*, que trazia a chamada: *A poesia precisa ser rebelde e irreverente, pra flagrar o bom-mocismo de empenho civil e seriedade de perua-fina-bunda-seca da arte e da sociedade.* A entrevista foi feita por ocasião do lançamento de *Ximerix*.

O HUMOR PATAPHYSICO

Em depoimento dado a Alfonso Peña, Zuca relacionou o humor à patafísica, à magia e ao conhecimento:

O humor, pra mim, é uma forma de conhecimento, oposta à lógica formal... E as manifestações de magia e misticismo profano, sobretudo medievais, época em que seus praticantes eram perseguidos, ameaçados de tortura e até de serem queimados vivos... mostram bem a importância atribuída a essas experiências e criações...

Tudo isso Gustav Jung vislumbrou de modo bastante lúcido, fato reconhecido também pelos surrealistas.

O humor é uma arma mortífera... poderosa...

O Soberano só teme realmente o Humor...

Porisso justamente o Rei conserva sempre seu Bobo particular: trata-se talvez duma operação mágica de vasos comunicantes, tentativa desesperada de colocar o Humor sob sua autoridade.²⁹

²⁹ Depoimento dado a Alfonso Peña para a *Agulha Revista de Cultura* nº 235, agosto de 2023.

A GUERRILHA CULTURAL DE ZUCA

Ao comentar as edições artesanais e sua circulação fora dos grandes circuitos editoriais, Zuca recorria à imagem da guerrilha.

Seus spholhetos, guinhóis, folhas soltas, e-mails e pequenos impressos funcionavam como um sistema paralelo de divulgação, distribuído diretamente entre amigos, leitores, artistas e cúmplices.

Ao comentar comigo a ideia de uma edição artesanal deste livro, escreveu:

Tenho toda a confiança de que você achou o melhor caminho: fazer teu folheto no mesmo estilo que o Zuca fazia nos anos 1950. Aconselhava inclusive que eu inventasse um nome meio marginal para a editora – *Disco Voador, Barbas de Saturno, Besouro Papeleiro*, talvez até *Tico-Toco*, “em homenagem a nosso orixá Luiz Sá. A distribuição deveria ser mínima, destinada a umas poucas pessoas especiais. E completava: Tens de criar uma estratégia, João, a edição é uma guerrilha interminável. Foi assim que Mao Tsé conquistou a China.

Em outro momento, ao olhar para sua trajetória de publicação e circulação, escreveu:

Olá, Jabuhrrer, às vezes meu computador s’enguizza, às vezes m’enguizzo eu. Com a idade meus enguizzos vão aumentando mais que os do computador. O que, afinal, terá suas vantagens Já escrevi por dois séculos, o XX e o 21, centenas de folhetos, consegui excelentes leitores... Mas não fui lembrado pelas editoras e leitores normais, que terão lá suas razões, que não vou lhes perguntar.

Ao comentar o destino de sua obra, Zuca imaginava uma circulação cada vez mais virtual:

Minha obra irá ficando cada vez mais virtual... e enfim.. com o aceleradíssimo progresso da inteligência virtual, estou sintonizado com os tempos dos drones-kamikazes, e a Conquista do Poder pela Inteligência Artificial.
BB
BB

Em outra mensagem, propôs que criássemos uma gráfica imaginária a bordo do *Vapor Velox*:

Vamos fazer um trabalho conjunto: o Vapor Velox do dispéptico Capitão Lufolfo Urtiga, teve agora a luminosa ideia de agora uma Gráfica a bordo, pra publicar novidades do mundo e das profundezas oceânicas... O Diretor da Gráfica Velox será o Doutor X (teu pseudônimo), profundo conhecedor da obra de Zuca Sardan, e amigo do Capitão Lufoldo, este consa da viagem de cabotagem transatlântica, de que especialisra de fama internacioanl.
BB
BBBBB

Entre a circulação digital e a lembrança dos antigos meios de produção e distribuição, Zuca também manifestava certa nostalgia:

Minhas velhas machinas dactilographicas me dão a maior saudade. A Globalizaßão acabou com meu Mundo. E o correio não funciona mais.

K-7, DECLAMAÇÃO E TEATRO SONORO

Cacilda Teixeira Costa me presenteou com uma fita cassete gravada por Zuca Sardan. A descoberta revelou uma vertente de sua obra que eu até então desconhecia: a declamação e as experiências sonoras registradas em K-7.

A descoberta surpreendeu também o próprio Zuca:

Jabuhrrer, que descoberta maravilhooooosaaaaa!!! Nem o Aladim, com sua lâmpada, seria capaz INVENTAR esta fita misteriosa, que eu nem imaginava que jamais pudesse existir!...

A fita levou Zuca a recordar o período em que utilizava o K-7 para suas declamações:

As gravações misturavam:
declamação,
ruídos de rádio,
efeitos sonoros,
música
e interpretação teatral.

Talvez seja um cd em que canto "O Ébrio" do Vicente Celestino, em prantos desesperados, com uma série de trucs sonoros. Por algum tempo aprontei uma série de K-7s, umas foram apresentadas no Teatro 'Disco Voador', pelo (Ricardo) Chacal, que além de poeta, escrevia peças de teatro, que ele representava com sua trupe.



160

filho tocava guitarra e cantava enquanto ele recitava poemas. Algumas dessas apresentações teriam sido registradas em K-7.³⁰



Décadas depois, aquelas experiências sonoras voltariam a circular. Ao comentar uma homenagem realizada em Amsterdã, Zuca contou:

Mudando dalhos a bugalhos; estou de computador novo. E em Amsterdam, graças ao Harrie Lemmens, saiu um espetáculo teatral no Teatro Muganga (dum empresário brasileiro, Carlos Lagoeiro) em homenagem ao Zuca. Harrie recitou poesias minhas em holandês e português. E passaram minha fita K-7, com Zuca recitando e cantando, em português e bantu improvisado, acompanhamento musical africano.



Eu me divertia muito, João, nos tempos da K-7. Foi eliminada pela Globalização. Espero que um dia volte, pra que eu volte a cantar. O Mundo ztá pendurado por um fio... Mas ninguém vê.

Abbrazzzzzzzzzzzzzzzi / zuca

ZUCA NA REVISTA *RUA*

Lançada em 1995, a revista *Rua* apresentava um projeto gráfico cuidadoso e uma proposta interdisciplinar voltada à cidade, às suas práticas e aos sujeitos que nela vivem. Zuca participou já do primeiro número e voltaria à revista quase vinte anos depois, na edição comemorativa de 2014.

No número 1, foram publicados dois contos de Zuca: *Situação dúbia na Sicília*, de quatro páginas, e *A paixão Mirella*, este último ilustrado com um desenho de sua autoria.

³⁰ Capítulo ZIP ZUCA TRIO – OS FILHOS SARDANS

Quando lhe mostrei uma das cartas publicadas naquela edição, Zuca comentou:

A lembrança da colaboração de 1995 também despertou seu interesse pelo antigo conto:

162

A TRILOGIA

Em entrevista à revista *Ouriço*, Zuca reuniu *Ás de Colete*, *Visões do Bardo* e *Os Mistérios* como um conjunto de livros produzidos durante o período em que esteve lotado na Embaixada do Brasil em Washington, entre 1977 e 1980. Ao recordar essas edições, explicou:

Os três livros... são três impressões xerox de meus manuscritos escritos e desenhados inteiramente à mão, e publicados numa pequena gráfica de Washington, especializada em publicar menus e cadernos de anúncio de cervejarias, bazares, farmácias... e cartomantes. Na gráfica trabalhava uma gentilíssima senhora brasileira que teve a maravilhosa ideia de me propor a edizção fotocopiada de meus manuscritos. Aprontei estes meus livros durante meus três anos lotado na Embaixada em Whashington, de 1977 a 1980³¹.

ÁS DE COLETE

Publicado originalmente em 1979, *Ás de Colete* tinha formato de 15 × 23 cm, 120 páginas grampeadas e reunia textos e desenhos feitos à mão. Algumas das ilustrações eram de Zuca e outras de seu filho Guy.

O próprio autor o definia como:

... uma tentativa de fazer um komix que pudesse alcançar pessoas que não se interessassem pelo komix, ou que só costumam relegá-lo ao cômico-popular, o que, como reação a esta cegueira satisfeita, trouxe a POP-ART

O volume reúne materiais como:

O Teatro de Plutão,

Annone,

Naufrágio Noturno,

Uma Noite no Theatro Rex

e

³¹ Trecho de uma entrevista de Zuca à revista *Ouriço - Revista de poesia e crítica cultural*, nº 2, 2022.

A capa prateada reproduz na lombada uma falsa costura à mão, reforçando visualmente o aspecto artesanal do livro, embora a edição tenha sido produzida em gráfica. Segundo Zuca, os originais foram reproduzidos em xerox numa papelaria de Washington. A composição preservava os desenhos e textos manuscritos, sem composição tipográfica.

Em 1993 o livro ganhou edição comercial pela Editora da Unicamp, dentro da coleção *Matéria de Poesia*, organizada por Alcides Villaça. A edição preservou quase integralmente o aspecto fac-similar dos originais. Na orelha da reedição de 2014, Carlito Azevedo escreveria:

... é um dos livros mais políticos de Zuca Sardan. A agitação popular, as manhas e artimanhas dos soberanos, o balouçar do barco estatal, os tribunais reacionários e os revolucionários são destrinchados numa das melhores sequências de poema/imagem produzidas por este originalíssimo poeta e artista plástico...

A partir dos anos 2000, Carlito Azevedo voltaria a aproximar-se da obra de Zuca ao publicar poemas seus e uma longa entrevista na revista *Inimigo Rumor*. Mais tarde, organizaria pelas editoras Cosac Naify/7 Letras a coleção de poesia *Ás de Colete*, título que evidentemente homenageava o livro de Zuca Sardan e indicava sua permanência subterrânea na poesia brasileira contemporânea.

OSSO DO CORAÇÃO

Embora publicasse havia décadas de forma artesanal, Zuca só chegaria ao circuito editorial comercial aos sessenta anos, com *Ossô do Coração*, lançado pela Editora da Unicamp em 1993.

O livro integrou o primeiro grupo da coleção *Matéria de Poesia*, ao lado de autores como Cacaso e Maria Angela Alvim, e contou com apresentações de Cacaso, Horácio González, Flora Süssekind e Francisco Alvim.

A edição preservava o espírito gráfico dos antigos folhetos, com textos manuscritos, desenhos, caligrafia, paródias editoriais e uma aparência deliberadamente artesanal.

Sobre essa dimensão artesanal da obra, Horácio González escreveu:

Uma enciclopédia, porém, não se faz no fundo do quintal. Sardan fez. Seus livros omitem a tipografia. A estrutura manual dá então um traço ardiloso ao livro artesanal, porque estando as evidências caligráficas da mão do autor acintosamente presentes, a ausência de suporte tipográfico deixa um vácuo tão desnecessário, tão gratuito, que só podia ser por aí que se filtrasse a atividade poética como prolongação absurda da vida do Álbum.

Em sua apresentação, Cacaso chamou atenção para outro aspecto da poesia de Zuca:

Saldanha compõe um gênero de poema que joga com o leitor e consigo mesmo, quase sempre em contradição com a expectativa inicial que a leitura predispõe. O poema oferece uma imagem de significado estável (Soberano, Astrólogo, etc), e depois a corrige, reduzindo-a a outra possibilidade semântica: altura (alteza), não no sentido de valor ou moral, mas simples questão a ser revolvida com a fita métrica na mão, sem mais nenhuma ambigüidade, os esquimós são mais baixos do que os suecos, quem duvida que os vá medir...

O livro reúne dezessete folhetos de Zuca, reproduzidos em fac-símile, preservando as características gráficas das edições artesanais. Para a publicação da Unicamp, o autor criou ainda elementos manuscritos especialmente para o volume, entre eles uma autoapresentação, um falso colofão e um índice à maneira de seus spholhetos. O volume reúne *Teste dos 7 Erros*, *Mal Comparando*, *Repentes Minimalistas*, *A Eminência Griz*, *Crepúsculo*, *Parque Científico*, *Pilares da Ciência Phynanceira*, *Expresso Noturno*, *Dialética Socrática*, *A Deusa Garbosa*, *O Rato das Dunas*, *Felpudo*, *Oso do Coração*, *Theobaldo Sylvano*, *Trincaferros*, *Ellypse Mineira* e *Luzes do Oriente*.

Na autoapresentação do volume, Zuca escreveu:

Antes que me atirem a terceira pedra...: Quer pareçam poesias, fábulas, ou cartolinas, todos estes escritos e garatujas são Repentes... folhas mais ou menos sparsas que nossas charmosas leitoras e nossos dinâmicos leitores poderão atacar, quer pela direita, quer pela esquerda

deste folhetão que sempre traz as últimas notícias de qualquer sexta-feira [...]

Em outra passagem, Zuca brincava com os pastiches e as referências literárias presentes no livro:

Haverá outros pastiches? A bem dizer, não me lembro mais se do vaso galé do Alberto de Oliveira um simulacro chinês entrou neste Folhetão. Prometo, em tod'o caso, pro próximo número, um cysne do Mallarmé.

Em *Luzes do Oriente*, encontra-se o pequeno poema *O Cão Fiel*:

O Cão Fiel

conhecia de longe
a voz fanhosa
de seu dono.

e, nem por isso,
o mordia.

A obra de Zuca dialoga continuamente com a literatura, a mitologia, a cultura de massas e também com ela própria, num movimento de pastiche, releitura e autoparódia. Referências eruditas e populares aparecem no mesmo plano, aproximadas pela poesia e pelo humor.

Ao recordar a preparação de *Osso do Coração*, Zuca mencionou a participação de Wesley Duke Lee e Frederico Nasser no projeto gráfico:

O Wesley foi quem me levou ao atelier do Frederico Nasser, e lá aprontamos os três a preparação gráfica pra edição do *Osso do Coração*... Wesley tinha um senso de humor extraordinário, e uma aura muito forte. Até hoje sinto sua presença viva...

Em 2014, quando Eduardo Guimarães voltou à direção da Editora da Unicamp, *Osso do Coração* ganhou uma segunda edição, que manteve as características essenciais do projeto gráfico original.



ARTE EM SÃO PAULO

Idealizada por Luiz Paulo Baravelli, a revista *Arte em São Paulo* começou a circular em 1982. Tinha formato horizontal, capa dura e encadernação em espiral, reunindo em suas páginas crítica, literatura e artes visuais.

Carlos Felipe Saldanha, como Zuca ainda assinava na época, começou a colaborar na revista em abril de 1984, no número 22. Até onde pude localizar, sua participação estendeu-se pelo menos até a edição 33.

Foi justamente no número 22 que Cacilda Teixeira Costa publicou um extenso ensaio sobre sua obra, *Rex: paralelismos e influências patafísicas; Wesley Duke Lee e Carlos Felipe Saldanha*. O texto, de sete páginas, tornou-se uma referência importante para compreender as aproximações entre Zuca e Wesley Duke Lee. Nele, Cacilda examinava as relações entre a obra de Zuca e a de Wesley Duke Lee, especialmente a partir da patafísica.

Na mesma edição foi publicado o spholhetto *Heléboro Negro*, de dez páginas, com poemas como *Irredentismo*, *O Exílio do Rey Philosopho*, *Homília Pragmática*, *O Golpe da Sucuryúba*, *Prestissimo*, *A Arte pela Vida*, *Resultado Garantido*, *Sic Transit* e *Providencial Esquimó*.

Rex – Paralelismos e influencias patafísicas; Wesley Duke Lee e
Carlos Felipe Saldanha.
Irredentismo
Desista, Doutor...
Não há Heléboro negro
que chegue
pra acabar
com a minha folia...

No número 23, de junho de 1984, foi publicado o spholhetto *A Sombra do Arauto*, também com dez páginas. Entre seus poemas estavam *Público Seleta*, *Primadonna*, *Programma*, *Força de Caráter*, *O Corvo*, *A Garça*, *Nigromante* e *O Filósofo*.

O FILÓSOFO

Numa banheira de bronze
vou lavar meu karma
com meu sabonete nirvana

Na sequência vieram *Gazetta das Phynaças*, no número 24, e *Papagaio Verde*, no número 25, ambos de 1984. Já *Papagaio Verde*, assinado ainda como Carlos Felipe, seria depois retrabalhado e transformado no folheto francês *Le Perroquet*³².

PAPAGAIO VERDE

Era o crepúsculo...
o sol já vestira seu
roupão magenta

Donairoso,
em evanescentes volutas
voleteando

À conquista se lança
das etéreas paragens
o soberano papagaio

No número 27, de outubro de 1984, saiu *Columbus*, uma sequência de cartuns protagonizada por um gato que vivia dentro de um ovo. Zuca fazia questão de apresentá-la como um spholhetto e anunciava na abertura:

Apresentaremos uma série de truques conceituais... A experiência prosseguiu no número 28, de janeiro de 1985, com *Novos Truques Conceituais*, continuação dos cartuns de *Columbus*.

Até onde pude localizar, a última participação de Zuca na revista ocorreu no número 33, com a publicação do desenho-painel *O Mágico de*

³² Há, porém, uma diferença importante entre as duas versões. Em *Papagaio Verde*, publicado na revista *Arte em São Paulo*, os desenhos são acompanhados por textos que funcionam como legendas; na edição francesa, *Le Perroquet*, aparecem apenas os desenhos. A primeira versão possui dez páginas, enquanto a francesa tem apenas cinco e é assinada como Zuca Sardana. É possível que *Papagaio Verde* seja, na verdade, um folheto anterior, talvez dos anos 1970, posteriormente publicado pela revista.

Cartagena. Nessa edição, *Arte em São Paulo* já aparecia em novo formato, grampeada, impressa em papel couchê e com circulação em bancas.

Décadas depois, ao rever alguns dos desenhos publicados na revista, Zuca recordou também como chegara à *Arte em São Paulo*:

Não me lembrava desses belos desenhos!.... A marca da molinha expiral que junta as folhas indica-me que certamente pertencem à revista 'Arte em São Paulo', onde entrei graças a Wesley e Cacilda. Os arquivos de Jabuhrer são implacáveis. Merci Merci!...
Abrzzz / zuca

Le Perroquet



VERSÃO GAULESA DO IMORTAL
ORIGINAL CARIOCA "PAPAGAIO VERDE"
NUM GENTIL OFERECIMENTO DOS
AFAMADOS "CIGARRS MARAIBRAT"

*LUCA
SARDANA*

MALLARMÉ, A TINTA DAS LETRAS E A POESIA VISUAL DE ZUCA

Nos anos 1980, a Fundação Casa de Rui Barbosa organizou duas exposições dedicadas a escritores brasileiros que também desenhavam e pintavam: *A Tinta das Letras* (1987) e *A Tinta das Letras II* (1988).

A segunda mostra reuniu autores surgidos a partir das décadas de 1950, 1960 e 1970, incluindo nomes ligados à poesia marginal e às experiências gráficas contemporâneas. Entre eles estava Zuca Sardan.

Deste grupo, Zuca talvez fosse o caso mais radical, já que em sua obra o desenho não funciona como simples ilustração do texto. Palavra e imagem participam de uma mesma construção poética: uma interfere na leitura da outra, formando um objeto que não pode ser inteiramente reduzido nem ao poema nem ao desenho. Esse procedimento atravessa seus spholhetts, poemas, narrativas e peças teatrais.

No catálogo da exposição, Zuca foi apresentado assim:

Carlos Felipe Saldanha. Poeta, nasceu no Rio de Janeiro. Escreve com penas de Urutau. Ostenta várias medalhas. Perdeu grande parte das obras numa mala de crocodilo que fugiu e mergulhou na lagoa. Figura na Antologia 26 Poetas Hoje, coordenada por Heloísa Buarque de Holanda.

Poucos anos depois, em 1992, a Fundação Casa de Rui Barbosa voltou a incluir Zuca em outra exposição: *Stéphane Mallarmé — 150 anos*. A mostra reuniu materiais relacionados à presença e à repercussão de Mallarmé no Brasil, entre traduções, ensaios e obras de diferentes autores.

Entre os materiais expostos estava *Visões do Bardo*, com o poema visual-colagem *Un coup de dés*, cujo título remete diretamente ao célebre poema de Mallarmé.

A presença de Mallarmé atravessa diversos momentos da obra de Zuca, reaparecendo inclusive em livros tardios como *Voe no Zeplin*. Em seu universo, porém, a referência erudita ganha outro destino: Mallarmé transforma-se também em personagem patafísico.

Inclusive, Stéphane aparece como personagem central em alguns de meus folhettos. Ele gostava da Diva Merry, que

tinha um amante titular dentista americano riquíssimo, instalado em Paris... o Mallarmé sempre em apuros pra não ser surpreendido pelo Dentista, se escondia em vasos Lalique, da Diva Merry. Abrazzzzzzzzzzzzzzzzzzi / zuca.

Décadas depois, comentando *Voe no Zeplin*, o crítico Amador Ribeiro Neto³³ observou a permanência do acaso e do jogo mallarmeano nos poemas de Zuca:

Logo no início de Voe no Zeplin o leitor é convidado, num sagaz recurso entre jogo de cassino e poesia de Mallarmé, a fazer o lance de dados e escolher sua poltrona no dirigível: Pra reservar lugar / Faça dois lances / de dado. Se primeiro / lance der 6, / e segundo der 3, / Assento 63 é o seu. A sextilha se intitula “Oraklo”. Atemporalidade a olhos vistos. O leitor deve sentir-se pronto a viajar.”

³³ Contraponto, de João Pessoa-PB. Caderno B, coluna Augusta Poesia, 2015.



***CINEFOTORAMA*, LIVRO DE FOTOS DE JOSÉ MEDEIROS**

Em 2009, o Instituto Moreira Salles publicou *Cinefotorama*, livro que reuniu 48 fotografias em preto e branco de José Medeiros, muitas delas originalmente publicadas na revista *O Cruzeiro*. Zuca participou do volume com um guinhol escrito especialmente para a publicação.

Anos depois, ao recordar como o trabalho havia sido realizado, contou:

Um lance dos mais engraçados!... Eu fiz o guinhol baseado na sequência das fotos do livro, que a Editora me havia passado. Então, em várias crônicas e críticas que saíram, notificando o lançamento, os jornalistas diziam que o Zuca organizou a sequência das fotos, segundo o poema. De uma certa maneira, tinham razão... eu fiz o poema inspirado e seguindo a sequência das fotos.

A Editora aliás, considera os dois trabalhos como sendo dois originais interrelacionados, mas independentes. O texto de abertura começava como um pregão de feira, cinema ambulante ou parque de diversões popular:

Cinefotorama
Aproveitem que é hoje só!...
abatimento especial pra você
na boca do guichet...
Zé do Flash de atalaia
trazemos surpresas
flagras a granel!...
nas caravelas de Cabral
em vez de Camões
vem Caminha
pra descobrir o Brasil.

MICROEDITORAS, PLAQUETAS E NOVOS SPHOLHETTOS

Nos anos 2000, a obra de Zuca encontrou novos espaços de circulação em pequenas editoras e coleções independentes, muitas delas voltadas à poesia e a publicações de pequeno formato.

Uma dessas publicações foi *Eletrogramas* (2001), lançado na coleção Moby Dick, da 7Letras. De pequeno formato, o volume reunia poemas manuscritos e desenhos de Zuca. Ao recordá-lo, o poeta escreveu:

Moby Dick é uma coleção tamanho A-6, ou seja tamanho de bloquinho pra bolso de colete, inventada, criada e dirigida pelo Carlito Azevedo. Fiz então todo o livrim já nas dimensões diminutas, com poesias manuscritas e desenhos. Chama-se... plek-plek-plek!... Agora m'escapa o nome. Carlito Azevedo me convidou pra participar de sua coleção... que saiu uma grazzola de micro-folhetinho ilustrado e calligraphado.

A lembrança de Zuca difere, nesse ponto, do relato de Marília Garcia, segundo quem a coleção Moby Dick foi criada por Jorge Viveiros de Castro, editor da 7Letras. Produzida dentro da própria editora, a coleção reunia publicações de pequeno formato e tiragens reduzidas.

O pequeno formato, a tiragem reduzida e a produção realizada dentro da própria editora aproximavam *Eletrogramas* das experiências artesanais que acompanhavam Zuca havia décadas.

Anos depois, Marília Garcia voltaria a publicar Zuca pela Luna Parque, em duas pequenas plaquetas: *Vinhetas* (2015), em parceria com Alice Sant'Anna, e *Sebenta Pyrosophica — do Lyceu Pitanga* (2018).

Em *Sebenta Pyrosophica*, Zuca retomava explicitamente a tradição dos antigos gibis-poemas e folhetos ilustrados: *ztória-em-quadrinhos de Zuca Sardan*.

Mesmo produzidas com recursos gráficos contemporâneos, essas pequenas edições mantinham a presença dos desenhos, ornamentos, vinhetas e textos manuscritos característicos da obra de Zuca.

Abaixo, um dos poemas que consta do *Eletrogramas*:

A PONTE

Para ser Dante
é preciso
ter tato e vocação
Beatriz menina
vem chegando
bota o pezinho na ponte
o tempo é um relógio
roda roda
volta pra trás

Publicada em 2015 pela Luna Parque, *Vinhetas* reúne poemas de Alice Sant’Anna e Zuca Sardan. O volume coloca em diálogo a série *Kakerlaks*, de Zuca, com *Ombros caídos*, de Alice; os desenhos e a capa são de Zuca. Na apresentação da editora, o livro é descrito como um encontro entre “o desconcertante humor em versos e desenhos de Zuca Sardan” e o retrato construído por Alice Sant’Anna.

Da série *Kakerlaks*, reproduzo o poema Tramoias:

TRAMOIAS

Não vou embarcar
por tramoias de Caronte
de simoke na canoa
Não sou defunto
de primeira viagem.

Zuca acompanhava com atenção também o aspecto gráfico dessas pequenas edições. Ao comentar as publicações, escreveu:

O ‘Pyrologia’ é especial... além das poesias, as ztampas são primorosas, grazzas à refinada técnica gráfica da Marília. O Vinhetas tem umas ztampinhas ovais preciosas. Se tenho este novelo sem fim de micro-publicações, é grazzas a minha Bendita Santa Sostrata que me protege. Tenho os meus Santos e Santas que me guardam, porque a Carga Contra é poderosíssima... Abbrazzzzi / zzzuca
BB
BBBBBB

A dimensão sonora da poesia de Zuca, presente também em suas gravações, não se separava inteiramente de sua escrita visual. Ao declamar seus poemas, Zuca vocaliza também onomatopeias, repetições e ruídos inscritos na página, fazendo da leitura uma espécie de performance sonora. Esses recursos incorporam, visual e foneticamente, estilhaços verbais que aproximam sua poesia das experiências dadaístas e da linguagem das histórias em quadrinhos. Marília Garcia chegou a homenagear esse procedimento no livro *Um teste de resistores* (2014), com o poema-mantra:

tztaratztaratztaratztaratztaratztaratztaratz.

Em 2017, a Editora LopLop publicou *Zaz Traz*, pequeno folheto gráfico composto de cartuns sem palavras, com introdução de Marcus Rogério Salgado. Editado por Alex Januário e diagramado por Natan Schäfer, teve tiragem de cem exemplares. Segundo Zuca, a edição esgotou-se em apenas dois meses.

Três anos mais tarde, surgiu *Paradiso Perduto* (Curitiba: Contravento Editorial, 2020), plaquete artesanal organizada por Natan Schäfer. O volume reúne 36 sextilhas, 36 desenhos miniaturizados, 36 oráculos e 36 taroks. A primeira versão, de formato reduzido, ganhou posteriormente uma edição ampliada. Zuca acompanhou com entusiasmo o resultado gráfico e descreveu a publicação como um primor de arte gráfica. Sobre o acabamento sem lombada, comentou que fora pensado pro leitor se deliciar admirando o molejo super requintado da encadernação.



O EXÍLIO DO REY PHILOSOPHO

"DO NOVO MUNDO, TANTOS SÉCULOS
ESCONDIDO, E DE TANTOS
SÁBIOS CALUMNIADO, ONDE
NÃO CHEGARÃO HANNON COM
AS SUAS NAVEGAÇÕES, HERCULES
LYBICO COM AS SUAS COLUMNAS,
NEM HERCULES THEBANO
COM AS SUAS EMPREZAS..."
PODEREMOS TOMAR NOSSA
CERVEJINHA SANSARA ...



HOMÍLIA PRAGMÁTICA

"ENFIM, QUE HAVEREMOS DE
PREGAR HOJE AOS PEIXES ?
NUNCA PIOR AUDITÓRIO.
"... SUPOSTO ISTO, PARA QUE
PROCEDAMOS COM CLAREZA,
DIVIDIREI, PEIXES, O VOSSO
SERMÃO EM DOIS PONTOS : "
O PRIMEIRO, ANTES ;
E O SEGUNDO, DEPOIS,
DO JANTAR. VINDE, POIS... "

EDIÇÕES CARTONERAS

Nos anos 2010, a obra de Zuca passou também a circular por meio das chamadas editoras cartoneras, projetos editoriais independentes conhecidos pela produção artesanal de livros com capas de papelão e tiragens reduzidas.

Nesse circuito foram publicados *Voe no Zeplin* (Maria Papelão Editora, 2014) e *Xorox Kopox — Horóskopo Inca* (Vento Norte Cartonero, 2017). As duas edições foram realizadas em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, com a participação do editor peruano Fernando Villarraga.

Ao me falar de *Voe no Zeplin*, Zuca resumiu à sua maneira as aventuras que atravessam as 36 sextilhas do livro:

Há um livrim *Zuca lanz*. 2014 pela editora papeleira Maria Papelão, de Sta. Maria, RS, com 36 sextilhas, e ilustrações de Zuca, *Voe no zeplin do Barão Bock*, palco de eletrizantes aventuras começando com um romance do Sol e da Lua bem sacudido, a seguir no Zeplin um caso cabeludo de Charles Baudelaire (Xarles) com sua pretoca Jeanne (Carmita), surge o Albatroz Postal do Xarlox, / Parca Nova ou Porca Velha / ninguém arrolha nosso Porvir/ Cramuru solta um tiro Paff! / Ararigboya ralha Portuga, / tenha calma no Brasil"/Valquírias de coxas jambo/ brada o Barão de luneta/será que de Zepp chegamos/ à Lua?... Ai!... qu'escurinhas/ as pastorinhas da Lua Preta... / Ai!, que chegamos na Bahia!... / Zepling encalhou /de gomos nos recifes/ da praia de Knossos... / A todas essas diz Pacifé/ Cuidado com Minotauro/ o Bilu-Bilu da Mamãe / Barão entra no armário, / que chegou o Minotauro! / Minoto, o Zepp encalhou/ e o Barão de tristeza morreu/ Carcaça o mocho comeu. / Cruel Destino, Mamãe... / Labirinto, o Palácio da Paz, /Creta na bonança feliz... /Mas Ariana pacóvia... /cismou!... de dar o fio/pro cafona Teseu!... / / Mas porque, Minoto, /tripudias a tua Pacifé?... /a tua mãezinha tão doce... / espargindo santas virtudes... / Mamãe, enganaste Papai /e os cornos fui eu que levei. / Cantemos, antes/que o Barão morto/ no armário comece/a feder, e tenhamos de chamar carpideiras / Chamo eu antes o Baco /Minoto dança passacalha/no sóbrio velório do Barão/que logo virou balmasqué/Minoto canta: Se o Barão/Bock comeu Mamãe presto/passo os cornos pro Papai. /Que Minoto de beber/tombasse de borco/Bock esperou/pra do armário sair/Barão redivivo, cena derradeira do pastelão/Berta e Bayer tocam/ clarins no salão nobre/Barão Bock de

fardão/com refulgentes medalhas/da Prússia e da
 Crimeia/da Lapônia e da Carélia/Diz à socapa Bock pro
 Folino/ Os índios Caetés grelharam o Bispo
 Sardim/aprenderam muito de latim/e Escolástica mas
 pouco/de nosso fernaklo / Vou ver se descubro um exemplar
 sobrando nas minhas caóticas estantes, e te passo.
 Abrazzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzos / zzzzzz
 BB
 BB



Sobre *Voe no Zeplin*, o crítico Amador Ribeiro Neto³⁴ publicou:

As aventuras do caçador de esmeraldas espelham-se nas do Zeplin – às avessas. Ao elogio bilaquiano do progresso e do nativismo, Zuca nos dá um mundo à revelia e sem fronteiras. Gonçalves Dias anota sobre o uso das sextilhas: adotei por meus a frase e o pensamento antigo, procurando tornar o estilo liso e fácil, que não desagradasse aos ouvidos de hoje. No aspecto formal a proposta cai bem ao livro de Zuca Sardan. Aqui tudo flui leve, livre e solto. E agrada.



Anos depois, Zuca recordou também a proximidade entre as duas experiências cartoneras de Santa Maria:

É um horóskopo Inca que não falha! da cartonera Vento Norte também de Sta.Maria, RGS, um pouco posterior ao Zeplin, e editado na esquina do outro lado da praça onde se encontra a Maria Papelão. O Xorox foi editado pela segunda editora do mesmo Índio Louco Peruano Fernando Villarraga, muito gentil... Sua esposa, Teresa Cabañas é uma professora e crítica literária gentilíssima, foi ela quem me recomendou ao Fernandong, e que segue, sempre minha boa amiga, inclusive foi quem me recomendou também

³⁴ Contraponto, de João Pessoa-PB. Caderno B, coluna Augusta Poesia, dia 23 de janeiro de 2015, p. B-7

Doutor Finel, mercê de sua alta posição na República das Letras, elevou com seu magnífico Posfácio, o Zeplinao Zenith do Templo da Glória... e o Fernandong ficou no auge da felicidade, o que ensejou um convite ao Zuca pro lançamento dum segundo spholhetto, que foi o oraklo incaico Xoroxkopox, um nome sagrado que se pode ler da esquerda pra direita ou da direita pra esquerda. Chuchei um pouco o Chico, pra que aprontasse um novo pré ou pós fácio inconológico, que teria enorme influência em todo o Conho Sur da América Latina, e adrede na pacificação das seculares rivalidades diplomáticas entre o Brasil e a poderosa República do Mar da Prata. Creio mesmo que houve certa agitação na Antártica. Melhor seria, na Terra do Fogo, terra dos sonhos de Gordito Fabergé, que teria na Ilha da Páscoa, as tetas colossais duma Gigantona Patagona pra amamentá-lo, embora já tenha passado seu tempo de lactação, desperdiçado nas artificiais tetas de borracha com leite de cabra, de sua ama-seca Dona Custódia, que, despida de seus artifícios, nem sequer tetas tem. Mas Gordito, com seu corazzão de oiro, a quer bem.

Abrazzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzi /

183

NAUFRÁGIO NOTURNO

Traficantes de armas de fogo
e farinha de casca de côco
fizeram naufrágio
na borrasca moturma
e da velha chalupa
só sobraram destroços .



Na manhã seguinte
fiéis de Iemanjá
encontraram o corpo do Capitão
Péricles à beira d'água
dançando um maxixe .

Estava com os bolsos cheios
de maxixe moluscos
algas e ceramujos .

RECEPÇÃO E FORTUNA CRÍTICA DE ZUCA

Desde os anos 1970, a obra de Zuca passou a ser frequentemente associada à chamada poesia marginal ou geração mimeógrafo. A classificação, porém, não dá conta inteiramente de uma produção iniciada muito antes daquele movimento e marcada, desde os primeiros spholhetos, pela combinação entre poesia, desenho, colagem e edição artesanal.

Em 1982, Heloisa Buarque de Hollanda e Carlos Alberto Messeder Pereira, no livro-fascículo *Poesia Jovem Anos 1970*, da série Literatura Comentada, da Abril Cultural, caracterizaram a materialidade dos livros produzidos pela geração:

O livro como objeto pessoalizado e intransferível, fora dos padrões comerciais das editoras, denuncia uma mudança das relações dos poetas com a poesia. De feição gráfica orgânica e criativa, os novos livros de poesia surgem trazendo uma linguagem informal e desburocratizada, cujo maior empenho é justamente a fragilização entre os limites da vida e a obra.

Embora a passagem trate da geração de modo geral, muitas dessas características se aproximavam das práticas editoriais que Zuca já desenvolvia havia décadas.

Em 25 de setembro de 1994, Alberto Alexandre Martins publicou na *Folha Ilustrada* a resenha *Poemas do Riso e do Silêncio*, dedicada a *Âs de Colete e Osso do Coração*. O crítico chamou atenção justamente para a permanência da dimensão artesanal da obra, mesmo depois de sua chegada a uma editora:

Osso do Coração e Âs de Colete, seus primeiros trabalhos com chancela de editora, confirmam que Zuca é, dos companheiros de antologia, o mais fiel aos métodos precários de reprodução e distribuição. Editado com todos os cuidados industriais, o livro reproduz a assemblage artesanal de Sardan.

E concluía:

É que para ele a impressão borrada e avulsa, a tiragem de fundo de quintal, não são circunstanciais de momento, mas condição estrutural de sua sátira.

Marcelo Pen dedicou a Zuca o texto *Teatro Morpheo apresenta as estripulias de Zuca Sardan*, publicado em *Dossiê Poesia Brasileira 1*. O material reunia um “Auto-Retrato de Zuca Sardan” e uma entrevista com o poeta.

A obra de Zuca também aparece em estudos dedicados à relação entre literatura e diplomacia. Na tese defendida na Universidade Federal Fluminense em 2015 sobre Francisco Alvim, Célio Diniz incluiu Zuca no panorama dos poetas brasileiros que seguiram a carreira diplomática.

Em 2018, Amador Ribeiro Neto voltou a situar Zuca no âmbito da geração mimeógrafo ao incluí-lo em *Poesia Marginal: antologia poética, geração mimeógrafo anos 1970*, publicada pela Universidade Federal da Paraíba. A antologia reuniu Zuca a nomes como Ana Cristina Cesar, Cacaso, Chacal, Francisco Alvim, Glauco Mattoso, Paulo Leminski, Roberto Piva e Wally Salomão.

Entre os críticos que acompanharam mais de perto essa trajetória está Flora Süssekind, que escreveu sobre Zuca em diferentes momentos e examinou especialmente a materialidade de seus livros. Sua leitura merece, por isso, ser considerada à parte.

FLORA SUSSEKIND E OS “NÃO-LIVROS”

Flora Süssekind acompanhou a obra de Zuca em diferentes momentos, examinando sobretudo as relações entre escrita e imagem, a materialidade gráfica de seus livros, a colagem e o humor.

Em *Papéis Colados*, publicado na revista *34 Letras* (números 5/6), Flora abordou o *Manifesto Geometrista*; na segunda parte do ensaio, aproximando-o das experiências gráficas e narrativas de Valêncio Xavier.

Em *Literatura e Vida Literária: polêmicas, diários & retratos* (1985), Flora examinou Zuca no contexto da poesia dos anos 1970, chamando atenção para a dimensão gráfica de seus livros e para o modo como sua obra contrariava a expectativa das convenções biográficas e literárias.

Ao comentar *As de Colete*, *Visões do Bardo* e *Os Mistérios*, escreveu:

..mais parecem cadernos escolares baratos, sem pauta, nos quais o autor inscreve, à mão, desenhos, poemas, histórias e ainda se diverte com as mais variadas colagens: de figurinhas, recortes de jornal, gráficos e paisagens insólitas. De certa forma, leva as últimas conseqüências o jogo da poesia marginal, com o lixo, os resíduos do próprio cotidiano, com aquilo que cai de repente diante dos olhos e se registra apressadamente.

Em 2004, Flora retomou a obra de Zuca no ensaio *Não-Livros*, incluído em *A Historiografia Literária e as Técnicas de Escrita*. Ali, a crítica emprega a expressão “não-livros” para pensar obras que colocam em questão a forma convencional do livro, tanto em sua materialidade quanto nos modos de escrita e edição. Entre os autores examinados está Zuca Sardan.

Décadas depois, Flora voltou a dedicar um ensaio a Zuca. *Um desfile intempestivo: a volta de Zuca Sardan, o poeta delirante* foi publicado no suplemento *Ilustríssima*, da Folha de S. Paulo, por ocasião do lançamento de *Ximerix*, em 2013.

As leituras de Flora Süssekind acompanham, portanto, diferentes momentos da trajetória de Zuca. Dos livros manuscritos e mimeografados às edições comerciais tardias, sua crítica chama atenção para uma característica persistente da obra: a dificuldade de separar poema, desenho, objeto gráfico e performance da escrita.

INSTITUIÇÕES SARDÂNICAS

Em entrevista concedida a Francisco Alvim em 2013, Zuca falou sobre algumas das instituições imaginárias que povoam seu universo: o Lyceu Phithanga, o Theatro Morpheu, o Circo Pery e a Graffica Gralha.

Francisco Alvim³⁵ perguntou:

O Lyceu Phithanga, o Theatro Morpheu, o Circo Pery, a Graffica Gralha... são poderosas instituições sardânicas, pontas de lança de um altaneiro pensamento libertário que espetam tudo que aporrinham e agacha os homens; e que instalam no

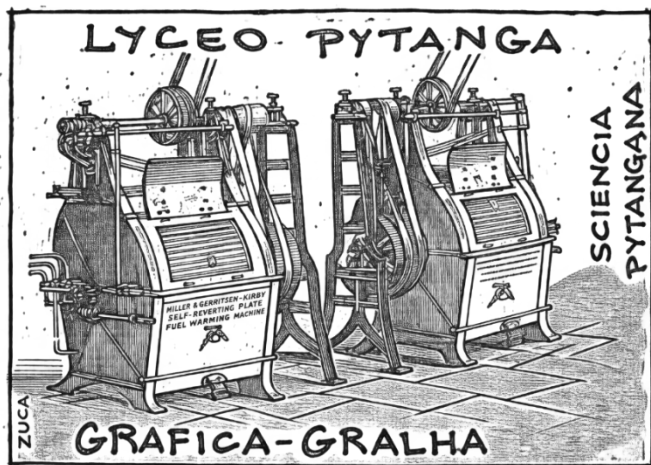
³⁵ ALVIM, Francisco. “Francisco Alvim entrevista Zuca Sardan”. Entrevista publicada no blog CDL, atribuída à Gráfica Gralha, 7 jul. 2013.

espírito daqueles que tem a felicidade de freqüenta-las o estado da sonhada revolução permanente. Fale-nos um pouco delas.

Zuca respondeu:

O Lyceo, O Circo, a Graffica, são instituições phataphysicas que, pelo mesmo processo de humor-de-segundo-grau, se incorporam no Pressuposto Geral, numa possessão às avessas das usuais: em vez de um médium ser possuído por um Santo ou pelo espírito de um falecido, aqui é o Phataphysico que se incorpora no Pressuposto, que passa, possuído, a falar com a voz do Artista, num gozo platônico comparável ao de Lewis Carrol com Alice.

Lyceu, Theatro, Circo e Graffica reaparecem ao longo da obra de Zuca em livros, spholhetos, guinóis e correspondências, dando continuidade a uma geografia imaginária construída durante décadas.



ZUCA NA REVISTA *PIAUI*

Aos poucos fui descobrindo que a presença de Zuca na revista *Piauí* era maior do que imaginava: localizei colaborações em pelo menos seis números, entre 2007 e 2012, com poemas ilustrados, desenhos, cartuns e teatro.

A primeira colaboração que localizei apareceu na edição nº 4, de janeiro de 2007, com três poemas ilustrados, posteriormente chamados por Zuca de guinhóis: *Cromagnons (lampejos Pataphísicos)*, *Abagun (Lampejos Históricos)* e *Farniente (Imbróglia)*.

No nº 15, de dezembro do mesmo ano, publicou o poema ilustrado *Penhascos*. Na edição nº 37, de outubro de 2009, uma sequência de oito cartuns apareceu distribuída ao longo da revista. Em outubro de 2010, no nº 49, foram publicados dez desenhos em forma de cartas de baralho. No nº 57, de junho de 2011, Zuca ocupou duas páginas com a peça *Dramalhão Sucessório*, em dois atos. Por fim, na edição nº 64, de janeiro de 2012, apareceu uma série de doze cartuns.

A variedade dessas colaborações mostra como diferentes formas presentes na obra de Zuca encontraram espaço nas páginas da *Piauí*: poemas ilustrados, guinhóis, teatro, cartuns e desenhos.

A presença de Zuca em revistas continuou nos anos seguintes. Em janeiro de 2015, a *Revista E*, publicada pelo Sesc, trouxe na seção “Inéditos” *Cupido Proleta — dez lampejos*, em três páginas ilustradas por Marcos Garuti.

Entre os poemas está Justiça:

JUSTIÇA

A balança da justiça
tem gingar caprichoso
ginga pra lá pra cá
seu fiel é um fio das
barbas de Caronte

BABYLON E XIMERIX

Nos anos 2000, Zuca voltou a publicar por editoras de maior circulação. Em 2004, a Companhia das Letras lançou *Babylon — Mistérios de Ishtar*, livro no qual o autor apresentou o guinhol como uma nova forma literária.

Zuca esperava que o livro tivesse uma repercussão muito maior e, anos depois, recordou a experiência com seu humor habitual:

A única vez em que fui pago e editado foi com o meu *Ximerix*, lançado em 2013 pela minha saudosa Heloísa Jahn, então diretora da seção 'poesia' pela Ed. Cosac Naify, que me contratou, e recebi o tratamento do maior luxo, inclusive com viagem ao Brasil pra mim e Ingeburg, e longa tournée financiada com passagens de avião e estadias em magníficos Hotéis a começar em Paraty, no Festival Flip, e a seguir em São Paulo, Rio, Brasília, sempre com a maior promoção, noites de assinatura, apoio total.

Sobre o livro *Ximerix*, Heloisa Jahn, num depoimento a revista *Brasileiros*, definiu assim a poesia de Zuca::

A poesia de Zuca vive fora da língua, fora das imagens, fora do tempo, fora do território brasileiro. Ela vive onde vai a imaginação do poeta, e sua imaginação visita lugares a que nós todos, lentos que somos, não saberíamos chegar.

A aproximação com a Cosac Naify aconteceu por intermédio de Filipe Macedo e consolidou uma amizade intensa entre Zuca e Heloisa. Parte dessa relação sobrevive hoje nas correspondências preservadas por Maria Jahn, filha da editora.

Sim, Filipe Macedo é uma pessoa muito amável, e urdiu orquestrar minha aproximação com uma editora carioca então das melhores do Brasil, onde a esposa do Filipe ocupava posição importante, Heloísa Jahn, e nesta ocasião a conheci. O chefe-dono de empresa, deu uma lida no manus e aprovou, na hora, sua edição. Muito simpático e inteligente, super dinâmico e esportivo, adorava a motocicleta, sofreu um desastre terrível na estrada, acidente mortal. A editora ficou de heranzza pra irmã dele, boa senhora, mas duma supina incompetência total, tomou conta da direção e, em tempo record, conseguiu acabar com a editora, que sumiu. Mas graças a essa tentativa frustrada de edição, de que não me lembro qual fosse o manus, ganhei uma extraordinária amiga, Helô, que me lanzzou o *Ximerix*, na Editora Cosac Naif, então das primeiras do país, com apoio total e oferecimento duma super série de viagens e estadas no Brasil, pra mim e Ingeburg, o livro foi lanzzado na Flip em Paraty, e de lá fomos apresentar o *Ximerix* em São Paulo, Minas, Brasília

BB

Em uma delas, Zuca escreveu:

Minha querida Helô,
caprichei tanto tanto no preparo do Pato Natalino
que só ficou agora pronto, já de madrugada..
Tudo de bom pra ti, Corazón,
muitas felicidades!!!!
BACI BACI!!!
Zuca/Inge
~~~~~

[illegible]

zuca sardan - 2019

**JÂO**

192



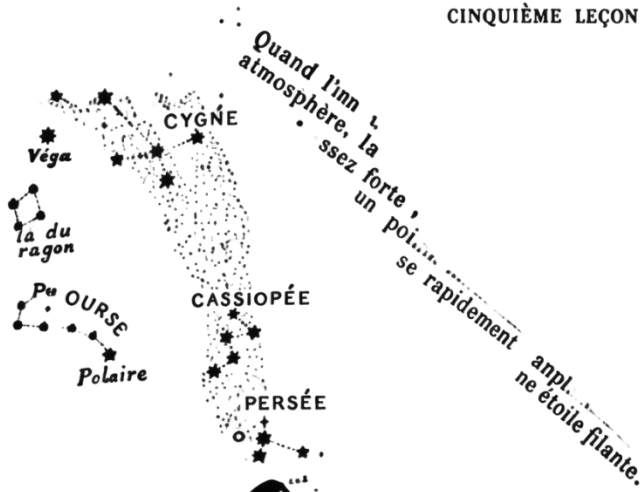
## MEMÓRIAS DE UM VELHO DIPLOMATA

...página da obra, em 18 volumes, a ser lan3ada pela Encyclopédia Labrosse... Meu holandês é um pouco antiquado, dos tempos em que Maurício de Nassau esteve no Brasil. Meu pai apoiava o Calabar, que colaborou ativamente com os batavos, um nativo esclarecido, o próprio Bom Selvagem do Rousseau... E, não obstante, Calabar foi enforcado pelos luso-brasileiros após da Batalha da Bororó, onde nossos índios tomaram o lado dos portugas. Menos o Calabar, que mais lúcido que seus companheiros de taba, achava que os holandeses, sobretudo os da corte do Príncipe Moritz, com seus pintores, qual Mestre Van Post, que pintou o tatu, o tamanduá e o papagaio, eram os representantes platônicos dum Brasil Batavo Monarquista, progressista, liberal e democrático. Veja só a Rainha Beatriz, uma representante dum feminismo ilustrado... Eu tive o privilégio de viver na Holanda durante o crepúsculo de seu Reinado... Em nossa visita oficial, da Embaixada à Rainha, após um ligeiro mal-entendido nas apresentações, ela decidiu que eu era o Ministro Político Cultural de nossa delegação, e sobre meu trabalho, ela conversou longamente comigo. Eu, por modéstia e gentileza, aceitei o cargo. O Embaixador procurou desfazer o mal-entendido, mas ela não aceitou. Palavra real não volta atrás. O Embaixador teve de aceitar o fato consumado.

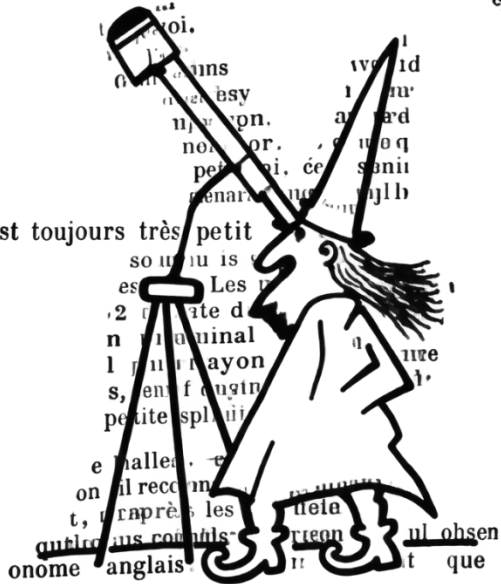
A memória diplomática se mistura, assim, à história, ao anacronismo e à fabulação. No mesmo movimento em que recorda sua passagem pela Holanda e o encontro com a rainha Beatriz, Zuca recua aos tempos de Maurício de Nassau e incorpora Calabar à própria genealogia imaginária. Restava ainda decidir em que língua publicar os dezoito volumes:

Talvez, em francês ou inglês, as memórias ganhariam mais difusão... Em italiano não, fica parecendo coisa de sacanagem, e em alemão ninguém lê. talvez seja melhor... escrever em holandês... preciso vestir meus típicos tamancos de madeira, fumar meu cachimbo de porcelana, e usar minha boina que pertenceu ao Rembrandt...

# CINQUIÈME LEÇON



Cet angle est toujours très petit

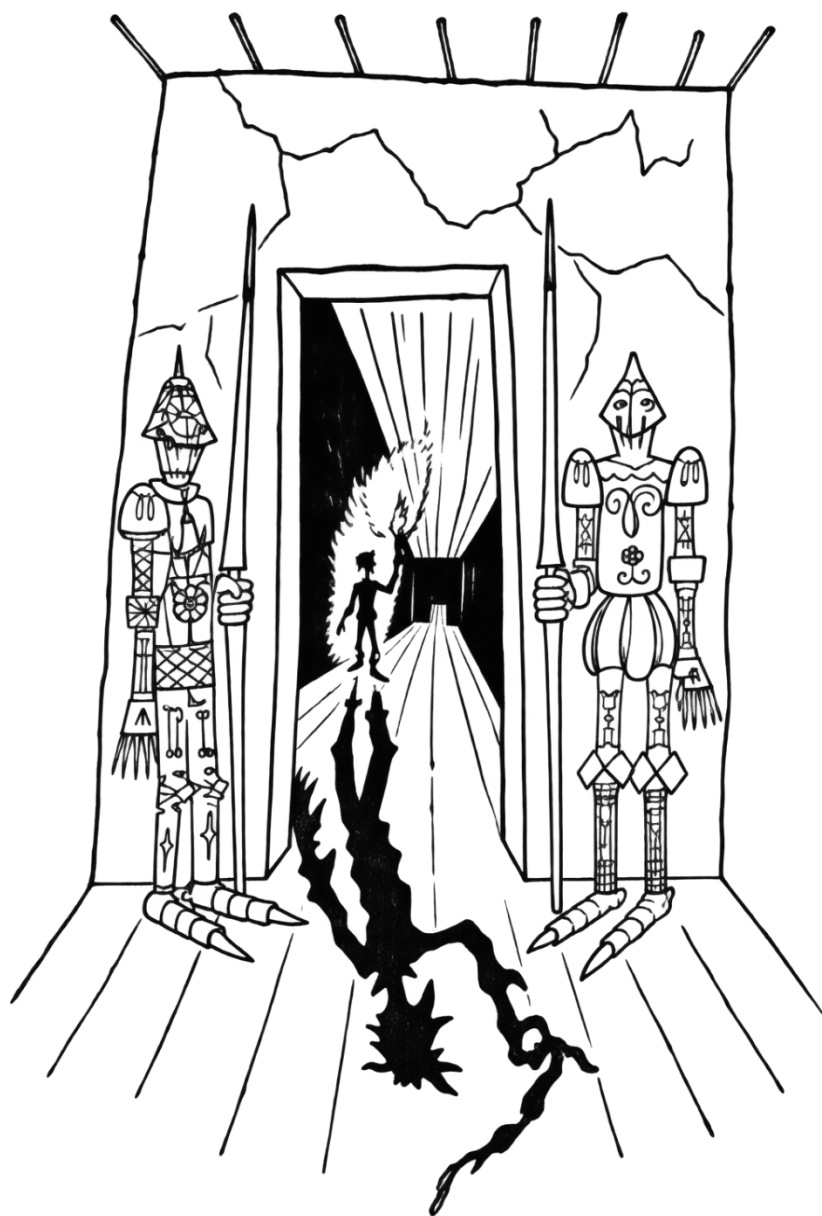




Décadas depois, no nº 2, de janeiro de 2013, da revista *A Phala*, publicou integralmente seu *Almanach Noscratambo*, folheto inspirado nas *Centúrias de Nostradamus*. O próprio Zuca explicou a origem e o funcionamento da obra:

*Almanach Noscratambo?...* é poesia-prophética. Trata-se de um livro mimeographado, por mim pessoalmente, em pouquíssimos exemplares, publicado em escala reduzida inteirinho em um dos collossais números d'*A Phalla*, minha homenagem às Centúrias de Nostradamus, que considero uma obra-prima da literatura mundial, e que resumi em 66 sextilas, transformando-as no Grande Oraklo que engloba todas as Centúrias da 1a. à última, numa compressão em 2 partes, com 66 quadritas ilustradas, uma pra cada sextilha, e que permite tirar o Oraklo em 3 lances de dado, creio. Foi um folheto grampeado, de que tirei umas 5 cópias, espalhei e... sendo que uma passei pro Sérgio Lima, que o publicou inteiro na Phala. O original, eu planejava ir te transmitindo aos poucos, via email. Assim, tentei ver se o achava na minha Bibliotheca Babylon... sumiu. E meu exemplar da revista Phala também sumiu. Algumas horas depois... a querida Ingeburg, minha mulher, vendo meu feroz desespero há horas procurando a revista, veio me ajudar e em meio minuto achou a *Phala* (nº2, de Jan. 2013), e, consultando o índice, lá vem, pag. 354, o título, pra toda a minha colaboração: "Kid Camarão Ataca de Novo!", autor: Zuca Saldanha. O nr. 2 da *phala* é colossal, um almanacão de 400 páginas! A capa do Manus tinha sumido, e os editores Sérgio Lima & J. M. Pérez Corrales, acharam fosse um detalhe. O Leitor, olhando pras duas primeiras páginas, 2 e 3, deverá deduzir que o nome seja 'Aruspícios', que é a palavra predominante sobre essas 2 primeiras páginas (do índice. abertas lado a lado) em maiúsculas, sobre o texto do índice. Abbrazzzzi / zuca

Zuca também me falou de sua participação no nº 3, primeiro tomo, informação que pude conferir nos fac-símiles enviados da Espanha por Corrales. Nesse número, *A Phala* publicou, em oito páginas, o folheto *E os fogos Caramuru apresentam agora Zuca Saldanha*.



## ZUCA E A INIMIGO RUMOR

Zuca foi um colaborador recorrente de *Inimigo Rumor*. As primeiras participações que localizei aparecem no nº 3, de setembro a dezembro de 1997, com os poemas *O Cysne*, *Meu coração posto a nu*, *A arte*, *Malaguenha* e *Últimos tostões*. No nº 7, de agosto a dezembro de 1999, publicou quatro poemas ilustrados por ele mesmo: *Napoli*, *Palácio vazio*, *O Tempora!* e *Ars longa*. Já no nº 12, do primeiro semestre de 2002, apareceram outros cinco poemas ilustrados: *Frenesim*, *Poema Árabe*, *Poema Inglês*, *Mas onde?* e *Mas quando?* e *Árboles*.

No nº 15, *Inimigo Rumor* dedicou 24 páginas a Zuca sob o título *O Poeta Patafísico*, reunindo a primeira parte de uma entrevista e uma antologia de seus trabalhos, alguns produzidos especialmente para aquela edição.

A apresentação anunciava:

*Zuca Sardan completou 70 anos este ano. Não menos misterioso e à margem do que nos anos 50, quando lançou, em tiragens mínimas, seus primeiros folhetos poéticos, ou spholhetos como gosta de escrever, que trouxeram, e continuam trazendo, desde então, para a poesia brasileira, uma dimensão patafísica originalíssima.*

*Aqui apresentamos a primeira parte da entrevista realizada com o poeta e uma antologia de seus trabalhos (alguns produzidos especialmente para esta edição).*

*No próximo número publicaremos a parte final da entrevista, seguida de textos sobre o autor (ensaios e depoimentos).*

*Do coração jamais desnudado ao Osso do Coração, eis o homem.”*

A segunda parte anunciada, porém, não consegui localizar. Perguntei a Marília Garcia, que participou da equipe da revista e acompanhou de perto a edição dos números seguintes. Ela me respondeu:

*Olá, João Antonio, tudo bem?*

*Eu tenho a impressão de que não houve essa segunda parte da entrevista... Posso averiguar aqui se saiu nos números 17-20, mas eu mesma acompanhei de perto a edição desses números da IR e realmente não me lembro de ter visto essa segunda parte, acho que só teve uma primeira parte mesmo.*

Zuca voltaria a aparecer no nº 18, com o poema *Zuca Sardan e o Kine-Theatro Moscazz apresentam*, publicado em três páginas.

Guardo ainda um texto de Carlito Azevedo, impresso em folha sulfite e aparentemente inédito, intitulado *Folhetins do mágico Sardan*. Nele, Carlito comenta o humor de Zuca e sua maneira de desmontar alguns dos grandes temas da poesia:

*Poeta, Zuca Sardan costuma usar a poesia, entre outras coisas, para castigar, bem castigado, certos temas e noções com que os poetas ditos profundos amam construir suas obras completas, como a Verdade & Mistério, & a Vida, & a Morte, a Eternidade & a Glória. É só recordarmos o poema “Ascetismo prático”: Nada quero e nada peço./mas enfim... / essas bolachinhas aqui/ eu vou comer; ou “Enigma egypcio”, Decifra-me ou te devoro... / Mas devagarzinho... bem devagarzinho...*

A presença de Zuca na revista também chamou a atenção de Cristiane Maria da Silva, que, no ensaio *Inimigo Rumor – Algumas considerações*, destacou a irreverência como um dos aspectos marcantes de sua poesia.

## **SALÃO DE JULHO – LIBRETO (2017)**

Em 2017, Zuca realizou com Pedro Alvim o libreto Salão de Julho, folheto de 24 páginas em papel couchê que acompanhou uma exposição de pinturas de Pedro em Brasília. A publicação atribui a Pedro Alvim a produção gráfico-editorial, os textos e os desenhos; a Zuca, os poemas, grafismos, colagens e remix.

Ao recordar a parceria, Zuca descreveu Pedro à sua maneira:

O Pedro é muito suscito, parece Índio Pele-Vermelha em filme farueste. Mal abre a boca. Me convidou pra participar deste folheto que foi lançado num exposição que apresentou no Salão dos Correios, de Brasília. A data, creio, deve estar no próprio folheto. Não consigo me lembrar quando foi, mas estou certo que terá sido nos fins do Sec. XX.

Entre os poemas de Zuca incluídos no libreto está *Silente Hill*:

## **SILENTE HILL**

Não há mais desvio  
possível para aqueles  
que avistam o sinal...

## **FILME RUÍNAS DE *NAVARONE* (2023)**

Outra parceria tardia aproximou Zuca do cinema. Em 2023, ele me escreveu contando a história de um filme que João Lanari e Pedro Alvim haviam inicialmente imaginado em torno de Chico Alvim. Como quase sempre acontece nos relatos de Zuca, é difícil saber em que ponto termina a memória do episódio e começa sua fabulação.

Olá Jabuhrrer, lembras-te que João Lanari e Pedro Alvim tentaram fazer um filme sobre o Chico? Apoiados por um pelotão de amigos queriam animar o Chico a sair duma terrível depressão.

O Chico ficou uma fera, não quis saber de filme nenhum. O Pedro então se lembrou de incluir o Zuca no grupo. Quando disseram pro Chico de minha inclusão no pelotão, o Chico caiu numa gargalhada colossal interminável, e o pelotão, comandado por João e Pedro, bateu discretamente em retirada. Mas o João Lanari também é uma teimosia de kamikaze, e após a expulsão do pelotão, bradava furioso na esquina um brado de guerra: 'Ferro na boneca!!! O Pelotão se afastou às pressas, só sobraram o Lanari e o Chico.

E... de bengala, na Alemanha, o Zuca.

Passaram-se a seguir vários meses... e agora então está pronto o filme, 'Ruínas de Navarone'.

Assisti ao filme pouco depois. Chamou-me a atenção sua atmosfera poética, quase de ficção científica: Brasília aparecia transformada num espaço estranho e ligeiramente distópico, enquanto Pedro surgia no papel de um pintor.

Zuca voltaria ao assunto em outro e-mail, mas, ao recontar o filme, transformou Brasília num cenário cada vez mais sardânico:

Pedrok, ora planejando uma exposição de sua pintura, participou ativamente na preparação dum filme delicioso, sob a direção do cineasta João Lanari e de Ana (esposa do Pedro), filmado em recantos desconhecidos da Floresta de Brasília, que só Pedro conhece, onde ele descobriu uma fortaleza portuguesa multissecular abandonada intacta, e pro filme ora reativada com soldados fardados em uniformes coloniais portugueses dos heróicos tempos do Brasil Colônia, a que os diretores do filme agregaram a belíssima campônia Sofia, do pequeno e alegre Vilarejo Verde, que se formou diante da protetora Fortaleza.. E todo o dia de manhã surge o Pintor Misterioso, de chapelão de palha, carregando telas e cavalete, e num samburá a tiracolo com telas, pincéis, tubos de tinta, luneta, e passa impassível, pela estrada entre a Fortalesa e o Vilarejo Verde, e segue em frente, a caminho da Floresta. Explode então a Música Tropicalista, de uma intensidade e alegria irresistível. O filme recebeu menção honrosa num Festival de Cinema. O Jabuty te passou cópia do filme? Repasse uma cópia de cópia pra Leleca, ela vai adorar.

BBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBB

## ANTOLOGIA COMENTADA DA POESIA BRASILEIRA DO SÉCULO 21

Em 2006, o jornalista e crítico literário Manuel da Costa Pinto organizou para a *Publifolha* a *Antologia Comentada da Poesia Brasileira do Século 21*, reunindo 205 poemas de 70 autores. Entre os poetas selecionados estava Zuca Sardan.

Manuel reuniu para este livro os poemas da série inédita *Rádio Carijó: Pireldo, Ilha, Teatro de Sombras Morfeo, Missa, Volta, Viagem à Lua, Remorso e Gráfica Gralha – 2006, 50 anos*. Reuniu ainda *Sereia e Borbulhas*, anteriormente publicados no caderno *Mais!*, da *Folha de S.Paulo*. Os poemas aparecem acompanhados por desenhos do próprio Zuca.

No texto que acompanha a seleção, Manuel da Costa Pinto destacou o modo como Zuca constrói seus personagens e reorganiza a linguagem a partir do erro:

*As personagens de sua poesia parecem saídas de um filme de pastelão dos irmãos Marx ou de contos de fadas narrados por um locutor alucinado. Mas o ilogismo de sua poesia não é gratuito – ou melhor, extrai da caótica mitologia ‘infantil’ imagens que compõem uma espécie de folhetim e reorganizam o mundo a partir do lapso de linguagem, da ‘gralha’ (termo que, no jargão da tipografia, designa um erro de impressão e que Zuca utiliza para definir seu processo de recriação de palavras, como nos seus poemas da Série Rádio Carijó).*

A observação toca num procedimento central da poesia de Zuca. A “gralha”, que ele transformou também em nome de sua gráfica imaginária, deixa de ser simples erro tipográfico para tornar-se princípio de invenção: palavras deformadas, lapsos, grafias deslocadas e acidentes da língua passam a produzir novos sentidos.



## **ZUCA NA FLIP 2013**

Em 2013, aos oitenta anos, Zuca Sardan chegou pela primeira vez à Festa Literária Internacional de Paraty, em meio ao lançamento de *Ximerix* pela

Cosac Naify. Na FLIP, participaria da mesa *Maus Hábitos*<sup>36</sup>, ao lado de Nicolas Behr, com mediação de Francisco Alvim.

A presença de Chico naquela mesa acrescentava uma dimensão particular ao encontro. Dias antes da FLIP, ele publicara *O Lance do Zuca*, texto em que recordava uma amizade iniciada mais de cinquenta anos antes, quando os dois frequentavam, no Rio de Janeiro, o curso preparatório para os exames do Itamaraty.

*Corriam os anos finais da década de 50. Frequentávamos, os dois, o curso preparatório para os exames do Itamaraty, em Botafogo. Ali nos tornamos amigos, grandes amigos para toda a vida.*

*Já praticávamos a poesia e logo me dei conta da natureza singular de seu talento, da originalidade de seu caráter e modo de encarar a vida.*

*Zuca tinha um Fusca azul lavado, em que corríamos a cidade – o nosso, para sempre nosso, Rio daqueles anos.*

*Guiava mal e seu estilo de dirigir repetia o de nossas absorventes conversas, que giravam em torno de tudo, de modo ziguezagueante e errático. Choviam buzinas e improperérios. Nunca o vi perder a calma. O máximo que se permitia era um ora ora, vá tomar banho, amolar o boi.*

*Nessas andanças, chegamos a compartilhar eventos memoráveis, pelo menos para nós, não sei se para alguém mais.*

Chico descreve ainda as tardes passadas no antigo Bar Alpino, no Leme, um casarão tirolês decorado como floresta bávara artificial, onde ouviam música executada por um quarteto de casaca.

Da memória do amigo de juventude, Chico passava então ao livro que levava Zuca à FLIP. Em sua leitura, *Xímerix* funcionava como um livro de adivinhações e, ao mesmo tempo, como uma espécie de oráculo sardânico:

*Livro predominantemente de adivinhas, destinado a encontrar respostas para as lupercais fantasias dos que irão consultá-lo. I Ching caboclo, dublê de oráculo de realejo, em cinco cadernos, que tem por fundamento o confronto físico, metafísico e patafísico com a indigitada das gentes (para lembrar Manuel Bandeira) a permear o balanço de poéticas e ideologias dos tempos bicudos que coube ao poeta viver.*

---

<sup>36</sup> FLIP 2013, Mesa 11 — Maus hábitos, com Nicolas Behr e Zuca Sardan, mediação de Francisco Alvim. Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ToBOIAAtLi1M&t=246s>

É preciso ler os versos de Ximerix no registro didascálico de apotegmas, bustrofédons, burlas e aforismas, como quer o autor.

O livro constitui-se ademais numa hilária sátira de estilos. O leitor com bom ouvido há de reconhecer nele desde os timbres da fábula clássica, da prosa libertina e dissoluta do século XVIII francês (tempos da Regência e do Divino Marquês, particularmente caros a Zuca), do lirismo do alto e baixo romantismo, até o das figurações mais e menos herméticas do simbolismo, seguidas das marmóreas do parnasianismo, tudo naturalmente revirado na técnica bustrofédons.

O alvo é o leitor que queira ter um molho de chaves que tranquem mais do que abram os significados e os sentidos; ou que os abram mais do que fechem, quando se supõe o contrário.

Porque na realidade o que todos desejam mesmo é ter todas as respostas. E Zuca ri e nos faz rir disso.

Na manhã de 6 de julho, os dois velhos amigos voltariam a se encontrar publicamente. Chico mediu a mesa *Maus Hábitos*, que reuniu Zuca e Nicolas Behr.

Em uma entrevista realizada por ocasião da FLIP, Zuca retomou alguns princípios de sua poética. Sobre a relação entre palavra e imagem, afirmou:

*a poesia ajuda a entrar  
nos desenhos e o desenho  
a entrar na poesia.*

Ao falar de *Ximerix*, associou as imagens da capa às pinturas rupestres e descreveu o livro como uma espécie de oráculo.

as rimas internas são mais subversivas

E, ao falar da relação entre arte e tempo, resumiu:

a arte quer fugir do tempo... a arte está fora do tempo.

A mesa teve o tom informal que o título prometia. Nicolas Behr abriu sua participação mostrando poemas em forma de cartazes, em diálogo com as manifestações que naquele momento ocupavam as ruas do país. Zuca, por

sua vez, transformou a leitura de seus poemas numa pequena encenação, dando voz e entonação aos personagens.

Na mesa da Flip, Zuca leu poemas, improvisou comentários e encenou publicamente seu universo patafísico.

Perguntado sobre o Professor Fumegas, respondeu:

Ah, bom, o professor Fumegas é e não sou eu. Eu represento o professor Fumegas, mas o professor Fumegas viaja muito, ele um cronista cósmico que atravessa o tempo e os espaços. Pode entrevistar Cleópatra, o que eu não posso, que pode estar na Babilônia, vendo conversando entrevistando Daniel na Cova dos Leões. E eu tenho a maior admiração pelo professor Fumegas dada essa sua ubiquidade. Ele está no Zepellin, é sobrevoando o Pão de Açúcar num céu turquesa. Pode estar em todos lugares que o som está, o professor Fumegas vai e entrevista as pessoas, ele é mais científico do que eu, fuma cachimbo, mas grandes, por isso que ele chama Fumegas, faz aquela fumaça, e dentro da fumaça está todo mundo do presente do passado e do futuro. E ele aparece em muitas das minhas obras e ele tem um grande amigo, o doutor Pantoja, e que está aqui presente.

Mas talvez o momento mais revelador tenha sido sua explicação sobre o Lyceu Pytanga:

Bom, no Lyceu Pytanga, uma instituição devotada a criar os Titãs e as Walkírias do porvir... O lema do Lyceu Pytanga, a regra primeira, enfim. O diretor do Lyceu Pytanga, ele diz eu dou dez ao aluno que colar melhor, o aluno que colar melhor ganha o grau dez, os cus de ferro ganham oito, por que?, porquê o cu de ferro ele se limita a repetir o que tá na apostila. E o colador, bem, tem o colador vulgar que se limita a copiar, este é o copista, a diferença entre copista e colador. O copista então repete o que o cu de ferro ao lado está escrevendo sem nem saber o que é que é. E aí quando as provas batem no Tio Girol que é o diretor do Lyceu, ele diz, ah isto aqui é cola, cola mal feita né, tem até uns erros aqui. Mas este não é o colador este é o copiador, então tira zero porque é um copiador, mas aí vem o colador e o que ele faz, ele pega o trabalho do cu de ferro e o transforma para o que o professor não veja onde está a cópia. Então ele cria, ele cria, o colador é um criador, é um artista.

Todo o poeta trabalha a linguagem, porque ele tem que caprichar pro professor não ver que ele está colando. A arte da cola. Então, eu sou um grande colador, confesso!

Anos depois, lembrando aquela leitura pública, Zuca escreveria:

Na récita, a numerosíssima plateia rolou de rir. Foi o maior sucesso de palco do Zuca... Foi uma espécie de sonho...

A passagem por Paraty ainda produziu outro trabalho. A pedido da jornalista Mariana Filgueiras, Zuca criou para *O Globo* uma série de desenhos sobre as manifestações de junho de 2013. A matéria, publicada em 7 de julho sob o título *Babel de visões sobre os protestos populares*, ocupou uma página do jornal. Os desenhos foram feitos durante a própria viagem para Paraty. Segundo o jornal, Zuca levava consigo canetas e papéis avulsos e começou a rascunhá-los dentro da van, *entre uma sacudidela e outra da estrada*.

Em e-mail, Zuca compartilhou comigo:

Muito grato, João, pelo apoio e apreço!!! Hoje te paço um doc. raríssimo, meus Lampejos, lidos p/ Zuca no anfiteatro da Flip-2013, no palco em que me apresentei com Chico e Nick. Abrzz/Z  
BBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBB

## **ZUCA SARDAN – LAMPEJOS – FLIP – 2013**

### **SANSÃO GODIVA**

Tirar a touca?... ora... Não use esporas, Godiva...  
JAMAAAAISSS!!! Mas chicote é preciso,  
Que tal então, Dalila, meu fiel Pangaré...  
raspar-me as barbas?... Então... só a pontinha

### **DEFUNTA INFANTA FANTASMA**

Mofada efunta Infanta República sem Banana  
manto da lantejoulas Fantasma sem ópera  
sorrisão se 33 dentes Jardineira sem regador  
ela gostou de você

### **DANTE**

SALOMÉ Dante sem loba  
Salomé sem bandeja Inferno sem porta  
Gato sem botas Natal sem peru

Tanga sem fio

### **MEDIDA**

GLÓRIAS O Porco é a medida  
Glórias Guirlandas de todas as coisas  
Messalinas Cérberos Mas o Homem  
Ratazanas Neros exagera na dose

### **VIRAGO MUAMBA**

Apaga o charuto, Pra passr o camelo  
George, que fedor!... de muamba pel'agulha  
Não sou Sílfi de, Fred, Há qu'espremer maneiro  
eu te avisei. o bundão da Soraya

### **QUIMERAS PALHAÇO**

As Quimeras pra não Um pouco brusco  
nos assustar fingem esse Palhaço etrusco  
que não são Só acha graça  
se você morrer

### **MORINGA**

A moringa?... ora pois CALENDAS  
... caiu no caminho... Segundo Doutor Calendas  
Só sobraram cacos, não há defunto sem problemas  
Heráclito... Escolhei bem vossos espinhos  
*Antes que as rosas se acabem*

### **DIABITA**

São Remitão, teu leitão VERMUTES  
morreu... Não chores Não fiques triste  
te trouxe minha porqueta Aristides  
sujita mas... gorduchota... Traga os vermute  
Gertrudes  
BBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBBB  
BBBBBBBBBBBBBBBBBBBB



## ZUCA PREFACIA SENRYU & ME DA LARANJA ORIGINAL

Em 2022, o poeta, letrista e humorista Carlos Castelo publicou pela Laranja Original o livro *Senryu & me*. Castelo já acompanhava havia anos a poesia de Zuca e, depois de escrever sobre ele na edição digital da revista *Bravo!*, os dois passaram a se corresponder. Quando preparava o novo livro, convidou Zuca para fazer a capa e a apresentação.

O convite chegou por e-mail:

*Bom dia, Zuca, tudo bem?*

*Eu fiz uma série de senryu, o haikai profano/satírico, e postei numa rede social.*

*Agora juntei-os e vou mandar à uma editora. Seria muita cara de pau lhe pedir uma apresentação para o livro?*

*Ou mesmo um parágrafo para a quarta capa?*

*Se quiser e puder, será uma honra. Em anexo, os poeminhas.*

*Abraço,*

*Carlos Castelo*

Quando o livro entrou em fase de edição, surgiu uma dúvida tipográfica. A editora estranhou os algarismos “3” usados por Zuca no lugar do “ç” e pediu que Carlos confirmasse se eram intencionais. Ele escreveu novamente ao poeta:

*Prezado Zuca, como vai?*

*O livro de senryu entrou em fase de edição.*



[illegible]

## Jarbas Lopes e a editora Kadê

A primeira publicação, uma plaqueta de 42 páginas, grampeada e de capa verde, preserva muito da linguagem gráfica característica dos spholhetos de Zuca, agora transportada para os recursos da impressão digital. *Carta*, por sua vez, é uma edição de 184 páginas, em capa dura, dedicada à correspondência entre os dois amigos.

Foi o próprio Zuca quem me chamou a atenção para o trabalho de Jarbas.

Jarbas montou com Katerina (sua esposa), uma gráfica espetacular. onde estão planejando uma série de livros do Zuca, uns de desenhos, outros de poesia(...)O velho não pode parar. Abrazzzi/Zuca

A correspondência entre Jarbas e Zuca permite acompanhar também o nascimento desses projetos editoriais. Em uma das mensagens, assinada por

Jarbas e Katerina, aparece o entusiasmo com a primeira publicação e a intenção de dar continuidade à parceria:

*Boas notícias trazem o tablóide ' Pasco Pompéia ', provavelmente, a essa hora, o ovo cosmo continua sendo chocado no cabaret.*

*Se tiver mais notícias, gostaria de ver.*

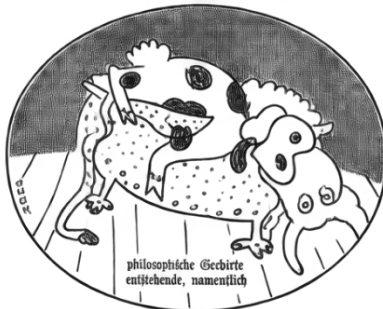
*E notícias de vocês ?Estamos bem e felizes por termos publicado um zineZuca, é maravilhoso ver pronto uma publicação sua e a boa recepção das pessoas, que conhecem e as que não conhecem a sua poesia. Resolvemos em cima da hora de preparar este zine, para uma boa feira de livros independentes, chamada Tijuana, que ocorreu no fim de semana passado.*

*[...] Nossa intenção e planejamento agora é de publicar três projetos com você, os seguintes: Uma série de zinesZucas [...] o livro que está quase pronto, no formato A5 e um projeto livro de artista no formato A4 [...]*

*Afetuosos abraços*

*Jarbas e Katerina*





BRUMA

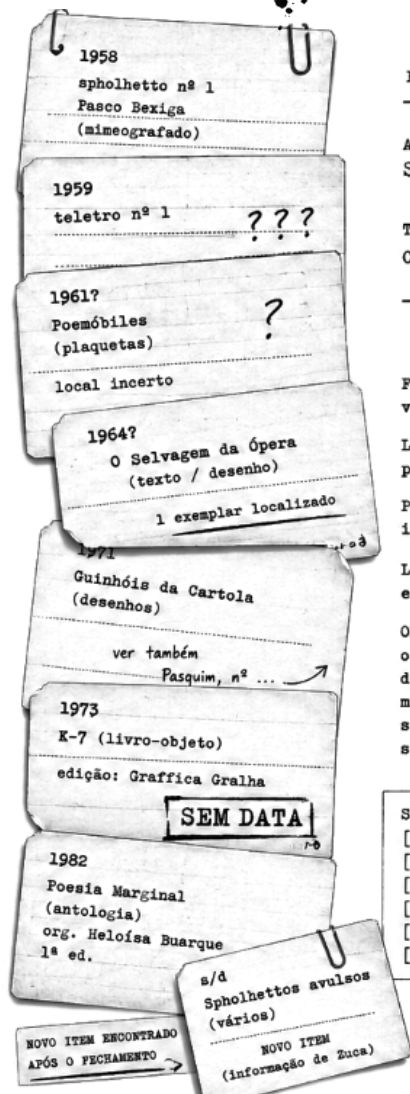
A Bruma do Tédio  
dá um algodãozinho  
fofão... pra tirar  
uma SONeca...  
na beira do Caos



NÃO ENCERRAR  
O CATÁLOGO

BBBBBBBB

# BIBLIOGRAFIA PROVISÓRIA DE ZUCA SARDAN



## FICHA CATALOGráfICA PROVISÓRIA

AUTOR:  
SARDAN, Zuca

TÍTULO:  
Obras completas:

IMPOSSÍVEL

FORMATO:  
variados

LÍNGUA:  
português / guinhól / teletro

PUBLICAÇÕES CONHECIDAS:  
incompletas

LOCALIZAÇÃO:  
em parte conhecida

OBSERVAÇÕES:  
o autor não fazia questão  
de guardar cópias.  
muitos materiais circulam  
sem data, sem edição,  
sem paradeiro certo.

### SITUAÇÃO DO CATÁLOGO:

- ☐ completo
- ☐ em revisão
- ☒ incompleto
- ☒ provisório
- ☒ sujeito a alterações
- ☒ sempre sujeito

+ 1 spholhetto encontrado  
(1960?)  
+ outro  
(ano incerto)  
+ outro  
(edição desconhecida)  
+ mais um  
???

VIDE GAVETA  
VIDE MALA POSTAL  
VIDE LUGAR INCERTO  
VIDE AMIGOS  
VIDE MEMÓRIA  
VIDE FUTUROS ACHADOS

Estabelecer uma bibliografia completa da obra de Zuca Sardan é tarefa difícil. Ao longo desta pesquisa continuaram surgindo folhetos, plaquetas, guinhóis, livros, revistas e jornais, alguns de circulação mínima e outros já não lembrados pelo próprio autor. Datas, títulos e até diferentes versões de uma mesma publicação nem sempre puderam ser determinados com segurança. A relação que segue é, portanto, necessariamente provisória e permanece aberta a acréscimos e correções.

As datas acompanhadas de ponto de interrogação correspondem a informações que não puderam ser confirmadas documentalmente. Quando foram localizadas edições distintas de uma mesma obra, elas são indicadas separadamente. Foram preservadas, sempre que possível, as grafias dos títulos conforme aparecem nas próprias publicações.

## SPHOLHETTOS, FOLHETOS E EDIÇÕES ARTESANAIS

*Cadeira de Bronze (1957)*

*Manifesto Geometrista (1958)*

*Operetta Inachevée (1958)*

*Le Visage de Tuli (1958)*

*O Dragão de Rodas (1964)*

*Rex Shinsbu (1968)*

*Bebbhè Gomão Anuncia (1968)*

*Poemas Zum (1969)*

*Diálogos do Professor Fumegas com o Busto de Napoleão (1974)*

*O Príncipe Strogonoff (1975)*

*No Fundo do Boné (1975)*

*O Pincenez Rachado* (1975)  
*Memórias Apócrifas do Professor Fumegas à Sombra da Mangueira* (1975)  
*Aqueles Papéis* (1975)  
*Quo Vadis, Brummel* (1976)  
*Annone* (1976)  
*Poemas* (1978), com Francisco Alvim  
*Ás de Colete* (1979)  
*Visões do Bardo – Figurinhas Rex* (1980)  
*Os Mistérios* (1980)  
*Almanach Sportivo* (1981)  
*O Segredo da Posteridade* (1982)  
*O Papagaio Verde* (1982)  
*Enigmas* (1982)  
*Columbus Illuzionista Methaphysico* (1982)  
*Novos Truques Methaphysicos – Columbus o Magnífico* (1983)  
*Parque Científico* (1983)  
*O Trono Ameaçado* (1983)  
*Le Perroquet* (1983)  
*El Parráro de Crystal* (1983)  
*Metham Orphosis* (1983)  
*O Jornaleiro Perneta* (1983)  
*Chantecler* (1983)  
*Arauto Universal* (1983)  
*A Eminência Griz da Corte do Rei Filipe* (1985)  
*Lundus Bem Azeitados* (1987)  
*Balladas de Dona Acidália* (1988)  
*Na Canoa de Caronte* (1988)  
*Sem Maiores Pertinências* (1991)  
*A Torre de Nesle* (1991)  
*Ellypse Mineira* (1991)  
*Folhas Sparsas* (?)

## OBRAS DE DATA INCERTA

*A Volta do Conde de Montechristo* (?)  
*Tentativa de Definição* (?)

*Réu Confesso (?)*  
*Noticiário Internacional (?)*  
*Nostradamus (?)*  
*Despilfarro Cósmico (?)*  
*Adolfinho Lacuca (?)*  
*Outras Fábulas (?)*

## **LIVROS E EDIÇÕES POR EDITORAS**

*Osso do Coração*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. 2ª ed., 2014.  
*Ás de Colete*. 1ª ed., 1994; 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.  
*La Muerte mi Violetera*. Madrid: La Torre Magnética, 1998.  
*Eletrogramas*. 2001.  
*Babylon: Mystérios de Ishtar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.  
*Ximerix*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.  
*Voe no Zeplin*. Santa Maria: Cartonera Maria Papelão, 2014.  
*Xorok Kopox*. Santa Maria, Vento Norte Cartonero, 2015.  
*Zaz Traz*. São Paulo: Edições Loplop, 2017.  
*Zuca* – Página, n.º 73 (2018)  
*Paradiso Perduto*. Contravento Editorial, 2019.  
*Carta*. Kadê, 2025. Correspondência entre Zuca Sardan e Sérgio Bessa.

## **PARCERIAS E OBRAS COLETIVAS**

*Circo Cyclame*, com Floriano Martins. Fortaleza: ARC Edições, 2016.  
*O Iluminismo é uma Baleia*, com Floriano Martins. Fortaleza: ARC Edições, 2016.  
*Eccolequá – Raridades da Graffica Gralha*. Fortaleza/São Paulo: ARC Edições/Editora Cintra, 2017.  
*Farelos do Mytho – teatro de farsas*, com Floriano Martins. Fortaleza/São Paulo: ARC Edições/Editora Cintra, 2017.  
*Asilo de farsas*, com Floriano Martins. Fortaleza/São Paulo: ARC Edições/Editora Cintra, 2018.  
*Oráculos Profanos – Theatro Automático*, com Floriano Martins. Fortaleza/São Paulo: ARC Edições/Editora Cintra, 2018.

*Zacatraca*, com Floriano Martins. Fortaleza/São Paulo: ARC

Edições/Editora Cintra, 2019.

*As Sete Tragédias de Sardanelo & Martinico* – Teatro Automático, com

Floriano Martins. Fortaleza/São Paulo: ARC Edições/Editora Cintra, 2021.

*Opra Sfola*, com Alfonso Peña. Fortaleza/São Paulo: ARC

Edições/Editora Cintra, 2021.

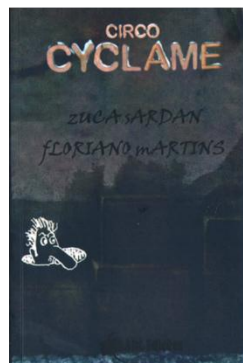
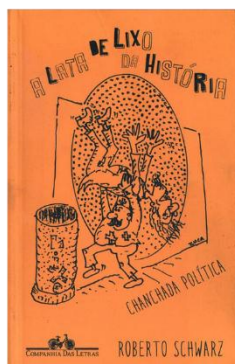
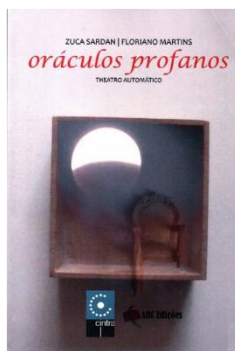
*Quarteto Kolax – Carroça patafísica*. Fortaleza/São Paulo: ARC

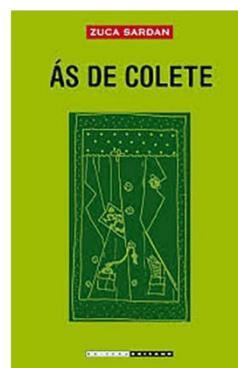
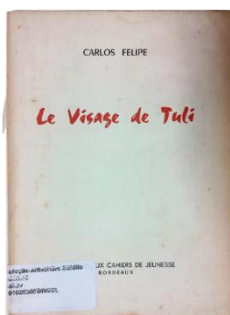
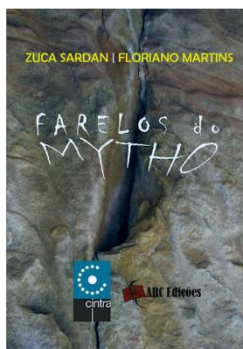
Edições/Editora Cintra, 2021.

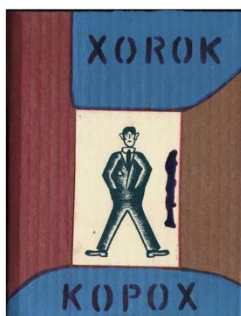
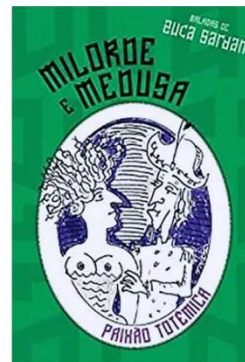
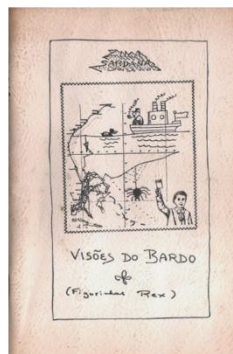
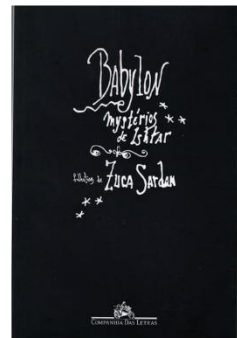
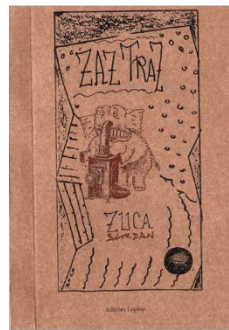
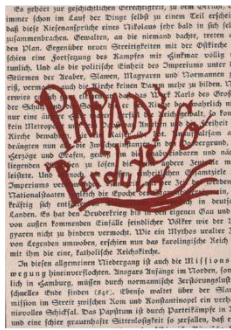


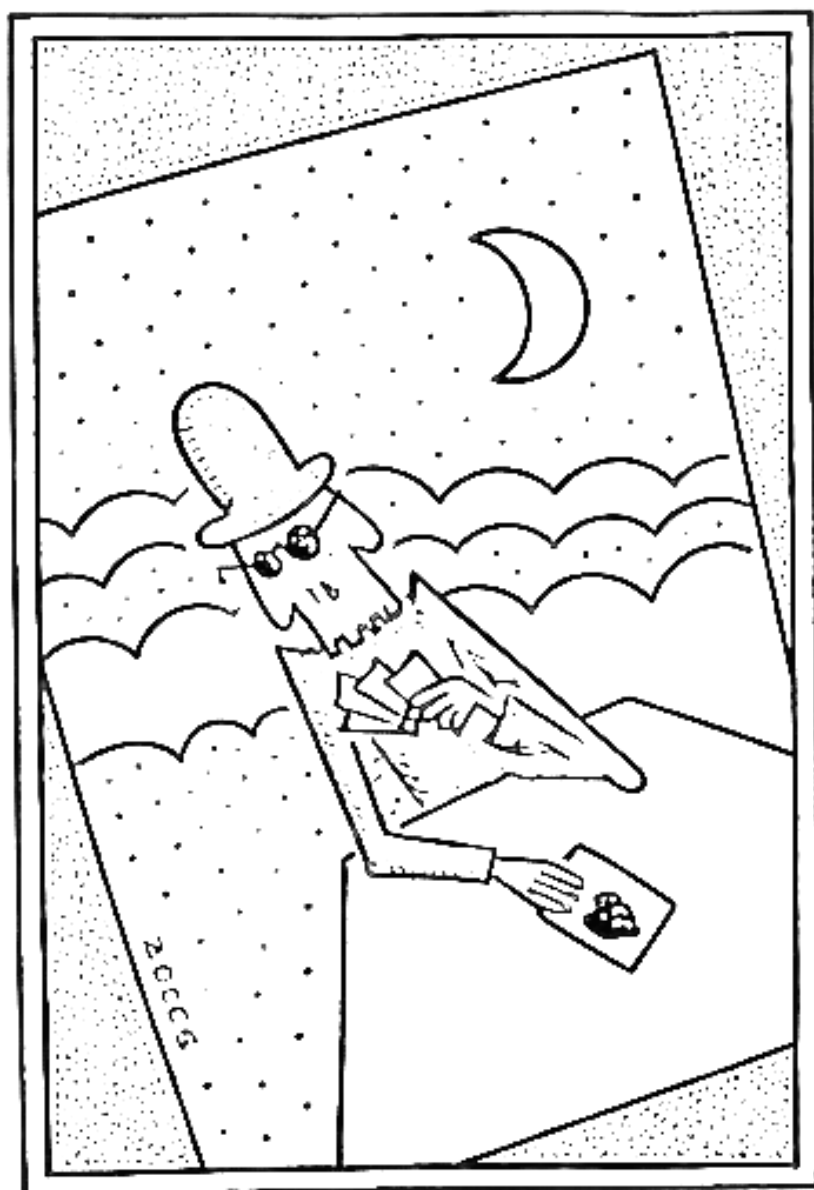
# UMA BIBLIOTECA SARDÂNICA

Uma pequena amostra da biblioteca sardânica reunida ao longo desta pesquisa.









## PALAVRAS FINAIS

Quando comecei a reunir material sobre Zuca Sardan, não imaginava a dimensão que esta pesquisa alcançaria. A cada folheto encontrado surgia outro; uma correspondência levava a uma revista, uma revista a uma plaqueta, uma plaqueta a um desenho, e quase sempre aparecia alguém guardando em alguma gaveta mais um pedaço dessa obra dispersa.

Talvez por isso este livro não possa terminar com a pretensão de ter encerrado o assunto. A obra de Zuca foi construída justamente pela dispersão: em livros, spholhetos, desenhos, cartas, e-mails, revistas, jornais, fitas, colagens e publicações de tiragem mínima. Muitas dessas peças sobreviveram porque alguém decidiu guardá-las. Outras certamente continuam por aí, esperando ser reencontradas.

Quero, por isso, registrar meu agradecimento às pessoas e instituições que tornaram possível esta pesquisa. A Cacilda Teixeira Costa, que generosamente cedeu inúmeros originais e autorizou a reprodução integral de seu texto sobre as relações de Zuca com Wesley Duke Lee; ao Instituto Wesley Duke Lee, que abriu suas portas à pesquisa; à Biblioteca Mário de Andrade, pelo acesso à rara revista *Arte em São Paulo*; à Biblioteca de Obras Raras da Unicamp (BORA), onde pude fotografar duas raras plaquetas; e à Fundação Casa de Rui Barbosa, pelo acesso a dois raros catálogos nos quais Zuca é mencionado.

A Luiza Strina, que permitiu a pesquisa da correspondência com Zuca; a Cláudio Martini, artista gráfico da Editora da Unicamp, que forneceu cópia de uma carta do poeta; a Carlos Castelo, pelo acesso à correspondência eletrônica trocada com Zuca; a Ana Borges, que franqueou o acesso ao acervo do *Pasco Bexiga*; e a Marília Garcia, que cedeu reproduções de duas plaquetas hoje fora de catálogo.

A Floriano Martins e à *Agulha Revista de Cultura*, pelas informações e documentos compartilhados ao longo da pesquisa; a Pedro Alvim, pelo depoimento e pelo acesso a materiais produzidos com a participação de Zuca; a Francisco Alvim, por autorizar a reprodução de seu texto; a João Padilha, pela extraordinária generosidade ao fornecer cópias digitalizadas de inúmeros folhetos raríssimos; a Maria Jahn, filha de Heloisa Jahn, que generosamente cedeu correspondências trocadas entre sua mãe e Zuca, algumas delas reproduzidas neste livro; ao Sebinho, por ter preservado e colocado em circulação parte desse material; a José Corrales, pelas cópias de

colaborações de Zuca em publicações surrealistas brasileiras e estrangeiras; a Mirna Queiroz, pelo acesso à revista digital *Pessoa*; a Amir Brito Cador, Jarbas Lopes e Alberto de Oliveira; e a todos os contemporâneos de Zuca que concederam depoimentos para este livro.

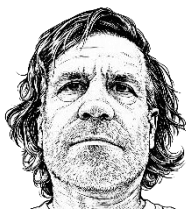
São muitas pessoas, e alguma ausência involuntária certamente terá ocorrido. Espero que seja compreendida.

E, no fim das contas, como dizia Zuca:

Qualquer prazer me diverte, mas nem toda tristeza me faz  
sofrer.

João Antônio Buhner

## SOBRE O AUTOR



João Antônio Buhner (São Paulo, 1957) é jornalista e bibliófilo. Integrou a equipe de pesquisa do livro *O Melhor da SR – Uma Senhora Revista*, de Ruy Castro, publicado pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Organizou diversas exposições sobre cinema, histórias em quadrinhos e literatura para o SESC, a Biblioteca Pública de Campinas e o Centro de Ciências, Letras e Artes. Durante muitos anos foi colaborador da página *Bigorna*, especializada em histórias em quadrinhos. Este livro sobre Zuca Sardan resulta de um longo trabalho de pesquisa, levantamento documental e investigação bibliográfica em torno da vida e da obra do poeta.

## PEQUENO LEXICON SARDÂNICO

### **Abbrazzzi / Abrzzz / Zzzuca**

Assinaturas mutantes usadas em cartas, e-mails e guinhóis.

### **Gardolina Bosdale**

Nome sardânico do cartão-postal.

### **Gordito**

Modo como Zuca frequentemente se refere a si próprio.

### **Graffica Gralha**

Gráfica imaginária responsável por spholhettos, jornais invisíveis e conspirações tipográficas.

### **Guignol / Guinhol**

Mistura de poema, teatro, cartum, carta, opereta e diálogo automático.

### **Lyceu Phytanga**

Instituição pedagógica patafísica especializada na arte da cola.

### **O-Ro-Rooooo**

Expressão de júbilo, espanto, desespero ou colapso cósmico iminente.

### **Plek-Plek**

Estado temporário de esquecimento ou pane mental patafísica.

### **Professor Fumegas**

Cronista cósmico, filósofo delirante e personagem recorrente do universo sardânico.

**Spholhetto**

Folheto artesanal mimeografado, xerocado ou graficamente sabotado.

**Teletro**

Nome dado por Zuca ao correio eletrônico.

**Ztampa**

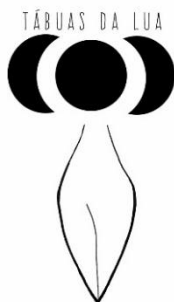
Desenho, colagem ou imagem incorporada ao guinhol.

*Qualquer prazer me diverte, mas nem toda tristeza me faz chorar – Estrepolias de Zuca*

Sardan © João Antônio Buhner, 2026

Coleção Tábuas da Lua

MamaQuilla Edições, ARC Edições



|                                     |                    |
|-------------------------------------|--------------------|
| Preparação de originais:            | Florianio Martins  |
| Edição e revisão                    | Elys Regina Zils   |
| Projeto gráfico, diagramação e capa | Elys Regina Zils   |
| Ano de publicação                   | 2026               |
| Fontes:                             | EB Garamond        |
|                                     | Cormorant Garamond |
|                                     | Courier New        |
|                                     | Special Elite      |
|                                     | 1942 Report        |
| ISBN                                | 978-65-02-34224-4  |



Indaial | Brasil  
[ed.mamaquilla@gmail.com](mailto:ed.mamaquilla@gmail.com)



Fortaleza | Brasil  
[florianio.agulha@gmail.com](mailto:florianio.agulha@gmail.com)

Abbrazzzzi / zzzzzzzzzzzz